

**UNIVERSIDADE DE ÉVORA**  
**CURSO DE MESTRADO EM SOCIOLOGIA - VARIANTE DE RECURSOS**  
**HUMANOS E DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL.**

**A Solidão Em Contexto Institucional**

Dissertação de Mestrado elaborada por:

**Elisabete Alexandra Gonçalves Candeias**

Orientadora:

**Prof. Doutora Maria da Saudade Baltazar**

**Évora**

**Maio 2010**

# **UNIVERSIDADE DE ÉVORA**

## **CURSO DE MESTRADO EM SOCIOLOGIA - VARIANTE DE RECURSOS HUMANOS E DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL.**

**Título – A Solidão em Contexto Institucional**

**Dissertação de Mestrado elaborada por:**

**Elisabete Alexandra Gonçalves Candeias**

**Orientadora:**

**Prof. Doutora Maria da Saudade Baltazar**



186351

**Évora**

**Maio 2010**



**Agradecimentos**

Depois de uma caminhada de dois anos, o presente trabalho é o corolário dessa caminhada na Universidade de Évora.

Deste modo, não posso deixar de agradecer à minha família e amigos pela paciência e apoio que sempre me transmitiram.

Gostaria também de agradecer a especial atenção, disponibilidade e confiança dos seis idosos residentes em duas instituições de apoio à terceira idade da cidade de Beja, por me terem recebido e confidenciado os seus percursos de vida. Estes idosos deram um importante contributo para a realização desta dissertação, sem eles nada seria possível.

O meu muito obrigado á professora Saudade Baltazar por ter aceite orientar este trabalho, e com a sua compreensão e disponibilidade me ter ajudado a na elaboração do presente trabalho.

Gostaria ainda de agradecer os contributos fornecidos pela professora Mariana Cascais nas aulas de Seminário de Investigação Social.

Não podia deixar de agradecer à Casa de Repouso Henri Dunant e à Fundação Nobre Freire, nomeadamente às Assistentes Sociais de ambas as instituições, por ter permitido a minha presença e me terem auxiliado junto dos idosos.

Agradeço também os contributos da Doutora Maria das Mercês Covas docente do departamento de Sociologia da universidade do Algarve e da Doutora Adelaide Malainho directora do Curso de Serviço Social na Escola Superior de Educação de Beja, pelos contributos fornecidos a este trabalho no âmbito das entrevistas exploratórias que me concederam.



**Obrigado!**

### **Resumo**

O Envelhecimento da população nos países industrializados e nos países em desenvolvimento tem suscitado grande discussão a nível político, económico e social. O envelhecimento propicia o aparecimento da solidão, nomeadamente da solidão em contexto institucional.

O presente estudo tem como objectivos geral contribuir para a compreensão da influência das trajectórias de vida, no processo de institucionalização da pessoa idosa.

Neste estudo levado a cabo em duas instituições da cidade de Beja, a casa de Repouso Henri Dunant e a Fundação Nobre Freire, foi utilizada a metodologia histórias de vida.

Através da análise das histórias de vida, podemos detectar que as trajectórias de vida influenciam os sentimentos de solidão em contexto institucional, na medida em que foi possível verificar que consoante o percurso de vida de cada um e a maior ou menor intensidade de contactos sociais e relações sociais, assim são vivenciados os sentimentos de solidão no interior das instituições.

**Palavras Chave:** Pessoa Idosa; Institucionalização; Trajectórias de Vida; Solidão

**Abstract**

The effect of aging on population of industrialized and developing countries has raised a Great discussion on political, economical and social level.

This effect of aging makes possible the loneliness appearance, mainly the loneliness in institutional context.

This study has the general aim to analyse and understand the trajectories of life influence in the old person institutionalization process.

In this study taken in two institutions in the city of Beja, the home Henri Dunant and Fundação Nobre Freire, it was used the stories of life methodology.

Through the stories of life analysis, we can detect that life trajectories influenciade our loneliness feelings in institutional context in such a way that was possible to verify according to each one life course and biggest or smallest social contacts and social relations intensity are therefore lived to loneliness feelings inside the institutions.

**Words: Old Person; Institutional Context; Trajectories of Life; Loneliness.**

**Índice Geral**

<b>Agradecimentos</b>	<b>3</b>
<b>Resumo</b>	<b>4</b>
<b>Abstract</b>	<b>5</b>
<b>Índice Geral</b>	<b>6</b>
<b>Índice de Quadros</b>	<b>8</b>
<b>Índice de Gráficos</b>	<b>8</b>
<b>Índice de Mapas</b>	<b>9</b>
<b>Índice de Fotografias</b>	<b>9</b>
<b>Índice de Siglas</b>	<b>10</b>
 <b>Introdução</b>	 <b>11</b>
 <b>CAPÍTULO I – Questões Metodológicas</b>	 <b>15</b>
1.1- Opção Metodológica	15
1.2 – Técnicas de Recolha de Dados	16
1.3– Tratamento e Análise dos Dados	18
 <b>CAPÍTULO II – Problemática em Estudo</b>	 <b>20</b>
2.1 - Envelhecimento Humano – Breve Perspectiva Global	20
2.2 – A Evolução do Papel Social do Idoso	22
2.3 – Pobreza e Exclusão Social	28
2.4 -Trajectórias de Vida	30
2.5- Sentimentos de Solidão na Pessoa Idosa	32
2.6- Respostas Sociais ao Idoso	35
2.7– Representações Sociais do Processo de Institucionalização	39
2.8– Políticas Sociais para a Terceira Idade em Portugal	41
 <b>CAPÍTULO III – Contexto da Investigação</b>	 <b>45</b>
3.1– Contexto Empírico da Investigação	45
3.2 – Fundação Nobre Freire	51
3.3– Casa de Repouso Henri Dunant	55

<b>CAPÍTULO IV – Análise de Conteúdo das Histórias de Vida</b>	60
4.1 – Perfil Sociológico dos Entrevistados	60
4.2 – Agregado Familiar	64
4.3– Trajectória de Vida	67
4.3.1 –Infância	68
4.3.2 – Juventude	71
4.3.3 – Aduldez	74
4.3.4 – Aposentação	78
4.4– Institucionalização	81
4.4.1 – Motivos da Institucionalização	82
4.4.2 – Acompanhamento Familiar	84
4.4.3– Vida em Contexto Institucional	86
4.4.4 – Trajectórias de Vida	90
 <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	 92
 <b>BIBLIOGRAFIA</b>	 97
 <b>Anexos</b>	 101
1- Políticas Sociais	102
2- Entrevista com a Assistente Social da Casa de Repouso Henri Dunant.	112
3- Entrevistas com profissionais ligadas à Terceira Idade.	116
4 – Histórias de vida dos idosos	124

Quadro 1 – Concelhos do Distrito de Beja	45
Quadro 2- População Residente, Variação e Densidade no Concelho de Beja	47
Quadro 3 – Estrutura Etária da População	47
Quadro 4 – Índice de Envelhecimento em 2001 %	48

### **Índice de Gráficos**

Gráfico 1 – Dimensão e distribuição da população mundial com 60 anos ou mais, 1950, 1975, 2000, 2025, 2050.	21
Gráfico 2 – Empresas com Sede na Região	49
Gráfico 3 – Idade	51
Gráfico 4 – Naturalidade	52
Gráfico 5 – Profissão Exercida	52
Gráfico 6 – Habilitações Literárias	53
Gráfico 7 – Agregado Familiar	53
Gráfico 8 – Local de Residência do Agregado Familiar	54
Gráfico 9 – Número de utentes por valência	54
Gráfico 10 – Idade	56
Gráfico 11 – Naturalidade	56
Gráfico 12 – Profissão Exercida	57
Gráfico 13 – Habilitações Literárias	57
Gráfico 14 – Agregado Familiar	58
Gráfico 15 – Local de Residência do agregado Familiar	58
Gráfico 16 – Número de utentes por valência	59

**Índice de Mapas**

Mapa 1 – Freguesias do Concelho de Beja	46
---	----

**Índice de Fotografias**

Fotografia 1- Fundação Nobre Freire	55
Fotografia 2 – Entrada da Casa de Repouso Henri Dunant	59

**Índice de Siglas**

PNAI – Plano Nacional de Acção para a Inclusão 43

PAII – Programa de Apoio Integrado a Idosos 43

INE – Instituto Nacional de Estatística 47



## **Introdução**

O estudo apresentado é o corolário de uma investigação sobre a problemática da terceira idade, mais especificamente sobre a solidão em contexto institucional.

Este trabalho visa a obtenção do grau de mestre em Sociologia na Universidade de Évora. A pesquisa decorreu entre Novembro de 2007 e Novembro de 2008, tendo como pano de fundo dois lares da terceira idade da cidade de Beja, a Casa de Repouso Henri Dunant e a Fundação Nobre Freire.

No que concerne à escolha do tema o mesmo deve-se às seguintes razões:

Em primeiro lugar, nas sociedades actuais verifica-se um aumento da esperança média de vida e consequente aumento do número de pessoas idosas, associado aos pesados encargos sociais que daí advêm (lares, pensões e assistência médica), bem como a uma mudança dos valores da família "Em formas mais antigas de sociedade, às pessoas mais velhas era geralmente devido muito respeito (...) nas sociedades industrializadas, pelo contrário, há a tendência para que os mais velhos percam autoridade, tanto dentro da família como na comunidade social" (Giddens, 2002:61).

Tendo em conta toda esta conjuntura, o envelhecimento passou de um problema de interesse social para um problema de interesse sociológico, "Para que um problema social possa ser considerado problema sociológico deve possuir as condições de regularidade, uniformidade, impessoalidade e repetição" (Gonçalves, 1969:12 citado por Carmo, 2002:61), sobre o qual um cada vez maior número de autores como Ana Alexandra Fernandes, Luísa Pimentel, Maria de Lurdes Quaresma, João Ferreira de Almeida entre outros se debruçam numa tentativa de encontrar soluções para os problemas que afectam esta faixa etária.

Em segundo lugar, prende-se com o enfraquecimento das redes primárias de solidariedade social, na medida em que a família cada vez menos consegue ter tempo para os idosos e como consequência desta situação deixa-os entregues às instituições de apoio à terceira idade.

Nas sociedades actuais, este pacto tende a desaparecer, pois apesar de se manterem os laços familiares, o cada vez maior individualismo “não existindo tempo para gestos lentos e conversas” (Paúl, 1996:85), leva a que as famílias tenham que recorrer às respostas sociais, nomeadamente aos chamados lares da terceira idade.

De acordo com Luísa Pimentel (2005:46), a perda de autonomia, o isolamento, a inexistência de redes de interacção que facilite a integração social e familiar da pessoa idosa e que garanta um apoio efectivo em caso de maior necessidade. A falta de recursos económicos e habitacionais, também influencia de certa forma a institucionalização.

Em terceiro lugar, a escolha do tema, prende-se com questões de índole pessoal, em grande parte ligadas à minha actividade profissional, na medida em que iniciei a minha actividade profissional na cidade de Beja junto da população idosa.

Actualmente na Santa Casa da Misericórdia de Santiago do Cacém continuo a trabalhar com esta faixa etária e a conviver diariamente com os problemas que a afectam, e para os quais nem sempre as respostas sociais e institucionais existentes são as mais eficazes.

Tendo por referência todo este conhecimento que me foi possível adquirir sobre a terceira idade, formulei a seguinte pergunta de partida como postulado para esta investigação. “De que forma é que as trajectórias de vida das pessoas idosas, influenciam os sentimentos de solidão em contexto institucional”.

Desta forma, é importante estudar as trajectórias de vida da população idosa, uma vez que estas constituem uma fonte de saber, ou seja, concentram em si um enorme património cultural, que permite ao pesquisador perceber a forma como o percurso de vida condiciona ou não a vida os sentimentos de solidão no seio das instituições.

A formulação desta pergunta de partida, foi bastante cuidada, na medida em que tendo por referência Raymond Quivy e Luc van Campenhoudt (1995), tentou-se romper com os preconceitos e as falsas evidências que a problemática da Terceira Idade pode revestir. Deste modo, pretende-se que esta seja uma pergunta de partida clara, que suscite um só sentido, perceptível e que constitua um espelho daquilo que se pretende estudar.

Por outro lado, pretende-se que a mesma seja realista, visto que se ambiciona através deste “fio condutor”, estudar realidades concretas e específicas de pessoas idosas que vivem em contexto institucional.

Deste modo, o presente projecto tem como objectivo geral contribuir para a compreensão da influência das trajectórias de vida, no processo de institucionalização da pessoa idosa. No que concerne aos objectivos específicos, pretende-se compreender a forma como os indivíduos idosos encaram o processo de institucionalização, assim como analisar a forma como as trajectórias de vida podem influenciar os sentimentos de solidão.

No que se refere, à estrutura do documento, o mesmo é constituído por quatro capítulos, Questões Metodológicas; Problemática em Estudo; Enquadramento empírico da investigação; Análise de conteúdo das histórias de vida.

No primeiro capítulo são apresentadas as características fundamentais da abordagem metodológica quem sustentam esta investigação, sendo que neste estudo foi privilegiada uma observação não participante, bem como a entrevista a informadores chave ligados aos idosos em estudo.

No segundo capítulo, promove-se uma caracterização das definições operacionais para a conceptualização das definições operacionais para a conceptualização do objecto de estudo, solidão em contexto institucional. São analisadas linhas de reflexão sobre a questão dos idosos, tais como: Envelhecimento e Velhice; Pobreza e Exclusão Social; Trajectórias de Vida; Sentimentos de Solidão na Pessoa Idosa; Institucionalização na Terceira Idade; Representações Sociais do Processo de Institucionalização; Políticas Sociais para a Terceira Idade em Portugal.

No Terceiro Capítulo, além da análise da inserção geográfica é efectuada uma caracterização dos utentes da Fundação Nobre Freire e da Casa de Repouso Henri Dunant, com base em documentação interna cedida por ambas as instituições.

No quarto ponto, é efectuada a análise das histórias de vida, efectuadas durante o estudo a três idosos do sexo feminino e três idosos do sexo masculino, onde através dos relatos se tenta perceber de que forma é que as trajectórias de vida influenciam os sentimentos de solidão em contexto institucional.

Este trabalho de investigação termina com as considerações finais, onde são apresentados os principais resultados da problemática em estudo, bem como hipóteses de trabalho para outras investigações.

**Capítulo I – Questões Metodológicas**

**1.1 - Opção Metodológica**

Na presente investigação partiu-se da seguinte pergunta de partida “De que forma é que as trajetórias de vida das pessoas idosas, influenciam os sentimentos de solidão em contexto institucional”.

Deste modo, o presente projecto tem como objectivo geral contribuir para a compreensão da influência das trajetórias de vida, no processo de institucionalização da pessoa idosa. No que concerne aos objectivos específicos, pretende-se compreender a forma como os indivíduos idosos encaram o processo de institucionalização, assim como analisar a forma como as trajetórias de vida podem influenciar os sentimentos de solidão.

De acordo com Albarello (1997:156) habitualmente o investigador tem tendência a desenvolver o seu próprio método em função do seu objecto de investigação, dos seus objectivos e dos seus pressupostos teóricos. A finalidade da análise qualitativa é a de desenvolver novos conceitos que explicam os comportamentos de actores sociais situados empiricamente, desenvolver relações entre diferentes conceitos e, simultaneamente fornecer exemplos empíricos que fundamentem a sua validade. A análise qualitativa consiste em descobrirem-se classes pertinentes de objectos, de acções, de pessoas ou de acontecimentos.

Segundo Demo (1993:128) citado por Martinelli, “A pesquisa é vista como um diálogo crítico e criativo com a realidade, culminando com a elaboração própria e na capacidade de intervenção. Em tese, pesquisa é a capacidade de “aprender a aprender”, e como tal, faz parte de todo o processo educativo e emancipatório” (Martinelli, 1999:34).

A pesquisa qualitativa é assim uma construção social, da qual o investigador participa, sendo que os fenómenos são compreendidos numa vertente histórica e holística, onde o pesquisador e o pesquisado estão em interacção permanente. Apesar de, ambas se complementarem há que salientar que cada tipo de pesquisa tem os seus pressupostos teóricos e práticos.

Os termos qualitativo e quantitativo tanto podem ser usados nas técnicas como nas pesquisas. André (1991:163) citado por Martinelli “Reservaria os termos qualitativo

e quantitativo para diferenciar técnicas de colecta ou tipo de dados obtidos e utilizaria denominações mais precisas para determinar o tipo de pesquisa desenvolvida: experimental, histórica, participante, participativa". (Martinelli, 1999:37).

Deste modo, o método qualitativo permite reconhecer a importância da experiência social do indivíduo, a quem se dirige a pesquisa.

### **1.2- Técnicas de Recolha de Dados**

Alternando as idas ao terreno, a leitura e a reflexão acerca dos dados que ia recolhendo, foi construída a fundamentação teórica – Procurando sempre estabelecer uma relação entre a realidade observada e a fundamentação teórica.

Durante o trabalho de campo foi utilizado um guião de questões de apoio previamente elaborado, a que se juntou um gravador para poder fazer a recolha mais completa das histórias de vida das pessoas idosas, bem como foi utilizado um diário de campo onde eram anotadas as expressões faciais, as pausas, os silêncios, assim como algumas considerações sobre o ambiente institucional e o comportamento dos idosos nas idas ao terreno.

Como procedimento para o apuramento da informação no terreno utilizou-se a observação não participante, assim como da observação directa dos idosos em ambiente institucional. Tal como nos diz Francisco Ramos observar e participar são duas dimensões metodológicas indissociáveis que permitem a interacção do investigador com o objecto de estudo " No meu entender, para se fazer observação participante não é preciso ir semear batatas, conduzir um tractor, partir lenha, casar com a informante. A minha integração foi um processo lento, progressivo e pacífico. Ela foi conseguida no dia em que comecei a ser solicitado para participar nas actividades locais e na resolução de problemas imprevistos" (Ramos, 1992:56).

Para uma melhor compreensão da realidade foram utilizadas entrevistas semi – estruturadas, entre os profissionais entrevistados destacam-se as assistentes sociais das instituições alvo do estudo (Ver Anexo 2), visto serem as profissionais dentro das instituições que maior proximidade tem com os idosos em estudo, sendo que esta forma de recolha de informação é uma via de acesso a dados não disponíveis através da análise documental, e que permitem caracterizar de forma mais fiável a vida em contexto institucional. Para complementar o trabalho de campo, foram aplicadas

entrevistas exploratórias também a duas profissionais ligadas a investigações com esta franja populacional, nomeadamente a professora doutora Maria das Mercês Covas, docente do departamento de sociologia da Universidade do Algarve e a professora doutora Adelaide Malainho directora do curso de Serviço Social na Escola Superior de Educação de Beja, os contributos e sugestões destas profissionais permitiram uma maior compreensão da realidade estudada. (ver anexo 3)

No que concerne à selecção dos idosos de quem foram elaboradas as histórias de vida, foi elaborada uma amostra intencional "O pressuposto básico da amostragem intencional é o de que, com «boa intuição e uma estratégia adequada, é possível seleccionar os elementos que devem ser incluídos na amostra os elementos da população tidos como típicos»" (Almeida et al, 1975:111).

Salienta-se ainda, que para a elaboração das histórias de vida foram seleccionadas seis pessoas idosas das duas instituições em estudo, três do sexo feminino e três do sexo masculino, sendo que para a selecção dos idosos foi tido em conta as capacidades mentais dos mesmos e a sua autorização para participar no estudo e darem a conhecer as suas histórias de vida, desde a infância até à actualidade.

Apesar da técnica histórias de vida, ser a técnica predominante neste trabalho de investigação, são também utilizadas outras técnicas como é o caso da análise documental nomeadamente de alguns documentos cedidos pelas respectivas instituições, assim como a observação directa "A observação directa é aquela em que o próprio investigador procede á recolha das informações, sem se dirigir aos sujeitos interessados. Apela directamente ao seu sentido de observação". ( Quivy et al; 1995:164).

**1.3 – Tratamento e Análise dos dados**

A história de vida é plena de significado, comporta um vasto número de significados que o indivíduo idoso atribui ao seu próprio percurso de vida. Desta forma, a técnica de análise de conteúdo, apresenta-se como a mais adequada para o tratamento destes dados, pois permite extrair pormenorizadamente a informação capaz de estabelecer relação entre os conceitos. De acordo com Bardin " (...) qualquer comunicação, isto é, qualquer transporte de significações do emissor para o receptor controlado ou não por este, deveria poder ser escrito, decifrado pelas técnicas de análise de conteúdo " (Bardin, 1997:32).

Desta forma, a técnica de análise de conteúdo consiste na descrição objectiva, sistemática e quantitativa do conteúdo manifesto das comunicações, logo, é necessário ultrapassar a incerteza, ou seja, é pertinente a realização de uma leitura válida, generalizável e susceptível de ser partilhada por outros.

De acordo, com Augusto Santos Silva (1987:95), na análise de conteúdo o investigador deverá ter em conta as seguintes etapas: numa primeira etapa, deverá proceder à justificação simples, ou seja, analisar a frequência que permite inventariar palavras ou símbolos chave assim como dos temas principais.

Numa segunda etapa, o investigador deve proceder à escolha dos documentos susceptíveis de permitir o estudo do problema, nesta selecção o investigador deve-se orientar pela sua sensibilidade. A classificação e a categorização são os elementos chave do código do analista. A construção de um sistema de categorias pode ser feita através do estudo das hipóteses que permitem a formação de um sistema de categorias. Neste sentido, a formulação de um sistema de categorias é talvez o momento mais delicado da análise de conteúdo.

A última etapa corresponde à definição das unidades de análise, ou seja, a análise de conteúdo, é constituída pela unidade de registo, onde há a destacar a unidade de contexto, que é o segmento mais largo de conteúdo que o investigador examina quando caracteriza unidades de registo. Quanto mais extensas as unidades de registo e de contexto, mais dificuldades se levantam na validação interna da análise.



No que concerne à unidade de enumeração, esta é a unidade em função da qual se procede à quantificação. A escolha deste tipo de unidades, deve cuidadosamente ser ponderada, na medida em que diferentes tipos de unidades podem conduzir a diferentes resultados.

Uma vez feita a apresentação da metodologia em estudo, no capítulo II vai-se proceder à caracterização da problemática em estudo.

**Capítulo II – Problemática em Estudo**

**2.1- Envelhecimento Humano- Breve Perspectiva Global**

O fenómeno de envelhecimento humano tem vindo a aumentar nas últimas décadas, sendo o reflexo do aumento da esperança de vida e da diminuição da natalidade sobretudo nos países industrializados "O fenómeno do envelhecimento populacional nos países mais industrializados começou a acentuar-se (...) tornando-se num problema social muito importante" (Carmo; 2001:137).

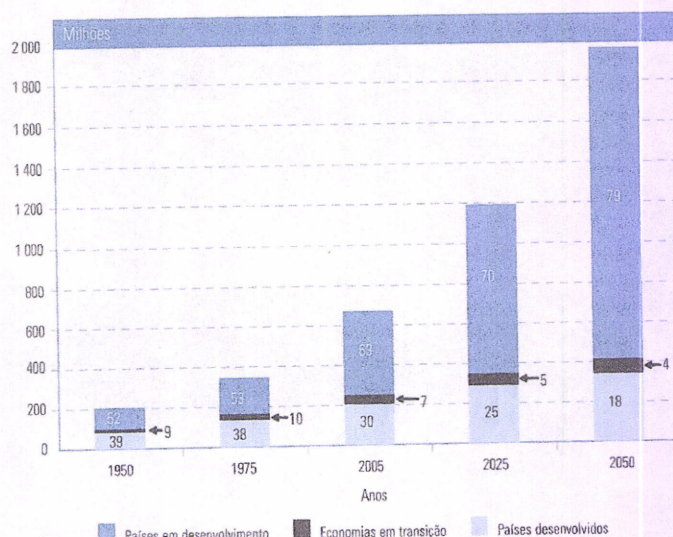
Apesar do envelhecimento demográfico ser uma realidade, o mesmo é vivido de diferentes formas, consoante o país onde se manifesta. Tendo por referência um estudo divulgado pelo (World Economic and Social Survey 2007), nos países em desenvolvimento, a grande maioria dos idosos vive com os filhos adultos. É o caso de cerca de três quartos dos idosos com 60 anos ou mais, na Ásia e na África, e de dois terços deste grupo etário, na América Latina. A proporção de idosos que vivem sós é ainda relativamente baixa, ou seja, inferior a 10%, mas está a aumentar na maioria dos países em desenvolvimento, embora não em todos os países de forma semelhante.

Por outro lado, este estudo revela que em relação à mão de obra se a tendência actual de contracção se mantiver o Japão deveria alcançar um crescimento de produtividade do trabalho da ordem dos 2,6% por ano, a fim de conhecer um crescimento anual de 2% do seu rendimento *per capita*, durante os próximos 50 anos. Mais de 80% do aumento necessário da produtividade do trabalho serviria para compensar o impacto do crescimento no envelhecimento da população Isto aplica-se também, ainda que em menor grau, a outros países que conhecem um envelhecimento da população, como a Itália e a Alemanha, e também aos Estados Unidos da América.

Em contrapartida tendo por referência um estudo levado a cabo por José Dias (1997:45), o número de idosos estimados para 2020 em todo o mundo é de 1,2 biliões, sendo que três quartos deles vão estar concentrados nos países em desenvolvimento – sete dos quais dentre as dez maiores populações do mundo. A China, vai ter uma população idosa no ano 2020 semelhante aos Estados Unidos e Europa Ocidental, que actualmente ascende aos quase 300 milhões. A Índia com 150 milhões e o Brasil, Indonésia e Paquistão mais de 33 milhões de indivíduos com mais de 60 anos.

**Gráfico 1**

**Dimensão e distribuição da população mundial com 60 anos ou mais, 1950, 1975, 2000, 2025 e 2050**



Fonte: Nações Unidas /Departamento de Assuntos Económicos e Sociais.

Notas: 1) O gráfico apresenta estimativas (até 2005) e projecções com base na variante média (depois de 2005).  
2) As percentagens são indicadas nas barras.

Fonte: Nações Unidas / Departamento de Assuntos Económicos e Sociais

Assim sendo, de acordo com os dados apresentados o envelhecimento apresenta como principais impactos:” desequilíbrio crescente entre a população inactiva e a população activa; maiores custos com reformas e pensões; maiores custos com a saúde; maiores custos com infra-estruturas; maiores encargos financeiros e fiscais para a população activa; redução da qualidade de vida da população activa; alteração nas estruturas sociais; alteração de valores e alterações políticas” (Carmo et al;2001:143).

## **2.2 – A Evolução do Papel Social do Idoso**



O conceito de idoso tem vindo a sofrer alterações ao longo dos tempos, nomeadamente na forma como as pessoas encaravam o envelhecimento nas sociedades mais tradicionais, visto que esta era considerada uma fase de sabedoria e de partilha de experiências de vida, permitindo às gerações mais novas adquirir respeito pelos mais velhos, assim como conhecimentos essenciais para o seu crescimento e maturidade.

Nas sociedades tradicionais a maior parte da população dedicava-se à agricultura permanecendo durante toda a sua vida junto da família. Com efeito, não havia problemas ao nível dos recursos de subsistência na medida em que viviam dos produtos que cultivavam, trabalhando até ao fim dos seus dias "Não vai assim tão longe o tempo em que três quartos da população se dedicavam à agricultura. Nascia-se na propriedade da família, onde, depois, quando adulto se trabalhava e em velho se acabava os seus dias (...) Na aldeia era-se considerado um sábio que se consultava para problemas difíceis. Era-se o historiador que conhecia todas as famílias da região. Quando se aproximavam os últimos dias tinha-se a lareira acesa dia e noite. Na hora da partida a tristeza era patente em todos" (Bize, 1985:39).

A sociedade contemporânea devido à influência dos media e ao mediatismo que estes dão a alguns problemas, está cada vez mais informada sobre os problemas que a assolam, nomeadamente a prostituição, pedofilia, alcoolismo, toxicod dependência e aumento da violência. No entanto esta mesma sociedade parece que cada vez mais está a votar os seus idosos ao esquecimento, preferindo ignorar os problemas dos mesmos.

Podemos assim verificar que contrariamente ao que acontecia nas sociedades tradicionais onde envelhecer não constituía um problema, nas sociedades contemporâneas o envelhecimento é visto cada vez mais como um problema com o qual nem a sociedade nem o poder político conseguem lidar.

Para Nazareth, foi a partir da segunda metade do século XX que o fenómeno do envelhecimento demográfico surgiu nas sociedades desenvolvidas. Do ponto de vista da análise demográfica, tendo em vista a representação numa pirâmide de idades, existem dois tipos de envelhecimento: o da base e o do topo. " O primeiro tipo de envelhecimento ocorre quando a percentagem de jovens começa a diminuir de tal forma que a base da pirâmide de idades fica bastante reduzida. O «envelhecimento no

topo» ocorre quando a percentagem de idosos aumenta, fazendo assim com que a parte superior da pirâmide de idades comece a alargar, em vez de se alongar, como acontece nas sociedades típicas do Antigo Regime ou dos países em desenvolvimento. Estes dois tipos de envelhecimento estão ligados entre si: a diminuição percentual do grupo dos jovens implica um aumento proporcional nos outros dois grupos de idades, em particular no grupo dos idosos" (Nazareth, 1996:94).

Tendo ainda por referência a análise demográfica elaborada por Nazareth " Pensou-se que esta explosão demográfica da terceira idade era uma consequência directa do aumento da esperança de vida. (...) Não foi pois o declínio da mortalidade o principal responsável pela emergência do processo do envelhecimento das populações observadas no mundo desenvolvido em geral e na Europa em particular. O principal factor natural responsável por este fenómeno foi o declínio da natalidade. Uma redução no número de nascimentos produz na estrutura etária de uma população uma diminuição progressiva dos efectivos mais jovens (o «envelhecimento na base») e consequentemente um aumento da importância relativa dos mais idosos (o «envelhecimento no topo»). O envelhecimento demográfico do continente europeu é assim uma consequência directa do acentuado declínio da fecundidade observado nas últimas dezenas de anos" (Nazareth, 1996:9).

Os estudos de Nazareth servem assim como confirmação de que o elevado número de idosos na sociedade contemporânea se deve a uma multiplicidade de transformações ocorridas, de entre essas transformações ocorridas, Hermano Carmo salienta as seguintes: " melhoria das condições de vida, maiores habilitações literárias da mulher, maior participação da mulher na vida activa, planeamento familiar e uso de contraceptivos" (Carmo et al, 2001:143).

Segundo Binet e Bourdieu citado por Fernandes (2002:134), o envelhecimento está relacionado com modificações morfológicas, fisiológicas, bioquímicas e psicológicas do organismo humano ao longo da vida, bem como, pode constituir uma perda progressiva e inevitável da capacidade do indivíduo resistir às mudanças do meio ambiente. Há ainda a salientar que o envelhecimento não é uma doença, mas sim um processo natural (nasce-se, amadurece-se, logo envelhece-se) e um processo universal comum a todos os indivíduos, isto é, varia de pessoa para pessoa, de organismo para organismo, ou seja, tem ritmos diferentes consoante a forma como este encara a fase da vida.

De acordo com Purificação Fernandes "o envelhecimento é influenciado por factores intrínsecos (inerentes ao próprio indivíduo) e por factores extrínsecos (inerentes ao meio ambiente) " (Fernandes, 2002:34).

Durante o processo de envelhecimento, pode-se verificar a existência de factores quer a nível interno, quer a nível externo que influenciam o mesmo. A nível interno, destacam-se as transformações físicas, psíquicas e sociais que afectam a pessoa idosa. A nível externo é importante referir a reforma, o isolamento, as perdas e as condições ambientais, ou seja, toda esta conjuntura de factores tem um papel preponderante no processo de envelhecimento.

À luz do pensamento de Purificação Fernandes "A perda é como sabemos, uma experiência universal, que afecta todo o ser humano, do nascimento até à morte" (Fernandes, 2002:36).

De acordo com Purificação Fernandes (2002:37), existem três fases associadas às perdas, sendo que a primeira aparece relacionada com os sentimentos de angústia, cólera, dor, confusão, negação, agitação e hostilidade. Numa segunda fase a pessoa idosa interioriza a sua situação, o que lhe provoca sentimentos de impotência, tristeza, que podem conduzir ao desespero. Na última fase, a pessoa idosa aceita o luto, apesar de ainda continuar a demonstrar sentimentos de tristeza e depressão.

Tendo por referência a autora Purificação Fernandes (2002:87), existem duas teorias de envelhecimento, a teoria do desempenho e a teoria da actividade. A teoria do desempenho implica que com a idade a pessoa idosa não se comprometa social e psicologicamente, inclui o aspecto social que visa a redução dos contactos sociais e o aspecto psicológico que engloba o desempenho nas relações afectivas e sociais.

No que diz respeito à teoria da actividade, a mesma foi desenvolvida por Acthley nos anos 70, assenta no pressuposto de que a última etapa do ciclo de vida é um prolongamento das etapas anteriores. Defende o desenvolvimento do indivíduo como um processo contínuo que integra também a velhice, segundo esta teoria, o idoso deve manter os estilos de vida e hábitos do passado. Para esta teoria o processo de envelhecimento varia de indivíduo para indivíduo, consoante as experiências individuais e sociais de cada idoso.

De acordo com Fontaine. "O envelhecimento não é sinónimo de velhice", (Fontaine, 2000:19). Deste modo, para este autor o envelhecimento apresenta-se como um conjunto de processos que o organismo sofre após a fase de desenvolvimento e a velhice como um estado que caracteriza um grupo de determinada idade, o das pessoas de mais de 60 anos. Desta forma, podemos verificar que a Sociologia do Envelhecimento privilegia uma perspectiva microsocial, considerando que o percurso de vida dos indivíduos é influenciado por questões de índole social, cultural e ambiental. Assim sendo a sociologia do envelhecimento assenta no pressuposto de que "(...)é para a continuidade e a mudança na vida dos indivíduos à medida que crescem e envelhecem" (Treas e Passuth, 1992: 395, citado por Pires1997: 136).

Em relação à sociologia da velhice, o pressuposto principal assenta na preocupação face ao bem-estar da pessoa idosa.

Para Maria de Lurdes Quaresma (2004:54), a velhice não é em si um problema social, mas sim uma categoria sociológica que tem por referência a idade. Com efeito, o que poderá constituir o problema social é a ausência e insuficiência de respostas sociais para o suprimento das necessidades associadas à Terceira Idade.

À luz do pensamento da autora Purificação Fernandes, "a velhice pode definir-se como sendo um processo «inelutável» caracterizado por um conjunto complexo de factores fisiológicos, psicológicos, sociais e específicos em cada indivíduo, podendo ser considerado o «coroamento das etapas da vida»" (Fernandes, 2002:24). Neste sentido, a velhice constitui-se como um conjunto de alterações físicas e psicológicas, bem como, um acumular de experiências e conhecimentos adquiridos ao longo da vida, que ao serem transmitidos podem ser úteis para o desenvolvimento vivencial das gerações mais jovens.

Desta forma, a velhice não é em si uma doença, mas sim uma fase preciosa que atinge a todos se houver saúde. Na prática, a pessoa idosa vê nesta fase da sua vida, o relembrar de emoções, de momentos de alegrias e tristezas, este facto parece fazer com que a mesma não consiga planear os anos que ainda poderá viver com optimismo.

Segundo Levet – Gautret (1985:72) citado por Luísa Pimentel (2005:45) o conceito de idade pode ser utilizado a vários níveis:

- "A nível cronológico", que decorre desde que a pessoa nasce, até ao momento em que a pessoa se encontra actualmente;
- "A nível jurídico", refere-se ao reconhecimento de direitos e deveres por parte do cidadão em determinada idade;
- "A nível físico e biológico", que corresponde ao ritmo de envelhecimento de cada pessoa, que não é uniforme. Este tipo de idade, também está associado à atribuição de uma doença ou deficiência em determinada altura da vida;
- "A nível psico-afectivo", refere-se à personalidade e emoções da pessoa;
- "A nível social", corresponde ao estatuto que a sociedade atribui ao sujeito, consoante os papéis desempenhados.

Os níveis de idade atrás mencionados, quando são definidos individualmente revelam-se insuficientes para conotar o idoso, uma vez que é necessário conjugar todos esses níveis, para melhor definir esta categoria social.

A forma como se envelhece e a maior ou menor valorização dada a esse processo varia consoante a época, a cultura, a sociedade, e o ritmo de desenvolvimento do indivíduo. À luz do pensamento da autora Luísa Pimentel (2005:26), o período da velhice é cada vez mais prolongado, o que permite atribuir ao idoso um papel passivo na sociedade. A velhice é encarada de forma passiva e com falta de motivação, impedindo o indivíduo de ser autónomo e de se afirmar na sociedade.

Por conseguinte, o papel do mesmo na sociedade deverá ser ainda repensado, pois o idoso não deve encarar esse momento da sua vida como um vazio de perspectivas. Muitas vezes, o indivíduo entra na idade da reforma e vê o seu lugar na sociedade mudar, em muitos casos não sabem como ocupar – o seu tempo e energia aliado os rendimentos que auferem serem reduzidos.

É importante salientar ainda o facto da improdutividade e passividade em muitos casos contribuir para o conflito de gerações. Tal como refere a autora Luísa Pimentel "Nem a pessoa idosa é por natureza um inútil, nem as suas capacidades e defeitos têm de ser encobertos," (Pimentel, 2005:37). Deste modo, a velhice deverá assim ser entendida como um momento de integração social e não como sobrecarga para as gerações mais jovens.



No que concerne, às fontes de conhecimento das sociedades actuais, as mesmas constituem-se como outro factor de agravamento dos problemas de integração da pessoa idosa. Pois a evolução tecnológica e científica contribui para distanciar o idoso das gerações mais jovens, na medida em que o mesmo tem dificuldade de adaptação às novas tecnologias de informação.

A família, apesar dos seus condicionalismos acaba por ser um equilíbrio e uma fonte de integração social para a pessoa idosa. Este agente de socialização, acaba por ser visto como um espaço de trocas e interacção de experiências entre os vários membros que a compõem, no entanto, essas interacções começam a enfraquecer a partir do momento em que o idoso sente que está a perder a autonomia. Nos dias de hoje, a relação entre os vários membros da família é pautada pela afectividade e não tanto pela obrigatoriedade, na medida em que quando o grau de dependência da pessoa idosa se faz sentir no seio da família, exige-se uma mobilização de recursos familiares. Porém a família, não tendo como assegurar a manutenção do idoso no seu domicílio, aposta muitas vezes no apoio das respostas sociais existentes na sociedade, nomeadamente na institucionalização.

### **2.3 - Pobreza e Exclusão Social**

Quando se faz alusão às questões do envelhecimento em Portugal, é quase imprescindível focar as questões relacionadas com a pobreza e exclusão social que afectam de forma bastante intensa, as pessoas idosas. Deste modo a pobreza pode ser definida como " (...) a incapacidade de participar no mercado de consumo" (Xiberras;1993:28), enquanto a exclusão " (...) Quando os rendimentos são mais baixos que determinados padrões, pode-se-ia dizer que as famílias não podem aceder a certos bens e situam-se no plano da exclusão" (Costa et al,1992: 33).

As temáticas da pobreza e exclusão social estão cada vez mais em foco nas sociedades Ocidentais, onde cada vez mais se valorizam os bens materiais e o individualismo. Através de um trabalho levado a cabo por uma equipa de investigação coordenada por João Ferreira de Almeida sobre a análise dos factores e tipos de pobreza em Portugal, apresentada na obra "Exclusões Sociais", a pobreza aparece definida em termos absolutos ou relativos, "O primeiro, referindo-se a um conjunto de bens ou recursos abaixo dos quais se deve falar de pobreza (...). O segundo conceito – o de pobreza relativa – localiza-a por referência a um lugar e tempo precisos" (Almeida et al, 1992:14).

De acordo com Bruto da Costa podemos distinguir dois tipos de pobres "Houve tempo em que se distinguia dois tipos de pobres: os incapazes de trabalhar (por deficiência física ou idade, por exemplo) e os que pareciam (ou pareciam poder) trabalhar" (Costa, 1998:37).

Ferreira de Almeida estabelece uma relação entre a pobreza e as condições de vida da pessoa idosa. Vejamos o seguinte extracto "Os baixos montantes de subsídios recebidos pela grande maioria dos idosos – pensões de reforma de invalidez e de sobrevivência – faz com que a incidência da pobreza ou da vulnerabilidade à pobreza sejam grandes nesta categoria. (...) A inexistência, na maior parte dos casos, de rendimentos alternativos, leva a que a duração das situações de pobreza nesta categoria seja longa, acompanhando praticamente o próprio ciclo de vida dos pensionistas, e torna altamente improvável que escapem à situação de precaridade. (...) Um factor que contribui de modo não desprezável para a fragilização das condições de vida dos idosos pensionistas é o das suas necessidades específicas em

matéria de assistência médica e medicamentosa. A própria composição etária desta população faz com que as despesas de saúde constituam uma fatia pesada dos respectivos orçamentos familiares, despesas que só parcialmente são cobertas pelos esquemas de apoio estatal" (Almeida et al, 1992: 68 – 69).

Assim sendo, verifica-se uma interrelação entre os conceitos de pobreza, exclusão e solidão, na medida em que tal como a maioria dos estudos levados a cabo no terreno indicam, não restam dúvidas de que a grande maioria da população idosa auferir rendimentos baixos, o que se traduz numa escassez de recursos financeiros que leva a que não tenham acesso a determinados bens e serviços, considerados essenciais, levando-os assim a uma situação de exclusão social, que por sua vez leva aos sentimentos de solidão.

## **2.4 - Trajectórias de vida**

Após ter sido feita alusão anteriormente a questões relacionadas com o envelhecimento, velhice, pobreza e exclusão social, considero pertinente elaborar do ponto de vista teórico alusão ao conceito de trajectórias de vida, visto que o presente trabalho de investigação visa estudar as trajectórias de vida das pessoas idosas que estão em contexto institucional. Assim sendo, tal como refere Faleiros "As trajectórias de vida não são processos mágicos, mas uma construção e uma desconstrução de poderes numa dinâmica relacional em que se entrecruzam de forma interdependente os ciclos longos da história e os ciclos curtos da vida dos indivíduos, os tempos históricos e sociais e os tempos familiares, grupais e individuais" (Faleiros, 2003:74).

Deste modo, a trajectória é um processo de mudanças de relações, que são constituídas por rupturas, perdas de patrimónios, que estão vinculadas aos caminhos de vida da família e das redes de vizinhança. Assim, as trajectórias concentram em si mudanças e ajustamentos no percurso de vida dos indivíduos.

"As trajectórias pessoais são plenas de significado e quando constituem uma base de reflexibilidade por parte do indivíduo que as percorreu, libertam enorme riqueza cultural e identitária, a qual poderá, e deverá, transformar-se em força emancipatória do próprio sujeito" (Calado, 2004:55 citado por Quaresma 2004:66).

Deste modo, as trajectórias de vida contribuem para compreender o mundo da pessoa idosa, mais especificamente o sentido da sua vida, a atitude perante as perdas, a gestão das rupturas, as expectativas face ao futuro, o apoio da família e da sociedade, assim como os momentos de solidão.

Segundo Pitaud (2004:45), o percurso de vida está marcado pelo sofrimento psíquico, ou seja, é uma das mais problemáticas situações a que se torna necessário responder. Por conseguinte, este sofrimento é originado por sentimentos de isolamento ou solidão na vida da pessoa idosa. Outro dos problemas com que o idoso se depara em contexto institucional é a ausência de comunicação e afectividade, numa sociedade onde os laços de sociabilidade estão cada vez mais frágeis.

A propósito das trajectórias de vida e da forma como as mesmas podem influenciar os sentimentos de solidão, parece-me importante transcrever o contributo de Mercês Covas, durante a entrevista que me concedeu, "As trajectórias de vida contam bastante, mas podem não ser só isso porque uma pessoa que

intelectualmente tenha tido uma vida muito ocupada, pode estar sozinha e não se sente só, agora uma pessoa que tenha tido uma trajectória de vida em que esteve sempre com amigos, vizinhos, aqueles pessoas que mantêm uma relação primária com os outros, quando perdem esse tipo de relação, esse tipo de laço são as primeiras vítimas da solidão, porque perdem as suas relações e ficam sozinhas, os amigos vão morrendo, afastam-se geograficamente e a pessoa não sabe ocupar-se sozinha, precisa de alguém que lhe ocupe o tempo e a mente. Em contrapartida uma pessoa com uma trajectória diferente, mais intelectual, habituada a ler, a construir a sua própria vida, a preencher o seu tempo, raramente se sente sozinha, pois sabe preencher os vazios do tempo. A solidão é sentida de forma diferente por cada pessoa, é muita relativa e subjectiva às trajectórias de vida. Na sociedade actual quem não domina as novas tecnologias tende a sentir-se mais só e os idosos ainda não estão a trabalhar nesse sentido" (*Excerto de Entrevista Realizada no âmbito da pesquisa*).

Em síntese consoante as trajectórias de vida da pessoa idosa, assim são vivenciados com maior ou menor intensidade os sentimentos de solidão em contexto institucional.

**2.5 - Sentimentos de Solidão na Pessoa Idosa**

De acordo com Philippe Pitaud (2004:25), os sentimentos de solidão e de isolamento são resultado da destruição e desaparecimento progressivo e regular dos laços sociais, que estão estreitamente ligados com a vida social que sustenta a relação de convivência entre os indivíduos, que consequentemente conduz à exclusão social.

Para Pitaud (2004:129), as pessoas idosas são as mais afectadas pelo sentimento de solidão, já que estas estão sujeitas às perdas das capacidades físicas, desaparecimento da rede social, e perda do cônjuge. Logo constata-se que os indivíduos idosos com saúde precária e pouco interacção com o meio que os rodeia são mais vulneráveis aos sentimentos de solidão.

“O sentimento de solidão ocorre quando se procura companhia e não se acha. Na velhice, a solidão pesa, não é apenas um sentimento, é um estado, uma maneira de ser – a solitária maneira de ser “Velho” (Barreto in Maior, 2005:6). Neste sentido, o estado de solidão afecta normalmente o indivíduo idoso, que embora muitas vezes a viver em contexto institucional se sente completamente só. Este sentimento de solidão conduz muitas vezes à depressão, bem como a problemas de memória, entendidos como “esquecimento próprio da idade”, que podem ser traduzidos em algumas doenças como a de Alzheimer.

Segundo Mário Souto Maior (2005:33), é importante que o indivíduo idoso construa um bom projecto de vida baseado na família, para que o mesmo possa contar com alguém, sendo que a maior terapia para combater a solidão é a integração familiar.

Deste modo, qualquer pessoa que esteja na fase da velhice requer companhia e afecto, pois a solidão é inimiga de quem vive só sem o apoio da família e amigos.

Porém, a família por vezes não encara de forma positiva a fase de envelhecimento, já que a pessoa idosa, por vezes “regressa a uma etapa infantil e de dependência” (Maior, 2005:2), logo esta necessita de alguém que lhe ofereça o afecto de que necessita, “A solidão é a maior doença do século” (Maior, 2005:2), assim sendo os idosos são as pessoas mais afectadas pelo sentimento de solidão, uma vez que já percorreram um longo caminho repleto de rupturas, adversidades, tristezas e alegrias.

A solidão influencia todo o bem – estar mental, psíquico, físico e social das pessoas mais idosas. Nesse sentido, os termos solidão e isolamento são diferentes, uma vez que segundo Berger, a solidão, “é uma experiência excessivamente penosa que se liga a uma intimidade não satisfeita, consecutiva a relações sociais sentidas como insuficientes ou não satisfatórias” (Bize, 1985:107).

Tendo por referência um estudo efectuado pela psicóloga Constança Paúl sobre a satisfação de vida em idosos residentes em diferentes ambientes, esta investigadora verificou que os idosos residentes em lares da terceira idade tinham maior propensão para se sentirem mais sós e insatisfeitos, afastados das suas redes sociais num dia – a – dia monótono e sem esperança ou investimento no futuro, outro dos problemas que agravava a solidão destes idosos era o analfabetismo, pois revelavam dificuldade no acesso à informação escrita e falada. Por conseguinte, revelavam-se menos agitados e com atitudes mais positivas face ao envelhecimento. Enquanto que os idosos residentes em comunidade não tinham o apoio necessário, mesmo para a realização das tarefas de rotina, o que pode explicar o baixo bem-estar psicológico. “Sem objectivos de vida para realizar e muitos deles rigorosamente sem nada para fazer, com uma rotina o mais das vezes penosa e solitária, ou se sentiam acompanhados por algum Deus ou se sentiam irremediavelmente sós a cumprir um destino inexorável. (Paúl, 1996:105)

Num artigo publicado na revista Tabu, intitulado “Há vida depois dos 65”, Marta Curto, autora do artigo, procurou focar a forma como várias pessoas idosas geriam o seu quotidiano e ocupavam as infinitas horas do dia. Para além dos testemunhos de algumas pessoas idosas, a autora do artigo teve a preocupação de procurar o testemunho de alguns profissionais ligados à temática do envelhecimento. José Araújo médico de clínica geral que também dá consultas de geriatria afirma que “A sociedade não conseguiu acompanhar o envelhecimento da população e oferece soluções pouco práticas. A mulher saiu de casa para trabalhar, a estrutura familiar mudou, e o idoso acaba por ficar isolado” (Revista Tabu, 2006:46).

No mesmo artigo Jorge Lopes de Castro, Assistente Social no Hospital de Santa Maria em Lisboa verifica que a cada vez maior afluência de idosos às urgências hospitalares não está relacionada com problemas de saúde, mas sim com problemas de solidão “Às vezes aparecem sem dores nenhuma só mesmo para chamar a atenção da família e receberem visitas” (Revista Tabu, 2006: 49).

Com vista a evitar a cada vez maior enchente hospitalar por parte da população idosa, o Estado português criou uma rede de cuidados continuados, que visa dar assistência aos idosos em convalescença, quando a família por si só não consegue proporcionar os cuidados necessários ao idoso.

Em suma, actualmente cada vez é mais visível o estado de solidão, uma vez que devido às grandes alterações que a sociedade tem vindo a sofrer, as pessoas deixam cada vez mais de se preocupar com os outros, tornando-se individualistas e egocêntricas, levando a que os mais penalizados com esta situação sejam as pessoas idosas



**2.6 – Respostas Sociais ao Idoso**

As preocupações sobre a vivência dos idosos em contexto institucional, ganhou maior visibilidade nos finais da década de cinquenta do século XX. Até essa data as investigações e as acções políticas eram canalizadas para o estudo do impacto do envelhecimento sobre a sociedade, às investigações biomédicas, à adaptação do idoso às mudanças da sociedade. A problemática do envelhecimento era apenas estudada e avaliada no sentido do ajustamento das capacidades do idoso às alterações sociais. (Lesemann e Martin, 1995:47).

Vários tem sido os autores que tem dado o seu contributo sobre o processo de institucionalização, entre esses autores destaca-se Golffman "As instituições totais ou permanentes consistem em lugares de residência onde um grupo numeroso de indivíduos em condições similares, levam uma vida fechada formalmente administrada por terceiros. Existe uma ruptura com o exterior, dado que todos os aspectos da vida são regulados por uma entidade única" (Golffman, 1975: 98).

Enquanto nas sociedades tradicionais havia como que um pacto entre as gerações, em que os mais jovens tomavam conta dos mais idosos, nas sociedades contemporâneas esse pacto parece ter desaparecido quase por completo, sendo um exemplo dessa situação a cada vez maior proliferação de lares da Terceira Idade, onde as famílias colocam os seus idosos.

Apesar de ser cada vez mais frequente o recurso à institucionalização. Quando se estabelece uma analogia entre Portugal e os restantes países Europeus, a família ainda continua a ser um suporte de apoio importante para a pessoa idosa, que se encontra em situação de dependência. "Vários estudos que têm sido realizados em Portugal e outros países permitem contrariar estas representações. A família continua a ser uma instituição significativa para o suporte e realização afectiva do indivíduo, ou, a instituição familiar garante de solidariedade necessária aos ascendentes em situação de velhice" (Fernandes, 1997:103).

As causas do recurso à institucionalização são variadas "O progressivo envelhecimento da população, aliado a condições como a alteração na estrutura familiar, a mobilidade geográfica, a degradação das condições de habitação, a desadaptação da casa às necessidades dos idosos, a degradação das condições de

saúde destes e o facto dos serviços de proximidade alternativos continuarem a ser insuficientes para garantir a manutenção dos idosos no seu domicílio, têm provocado um aumento da procura dos Lares da Terceira Idade. O número destes, por sua vez, é demasiado reduzido para fazer face a tão elevada procura” (Pimentel, 2005:71).

A situação de recurso ao processo de institucionalização por parte das famílias está bem patente nas palavras do escritor José Saramago “Os lares para a terceira e quarta idades, essas benfazejas instituições criadas em atenção à tranquilidade da famílias que não têm tempo nem paciência para limpar os ranhos, atender aos esfíncteres fatigados e levantar-se de noite para chegar a arrastadeira” (Saramago, 2005: 31).

Há luz do pensamento de Luísa Pimentel (2005:10), nas sociedades tradicionais existia um pacto entre as gerações, ou seja, os pais investiam nos filhos, na expectativa que os mesmos os apoiassem quando necessitassem.

Nas sociedades actuais, este pacto tende a desaparecer, pois apesar de se manterem os laços familiares, o cada vez maior individualismo “não existindo tempo para gestos lentos e conversas” (Paúl, 1996:85), leva a que as famílias tenham que recorrer às respostas sociais, nomeadamente aos chamados lares da terceira idade.

De acordo com Luísa Pimentel (2005:46), a perda de autonomia, o isolamento, a inexistência de redes de interacção que facilite a integração social e familiar da pessoa idosa e que garanta um apoio efectivo em caso de maior necessidade. A falta de recursos económicos e habitacionais, também influencia de certa forma a institucionalização.

Apesar do recursos aos lares de terceira idade, ser cada vez mais uma realidade na sociedade actual, os mesmos são muitas vezes conotados de forma negativa, visto que “A fase da vida em que o idoso entra para uma instituição é representado como a última etapa da sua trajectória de vida, sem qualquer expectativa ou possibilidade de retorno” (Pimentel, 2005:73).

Sejam quais as circunstâncias da institucionalização, estas representam sempre uma mudança no quotidiano da pessoa idosa e muitas vezes uma ruptura com o meio com o qual o idoso se identifica. “Se se torna difícil para aquele que vive integrado na sua comunidade reorganizar o seu projecto de vida face ao conjunto de

novos factores que passam a interferir nas suas vivências, para o idoso institucionalizado o processo torna-se necessariamente mais dramático" (Pimentel, 2005:75).

Uma forma de ajudar à adaptação ao processo de institucionalização, passa por manter um contacto quase permanente com a sua rede de relações. "De um modo geral a existência de contactos frequentes com os elementos da sua rede de relações (Visitas, telefonemas, correspondência) é um incentivo muito positivo para que os idosos mantenham uma vida social interna e externa mais activa e uma maior autonomia pessoal. Para aqueles que forem votados ao esquecimento a vida reduz-se a pouco mais que a reprodução física" (Pimentel, 2005:78).

Com vista a dar resposta às questões dos idosos, existem várias respostas sociais, tais como:

- ▶ Centros de convívio – "Resposta social, desenvolvida em equipamento de apoio a actividades sócio-recreativas e culturais organizadas e dinamizadas pelos idosos de uma comunidade" (Silva, 2001:181).
- ▶ Centros de dia – "Resposta social, desenvolvida em equipamento que consiste na prestação de um conjunto de serviços que contribuem para a manutenção dos idosos no seu meio sócio-familiar" (Silva, 2001:182).
- ▶ Serviço de apoio domiciliário – "Resposta social, que consiste na prestação de cuidados individualizados e personalizados no domicílio a indivíduos e famílias quando, por motivo de doença, deficiência ou outro impedimento, não possam assegurar temporária ou permanentemente a satisfação das suas necessidades básicas e/ou as actividades da vida diária" (Silva, 2001:183).
- ▶ Lar para pessoas idosas – "Resposta social desenvolvida em alojamento colectivo de utilização temporária ou permanente para idosos em situação de maior risco de perda de independência e/ou autonomia" (Silva, 2001:184).
- ▶ Residência para pessoas idosas – "Resposta social desenvolvida em equipamento constituído por um conjunto de apartamentos com serviços de utilização comum, para idosos com autonomia total ou parcial" (Silva, 2001:185).

► Acolhimento familiar – “Resposta social que consiste na integração temporária ou permanente, em famílias consideradas edóneas de pessoas idosas ou pessoas com deficiência a partir da idade adulta” (Silva, 2001:185).

► Unidades de apoio integrado – “Dirigem-se a pessoas que precisam temporariamente de cuidados de saúde regressando posteriormente a sua casa” (Silva, 2001:186).

► Colónias de férias – “Resposta social destinada à satisfação das necessidades de lazer e de quebra de rotina, essenciais ao equilíbrio físico, psicológico e social dos utilizadores “ (Silva, 2001:186).

Apesar da multiplicidade de respostas existentes para esta faixa etária, a institucionalização continua a ser a resposta mais procurada pelas famílias, no entanto na perspectiva de alguns investigadores como a Dr. Mercês Covas, a institucionalização em Portugal ainda fica aquém das expectativas, “A maioria das instituições, ainda não estão preparadas, é só guardar as pessoas, levantá-las, dar-lhes de comer, eu penso que isso cada vez mais vai ser posto em causa, porque isto é o mínimo são os serviços mínimos, não respondem às necessidades humanas, porque à medida que a nossa sociedade vai evoluindo vamos tendo outras formas de acesso à informação e outras necessidades de consumo, portanto as instituições têm também de acompanhar essas mudanças” (*Excerto de Entrevista Realizada no âmbito da pesquisa*).

Desta forma, em Portugal o processo de institucionalização ainda precisa de algumas alterações, sobretudo ao nível das necessidades os idosos, visto que neste momento as instituições apenas se limitam a satisfazer as necessidades básicas dos idosos, descurando um pouco o lado lúdico.

### **2.7-Representações Sociais do Processo de Institucionalização**

Numa sociedade onde cada vez mais impera o individualismo e a quebra dos laços familiares a institucionalização surge em muitos casos como a alternativa mais fiável para as pessoas idosas. No entanto apesar da sua cada vez maior banalização, as pessoas idosas ainda tem uma imagem por vezes negativa do processo de institucionalização, na medida em que para esta faixa etária a institucionalização corresponde à última etapa das suas vidas, havendo como que um corte com os laços criados durante toda a vida, sendo esta consciência do real que leva em muitas situações a uma visão negativa do processo de institucionalização.

A teoria das representações sociais surgiu na Europa na década de 60 do séc. XX, tendo como seu principal impulsionador Serge Moscovici. A teoria desenvolvida por Moscovici, assenta nos pressupostos teóricos desenvolvidos por Durkheim e Weber, segundo a qual o indivíduo é produto da sociedade ao mesmo tempo que o indivíduo intervêm e modifica a sociedade. A teoria das representações sociais permite explicar a relação existente entre o indivíduo e a sociedade, onde o mesmo está inserido.

Segundo Moscovici (1984:59), podemos considerar as representações sociais como um processo de construção social da realidade, que é elaborado a partir de determinados quadros de apreensão do real, compreendendo um sistema de valores, de noções e práticas relativas a objectos sociais, permitindo estabilização do quadro de vida dos indivíduos e dos grupos, constituindo um instrumento de orientação e de elaboração das respostas e, contribuindo para a comunicação dos membros de um grupo ou de uma comunidade. Deste modo, as representações sociais que se constroem nas sociedades actuais podem ser equiparadas aos mitos e crenças das sociedades tradicionais, onde impera acima de tudo o senso comum.

Na perspectiva de Jorge Vala (1986:136), as representações sociais, sendo teorias implícitas acerca dos objectos sociais relevantes, constituem uma modalidade de conhecimento que serve a apreensão, avaliação e explicitação da realidade. As representações sociais têm determinado funções: função de organização significativa do real, função de explicação, função de orientação dos comportamentos, função de diferenciação inter-grupal e função de identidade social.

Assim sendo, cada idoso constrói a sua própria representação social do processo de institucionalização, sendo que essa representação pode influenciar de

forma positiva ou negativa a vida da pessoa idosa em contexto institucional, consoante a imagem que o individuo construiu durante a sua trajectória de vida acerca da vida em contexto institucional, “ Apesar do recurso aos lares ser cada vez mais frequente, estes são conotados com imagens negativas, e são poucas as pessoas que aceitam a institucionalização de forma “tranquila”. A fase da vida em que o idoso entra para uma instituição é representada como a última etapa da sua trajectória de vida, sem qualquer expectativa ou possibilidade de retorno”. (Pimentel;2001:73).

Tendo como referência Adelaide Malainho, “A representação social que se tem do que quer que seja é algo de uma grande complexidade, eu penso que na actualidade a pessoa idosa já está presente em todos os discursos, em palavras parece que toda a sociedade está preocupada em acolher essa franja populacional, no entanto a realidade é muito diferente, eu por exemplo tinha sempre dificuldades em encontrar pessoas que quisessem trabalhar com essa franja populacional. Para minimizar esta situação deve-se tratar a pessoa idosa como uma pessoa acima de tudo.” (*Excerto de Entrevista Realizada no âmbito da pesquisa*).

**2.8- Políticas Sociais para a Terceira Idade em Portugal**

A emergência de uma política pública para a terceira idade consistiu num conjunto de transformações que favorecem a emergência da velhice em Portugal como categoria de acção política.

Neste sentido, entende-se por políticas sociais de velhice “um conjunto de intervenções públicas que estruturam, de forma explícita ou implícita, as relações entre a velhice e a sociedade” (Guillemard, 1980:28 citado por Fernandes, 1997:139).

No decorrer do período do Estado Novo, foi implementada a Providência Social de alguns riscos em situações como a velhice. Porém esta protecção continha alguns limites como a não universalização do acesso a uma pensão de velhice, bem como, prevalecia ainda o facto da sociedade desta época estar fortemente centrada na família, que tinha “obrigação” de prestar todos os cuidados aos idosos.

Com o 25 de Abril de 1974, foram concretizadas algumas mudanças, nomeadamente em 1984 com a implementação do sistema de Segurança Social em Portugal que permitiu a generalização das reformas. Nesta época, foram pensadas novas formas de tratar a velhice que se concretizaram na transformação dos asilos em lares e na emergência de serviços e instituições de apoio à terceira idade, quando a entrada em vigor do direito á segurança social foi implementado.

Quando se fala de políticas sociais há que focar as questões relacionadas com a crise do Estado Providência (Welfare State), na medida em que cada vez mais se torna tema de debate o papel da responsabilização do Estado e da sociedade civil, de acordo com a autora Isabel Guerra, o consenso não parece fácil de alcançar na relação Estado / Sociedade “ Uma lógica de desenvolvimento social planificado, implicando a coordenação, planificação regulamentação das responsabilidades entre parceiros; uma lógica economicista, neoliberal, implicando uma estratégia de concorrência entre parceiros, uma acusação mútua sobre as responsabilidades (o Estado critica a sociedade civil por não ser dinâmica e esta critica o Estado por não dar condições), enfim, uma desresponsabilização colectiva sobre uma política social” (Guerra, 1992:213).

O Estado Português quando comparado com países como a Suécia ou Noruega, não pode ser chamado de Estado Providência na verdadeira acepção da

palavra, visto que apesar do esforço efectuado o Estado em Portugal nunca conseguiu uma total universalização dos direitos dos idosos, estando esta situação bem patente nos estudos elaborados por Boaventura de Sousa Santos, que considera que em Portugal não há um Estado providência mas sim uma sociedade providência, pois o Estado delega as suas funções na sociedade " (...) o Estado português fica muito aquém de um Estado – providência, é um semi – Estado – providência (...). Durante a crise revolucionária e nos dois anos subsequentes, houve uma tentativa de criação de um Estado – Providência avançado, não só em termos de extensão de cobertura de riscos e de qualidade de serviços, mas também em termos de participação democrática de grupos de cidadãos na organização desses serviços. Nesse período, as despesas sociais tiveram um aumento espectacular. (...) Nos anos seguintes, as despesas sociais cresceram a uma taxa muito mais lenta, tendo até estagnado em alguns casos. Actualmente encontram-se muito aquém dos valores médios europeus. (...) No campo do bem – estar social, as medidas adoptadas para diminuir o conteúdo do papel social do Estado foram muito semelhantes às adoptadas nos países centrais a seguir à crise do Estado – providência. Foi como se Portugal estivesse a passar por uma crise do Estado – providência, sem nunca o ter tido" (Santos, 1993: 44 – 45).

Visto que o presente projecto incide sobre a problemática da Terceira Idade, torna-se importante referir as respostas sociais que existem para a população idosa, sendo que estas se encontram repartidas em três grandes grupos, sendo eles: as prestações pecuniárias, os equipamentos e serviços.

No que diz respeito, às prestações pecuniárias, estas destinam-se àqueles que se encontram abrangidos pelos regimes e/ou aqueles para quem, por níveis de carência muito elevados, estes são manifestamente insuficientes. Pode-se fazer referência às seguintes prestações, que estão de forma mais pormenorizada no capítulo 2.

No que diz respeito, às prestações pecuniárias, estas destinam-se àqueles que se encontram abrangidos pelos regimes e/ou aqueles para quem, por níveis de carência muito elevados, estes são manifestamente insuficientes. Pode-se fazer referência às seguintes prestações: Reforma por velhice e/ou por doença; Pensão de sobrevivência; Rendimento social de inserção; Complemento por dependência; Complemento de pensão por cônjuge a cargo; Subsídio por morte; Reembolso das despesas do funeral; (Silva, 2001:180).



Mais recentemente surgiu o complemento solidário para idosos, o qual consiste na (...) criação de uma prestação extraordinária de combate à pobreza de idosos, para que finalmente nenhum pensionista tenha que viver com um rendimento abaixo dos 400 euros mensais (...), destina-se a dar a quem mais precisa". (Ministério do trabalho e da segurança social, 2005:2). Todas estas políticas de índole social podem ser vistas de forma mais detalhada no anexo 1.

Por último, no que concerne a outras medidas de apoio direccionadas para a pessoa idosa, é importante referir o cartão do idoso, o turismo sénior, as universidades da terceira idade, a linha do cidadão idoso, o serviço de telealarme e o PAII (Programa de apoio integrado a idosos, que engloba vários tipos de projectos vocacionados para as pessoas idosas favorecendo a sua autonomia e inserção social. Este programa engloba serviço de Telealarme, serviço de apoio domiciliário e centros de apoio a pessoas dependentes).

Quando se aborda a questão das políticas sociais é quase imprescindível fazer alusão ao PNAI (Plano Nacional de Acção para a Inclusão), que no seu conteúdo se reporta a medidas levadas a cabo pelo poder político para combater a pobreza e exclusão social, tendo também algumas medidas direccionadas para a terceira idade.

O PNAI 2008-2010 apresenta como objectivos:

- Fazer face ao impacto das alterações Demográficas:
- Apoiar a natalidade.
- Apoiar a conciliação entre actividade profissional e a vida pessoal e familiar.
- Promover o envelhecimento activo com qualidade e prevenir e apoiar a dependência.
- Promoção da inclusão social.
- Promover a inclusão social activa, favorecendo a melhoria do rendimento, proporcionando mais e melhor acesso a serviços e apoiando a integração socioprofissional.
- Melhorar as condições de vida em territórios e habitats mais vulneráveis.
- Favorecer a inclusão social de grupos específicos, nomeadamente pessoas com deficiência ou incapacidade, pessoas sem-abrigo, imigrantes e minorias étnicas.

Na sociedade actual, temos uma multiplicidade de medidas de políticas sociais direccionadas para esta faixa etária que na óptica de alguns investigadores, não estão a ser implementadas da forma mais eficaz, tal como afirma Adelaide Malainho "Neste momento não há uma ausência de medidas de política social, o que se verifica é que

as medidas de política social não estão a ser operacionalizadas como devem a meu ver. No que diz respeito aos idosos com Alzheimer e outro tipo de demências é que ainda não existe uma resposta cabal. Não me parece que neste momento se verifique uma ausência de políticas sociais, o que me parece é que se as que existem fossem bem implementadas, bem avaliadas e os profissionais que estão no terreno propusessem as devidas alterações que eles consideram que devem ser realizadas.”  
(Excerto de Entrevista Realizada no âmbito da pesquisa)

Deste modo, a conjuntura das políticas sociais acima apresentadas, visa contribuir para uma melhoria da qualidade de vida desta faixa etária. No entanto, devido às necessidades inerentes a esta faixa etária, (problemas de saúde, compra de medicamentos), todas estas políticas sociais, acabam por não se revelarem eficazes na sua totalidade, visto que, apenas atenuam os problemas desta faixa etária cada vez mais exposta a situações de pobreza e exclusão social.

### Capítulo III – Contexto da Investigação


#### **3.1- Contexto Empírico da Investigação**

O presente estudo, foi desenvolvido na região do Baixo Alentejo, mais propriamente na cidade de Beja e mais especificamente na Fundação Nobre Freire e na Casa de Repouso Henri Dunant, ambas instituições que prestam apoio à terceira idade

A cidade de Beja é sede de Município, o principal centro funcional do Baixo Alentejo e a capital de distrito mais extensa do país com cerca de 10.276 Km<sup>2</sup> de área total de superfície, que se subdivide em catorze concelhos: Aljustrel, Almodôvar, Alvito, Barrancos, Beja, Castro Verde, Cuba, Ferreira do Alentejo, Mértola, Moura, Odemira, Ourique, Serpa e Vidigueira. Beja é igualmente sede de Diocese e Município de primeira ordem.

**Quadro 1- Concelhos do Distrito de Beja**

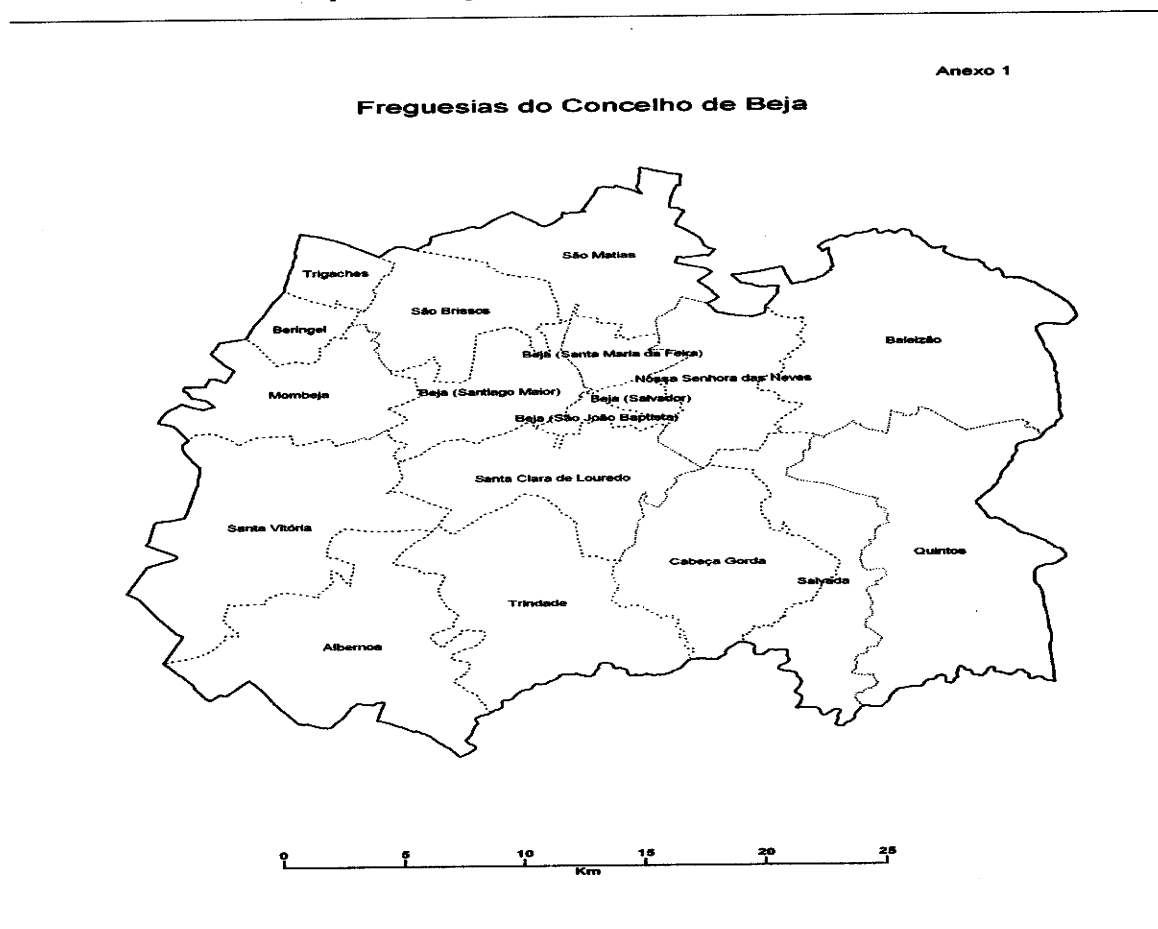
Baixo Alentejo	
Distrito:	<b>Beja</b>
Concelhos:	14
Área:	10260,1 Km2
Densidade Populacional:	15,7 Hab./Km2
População Presente (2001):	161211
Taxa de Crescimento (1991/2001)	-5,7 %
Índice Envelhecimento (2001)	196.2



Fonte: INE Censos 2001

Ao nível do concelho de Beja, existem catorze freguesias rurais: Albernoa, Baleizão, Cabeça Gorda, Mombeja, Nossa Senhora das Neves, Quintos, Salvada, Santa Clara de Louredo, Santa Vitória, São Brissos, São Matias, Trigaches, Trindade e quatro freguesias urbanas: Santa Maria da Feira, Salvador, São João Baptista e Santiago Maior, o que prefaz um total de dezoito freguesias.

**Mapa 1 - Freguesias do Concelho de Beja**



**Fonte: Censos 2001**

De acordo com os censos 2001 a cidade de Beja, apresenta uma população residente de 161211 Habitantes, a cidade de Beja dista 180 Kms de Lisboa 120 Kms do Algarve, 100 Kms do Litoral Alentejano e 60 Kms de Espanha, possui Aeródromo Civil ,(estando neste momento em curso as obras para a construção do aeroporto de Beja), Base Aérea Militar, Campo de Tiro, Casa da Cultura, biblioteca, Piscinas, Museu, Parque de Campismo, para além de uma rede hoteleira que inclui a Pousada de São Francisco, Hotel Melius e Beja Parque Hotel.

Para além de todos estes serviços, a cidade de Beja é também pólo Universitário.

**Quadro 2 – População Residente, Variação e Densidade no Concelho de Beja**

	<b>População Residente em 1991</b>	<b>População Residente em 2001</b>	<b>Variação da População Residente em 1991 / 2001</b>	<b>Densidade Populacional Hab. / Km2</b>
<b>Portugal</b>	9867147	10356117	5.0	112.2
<b>Baixo Alentejo</b>	143020	135105	- 5.5	15.5
<b>Beja</b>	35827	35762	- 0.2	30.8

**Fonte: INE – Resultados Definitivos dos censos 2001**

**Quadro 3 – Estrutura Etária da População**

<b>Grupo Etário</b>	<b>Número de Habitantes</b>	<b>%</b>
<b>0 - 14</b>	5161	14.4
<b>15 - 24</b>	4931	13.6
<b>25 - 64</b>	18395	51.4
<b>65 e mais</b>	7275	20.3
<b>Total</b>	35762	99.7

**Fonte: INE – Resultados Definitivos**

De acordo com os censos de 2001, o concelho de Beja tem aproximadamente 35762 habitantes, tendo registado um ligeiro decréscimo no período inter censitário (- 0.2%). Este concelho é classificado como um concelho muito envelhecido, com um índice de envelhecimento de 99.7 %. No que se refere à taxa de natalidade no concelho de Beja (11.1%), não existe uma grande discrepância comparativamente à média nacional (11.7%), o que justifica o elevado envelhecimento. Com efeito verifica-se um aumento dos grupos etários de 65 ou mais anos (20.3%), em relação à faixa etária dos 0 – 14 anos com (14.4%).

**Quadro 4 – Índice de Envelhecimento em 2001 %**

<b>Portugal</b>	103.6%
<b>Alentejo</b>	175.6%
<b>Baixo Alentejo</b>	168.8%
<b>Beja</b>	138.4%

**Fonte: INE – Resultados Definitivos**

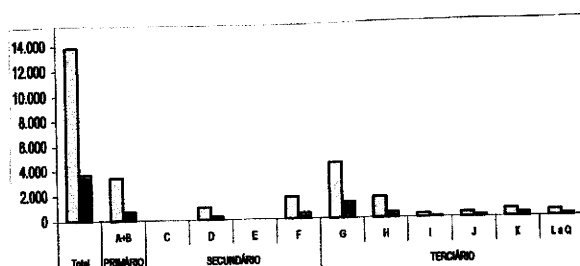
O índice de envelhecimento –no concelho de Beja (198.4%) é inferior ao verificado para a Nut III Baixo Alentejo e para a Nut II Alentejo, que se deve ao facto da taxa de natalidade no concelho de Beja ser superior, enquanto a de mortalidade é inferior à do Baixo Alentejo.

Tendo por referência os censos 2001, podemos ainda verificar que a **população residente segundo o nível de instrução** apresenta valores mais elevados ao nível do 1.º ciclo do ensino básico, quer em relação à região de Baixo Alentejo quer ao nível do concelho de Beja. A percentagem de população com este nível de ensino é de aproximadamente 23,7% na região e de 19,9% no concelho. A menor percentagem regista-se ao nível do ensino médio, com os valores de 0,3% para a NUTIII Baixo Alentejo e 0,6% para o concelho de Beja,(INE- Resultados definitivos).

De salientar a **percentagem de população sem nível de ensino** quer na região quer no concelho, no primeiro caso com um valor de 19,8% e no segundo com 15,4%.(INE- Resultados Definitivos).

No que concerne às **empresas com sede na região** quer ao nível do concelho de Beja quer ao nível da NUT III Baixo Alentejo destacam-se as que estão associadas à Indústria Transformadora, no que respeita ao sector secundário destaca-se a construção civil, e as de comércio por grosso e retalho (estas as mais representativas) e Alojamento e Restauração no que respeita ao sector terciário. De referir no entanto que as empresas do sector primário na Região do Baixo Alentejo representam cerca 24,4% do total das empresas, para o concelho estas representam cerca de e 18% do total. (INE- Resultados Definitivos).

**Gráfico 2 – Empresas com Sede na Região**



Fonte: INE

Em relação à **população empregada** por ramos de actividade económica e sexo no concelho de Beja verificamos que é o sector terciário que detém maior número de trabalhadores, seguindo-se o sector secundário e finalmente o primário. Quanto à sua repartição por sexos, nos sectores primário e secundário há predominância de trabalhadores do sexo masculino, sendo os trabalhadores do sexo feminino em maior número no sector terciário.(INE- Resultados Definitivos).

A análise da **taxa de actividade**, permite identificar que entre 1991 e 2001 se verificou um aumento de cerca de 4% no concelho de Beja e de 3,7% na região do Baixo Alentejo. Na repartição por sexo, e no mesmo período em análise, verifica-se o crescimento nas taxas de actividade no sexo feminino e decréscimo no sexo masculino (sendo mais acentuado no primeiro caso), tanto para a região como para o concelho, (INE- Resultados Definitivos).

A **taxa de desemprego** sofre uma diminuição de 2,8% entre a década de 1991 e 2001 para a região do Baixo Alentejo e de 1,5% no concelho de Beja. No concelho de Beja esta taxa teve um aumento de cerca de 5,4% nas mulheres e uma diminuição de 0,7% nos homens. (INE- Resultados Definitivos).

Por conseguinte na população da região em análise o sector primário sobretudo a actividade agrícola ainda retém uma grande quantidade de população em grande parte devido ao facto de Beja se situar no Alentejo interior, onde do ponto de vista histórico a população sempre esteve ligada à actividade agrícola. Apesar da grande importância atribuída ao sector primário é o sector terciário que tem vindo a

criar postos de trabalho para a maioria da população residente, com grande predominância nos indivíduos do sexo masculino.

Apesar da taxa de actividade ter vindo a subir nos últimos dez anos no sexo feminino, como consequência deste aumento há também o aumento do desemprego a ter maior incidência no sexo feminino.

No que concerne às empresas a laborar na região destaca-se a predominância da indústria transformadora, seguida da construção civil na criação de postos de trabalho.

Uma vez apresentada a caracterização geográfica, no próximo ponto vai ser feita a descrição das instituições enquadradoras da investigação, a Fundação Nobre Freire e a Casa de Repouso Henri Dunant.



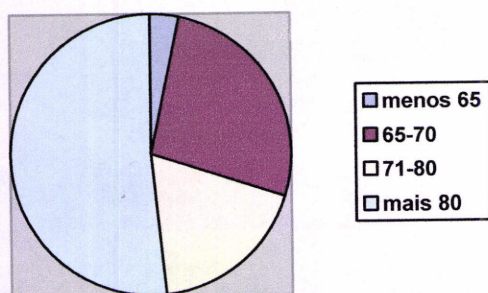
### **3.2- Fundação Nobre Freire**

A Fundação Nobre Freire encontra-se actualmente situada na rua do Sembrano e portas de Aljustrel nº 6 – 10, freguesia de São João Baptista. Esta instituição foi fundada por Dona Maria Angélica Nobre Freire a 1 de Fevereiro de 1906 com o nome de Asilo Nobre Freire com o intuito de dar apoio aos pobres do sexo masculino, sendo que nessa época estava sobre a tutela da Santa Casa da Misericórdia de Beja, de onde apenas se desvinculou na década de 50 para passar a ter uma direcção própria nomeada pelo Governador Civil da cidade de Beja.

Actualmente, a instituição é considerada Instituição Particular de Solidariedade Social, pelo que o Estado, através do Centro Regional de Segurança Social de Beja, apoia e fiscaliza o seu funcionamento.

A Fundação Nobre Freire conta com as valências de lar, centro de dia, apoio domiciliário e apoio domiciliário integrado. No que concerne à valência lar, o mesmo destina-se a utentes do sexo masculino, cuja situação social, familiar ou de saúde não lhes permite permanecer na sua própria casa. O lar conta com 66 utentes institucionalizados, 60 dos quais estão abrangidas pelo acordo de cooperação com o Centro Regional de Segurança Social de Beja (*Documentação Interna cedida pela Instituição*).

**Gráfico 3 – Idade dos Utentes**

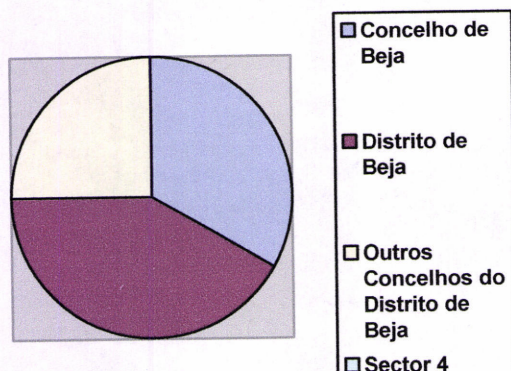


**Fonte:** Documentação interna da Instituição

Analisando o quadro, verifica-se que o grupo com maior representatividade é o de mais de 80 anos, logo seguido dos 65-70 anos, o que denota uma população bastante envelhecida. No que concerne ao facto de haverem dois utentes com idades inferiores a 65 anos, o mesmo deve-se a serem portadores de deficiência física e terem ingressado na instituição há vários anos.



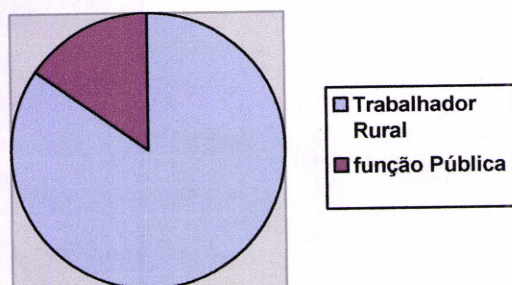
**Gráfico 4 - Naturalidade**



**Fonte:** Documentação interna da Instituição

No que diz respeito à naturalidade dos inquiridos a maioria é oriunda do distrito de Beja, em grande parte devido ao facto das instituições privilegiarem os que são naturais do distrito de Beja.

**Gráfico 5– Profissão Exercida**

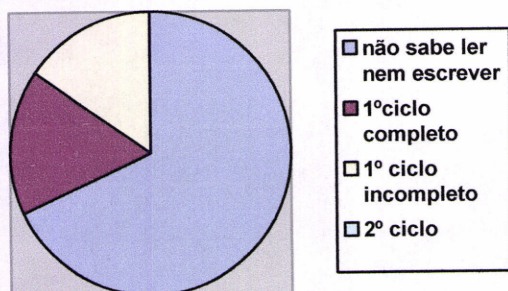


**Fonte:** Documentação interna da Instituição

Na análise do quadro verifica-se que uma grande proporção de inquiridos teve como última profissão trabalhador rural, em grande parte dada as características da região



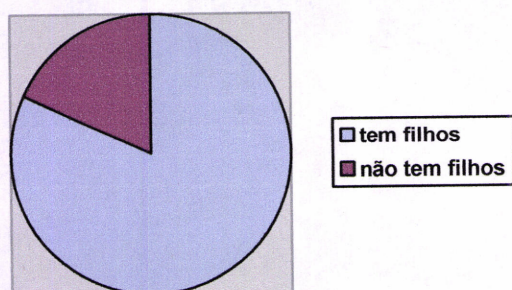
**Gráfico 6– Habilitações Literárias**



**Fonte:** Documentação interna da Instituição

Uma grande proporção dos entrevistados não sabe ler nem escrever, e apenas 10 deles têm o 1º ciclo.

**Gráfico 7 – Agregado Familiar**

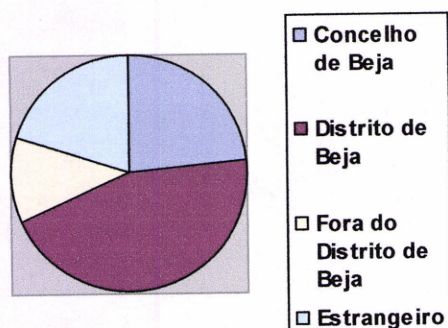


**Fonte:** Documentação interna da Instituição

Na composição do agregado familiar detecta-se que 54 dos entrevistados têm filhos, enquanto 12 não tem filhos. Ainda se verifica a existência de agregados familiares extensos na região Alentejo, visto que os filhos eram vistos como uma fonte de rendimentos para o agregado familiar.



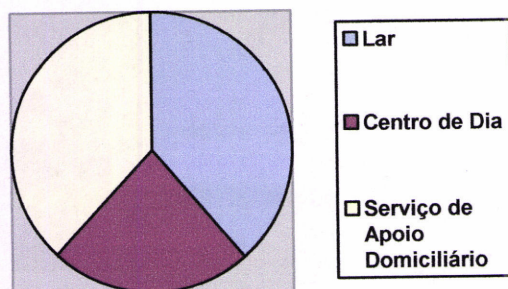
**Gráfico 8 – Local de Residência do Agregado Familiar**



**Fonte:** Documentação interna da Instituição

No que concerne ao local de residência do agregado familiar, verifica-se que a maioria é residente no distrito de Beja, o que denota uma vida dedicada às actividades agrícolas.

**Gráfico 9 - Número de Utentes por Valência**



**Fonte:** Documentação interna da Instituição

A valência da instituição com maior número de utentes é o serviço de apoio domiciliário, logo seguido da valência lar e por fim vem a valência centro de dia com 40 utentes. Através dos dados depreendemos que os idosos preferem permanecer no seu domicílio a ingressarem na instituição, onde por vezes os sentimentos de solidão se fazem sentir de forma mais intensa.

Em síntese através da análise dos dados da Fundação Nobre Freire verifica-se os seguintes resultados: no que concerne à valência lar, a faixa etária com maior representatividade é a dos 65-70 anos, grande parte dos utentes são oriundos do distrito de Beja, trabalhavam sobretudo na actividade agrícola, a grande maioria não



sabe ler nem escrever e o agregado familiar destes idosos é em grande proporção residente no concelho de Beja.

**Fotografia 1- Entrada da Fundação Nobre Freire**



### **3.3 -Casa de Repouso Henri Dunant**

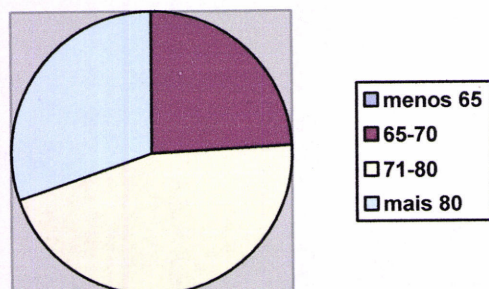
A Casa de Repouso Henri Dunant encontra-se sedeadada no prédio nº21 do Largo de Santa Maria em Beja, Freguesia de Santa Maria da Feira. Fundada em Março de 1998, a Casa de Repouso Henri Dunant é uma das duas instituições da Cruz Vermelha Portuguesa delegação de Beja, que presta apoio a pessoas idosas. Esta instituição pretende assim com o seu nome prestar uma homenagem a Henri Dunant, fundador da Cruz Vermelha Internacional.

Esta instituição presta apoio a idosas do sexo feminino, sendo que neste momento conta com 33 utentes na valência lar, apesar da sua capacidade ser para apenas 30 utentes.

Para além da valência lar, há também as Valências de centro de dia e Serviço de apoio domiciliário integrado (*Documentação Interna cedida pela Instituição*)



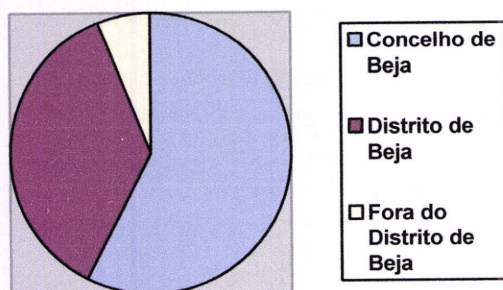
**Gráfico 10 – Idade dos Utentes**



**Fonte:** Documentação interna da Instituição

A maioria dos entrevistados tem entre 71-80 anos, o que denota uma população já bastante envelhecida.

**Gráfico 11 - Naturalidade**

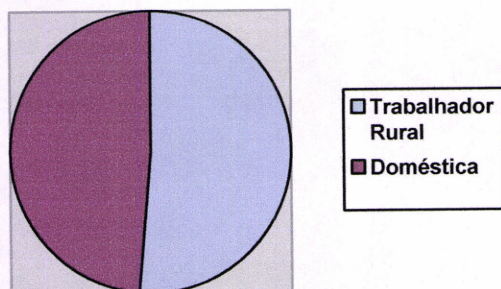


**Fonte:** Documentação interna da Instituição

No que diz respeito à naturalidade a grande maioria é oriunda do concelho de Beja, o que denota uma vida dedicada às actividades agrícolas, dadas as características geográficas do concelho de Beja e suas freguesias.



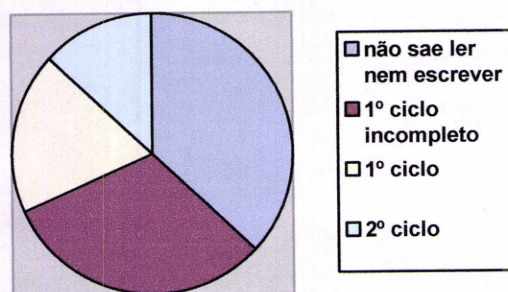
**Gráfico 12 – Profissão Exercida**



**Fonte:** Documentação interna da Instituição

Em relação á ultima profissão exercida antes do ingresso na instituição prevalecem os trabalhos do campo, logo seguidos das actividades domésticas. Aqui podemos verificar as desigualdades de género, onde as actividades do campo estávamos maioritariamente confinadas ao sexo masculino e as actividades domésticas ao sexo feminino, embora algumas mulheres também executassem actividades do campo como a ceifa e a monda.

**Gráfico 13 – Habilitações Literárias**

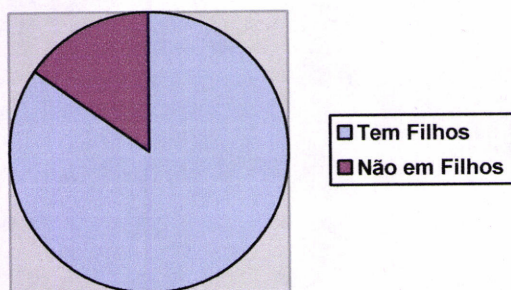


**Fonte:** Documentação interna da Instituição

No que concerne ás habilitações literárias a maioria dos entrevistados, não sabe ler, nem escrever, devido ao facto de terem começado a trabalhar muito cedo e do ensino obrigatório ainda não estar instituído.



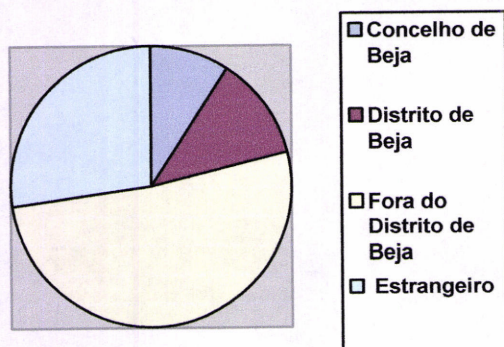
**Gráfico 14 – Agregado Familiar**



**Fonte:** Documentação interna da Instituição

Em relação à composição do agregado familiar, 28 dos idosos, afirmaram ter filhos, enquanto 5 afirmaram que não tem filhos, as famílias extensas eram vistas como uma fonte de rendimentos.

**Gráfico 15 – Local de Residência do Agregado Familiar**

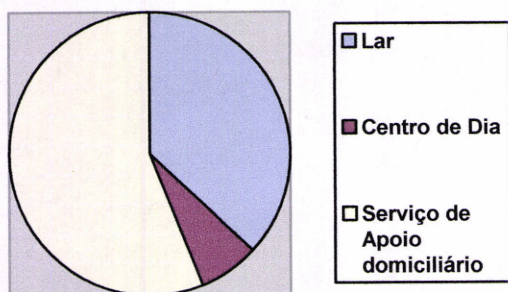


**Fonte:** Documentação interna da Instituição

No local de residência do agregado familiar, existe uma grande maioria a residir fora do distrito de Beja. A procura de melhores condições de vida levou à saída para as cidades e à emigração, originando o despovoamento dos meios rurais, onde ficaram os idosos cada vez mais entregues à solidão, onde a única alternativa que lhes resta é a institucionalização.



**Gráfico 16 - Número de Utentes por Valência**



**Fonte:** Documentação interna da Instituição

Quando analisamos o número de utentes por valência, verifica-se que a valência de apoio domiciliário tem maior número de idosos, logo seguida da valência lar e por ultimo está a valência centro de dia com apenas 6 idosos. Este elevado número de idosos na valência de apoio domiciliário denota o facto dos idosos preferirem ficar no seu domicílio, apesar das suas limitações em vezes de ingressarem na instituição onde se sentem mais sós.

Através da análise dos quadros é possível verificar que a instituição apresenta um total de 66 utentes na valência lar, 6 na valência de centro de dia e 50 na valência de apoio domiciliário. Por outro lado, verifica-se a existência de um grande número de utentes na faixa etária dos 71 -80 anos, são sobretudo oriundos do concelho de Beja, a ultima profissão exercida foi na agricultura, a grande maioria não sabe ler nem escrever e o agregado familiar reside fora do distrito de Beja.

**Fotografia 2- Entrada da Casa de Repouso Henri Dunant**



**IV – Análise de Conteúdo das Histórias de Vida**

**4.1-Perfil Sociológico dos Entrevistados**

Através das histórias de vida, podemos verificar que os idosos em estudo têm idades compreendidas entre os 80 e os 96 anos, sendo ainda importante realçar que, todos os outros nasceram em freguesias rurais o que, levou a que desde a infância se dedicassem às actividades agrícolas como forma de subsistência.

“Nasci em Ferreira do Alentejo e tenho 80 anos” (*Entrevista 1*)

“Nasci no Algarve em 1917, tenho 90 anos já feitos. Éramos cinco irmãos, agora já somos quatro, um faleceu num desastre em Faro e depois os meus pais vieram para o Alentejo tinha eu onze meses, o meu pai era rendeiro de fazendas, hortas e coisas assim”(Entrevista 2)

“Nasci na aldeia da Trindade em 1921 “.(Entrevista 3)

“Nasci na freguesia da Salvada há 96 anos, e vivi lá até aos 42 anos” (*Entrevista 4*)

“Nasci em Santa Clara do Louredo, vim para Beja tinha um mês, entrei para a escola com 7 anos, fiz a quarta classe. Tenho oito irmãos éramos dez, mas morreram os outros três. Tenho 82 anos, faço 83 para o mês que vem” (*Entrevista 5*)

“Nasci na Figueira dos Cavaleiros, criada e nascida, fiz 83 anos no dia 22 de Junho, já fiz cá.”(*Entrevista 6*).

No que Concerne ao estado civil, verifica-se que à excepção do Entrevistado 1 que nunca chegou a casar permanecendo solteiro durante toda a sua vida, os restantes constituíram família. Numa época em que as famílias numerosas eram quase uma “tradição”, um elevado número de filhos assegurava a subsistência do agregado familiar, ou seja, os filhos eram vistos como uma fonte de rendimentos.

“(…)Nunca cheguei a casar por causa de Deus Nosso Senhor, namorei uma rapariga nove anos, depois fui para a tropa para Mafra depois quando vim cá de férias tivemos a pouca sorte eu e ela ficou grávida de um caszinho, nesse tempo não havia

socorro, isto foi já em 1947, morreu ela e morreram as crianças, nunca mais quis mulheres, foi por causa disso que eu não casei. (...)” (*Entrevista 1*)

“(...) Então a minha mulher morreu e eu vim para casa do meu filho eu comecei a pensar o que é que fazia ali (...)” (*Entrevista 2*)

“(...) Fiquei viúvo, a minha mulher morreu nos dias em que ia votar, morreu nos votos, foi em 1975 que ela morreu, estava a votar, morreu nos votos (...)” (*Entrevista 3*)

“(...)ele era reformado da GNR, morreu há 7 anos (...)” (*Entrevista 4*)

“ O meu marido morreu há 16 anos, morreu no dia 10 de Agosto, ele tinha uma angina de peito não podia trabalhar quem tinha de trabalhar era eu para sustentar a casa.” (*Chora*) (*Entrevista 5*)

“Aqui tenho estado sempre, o meu marido morreu quando eu tinha 70 anos (...)”(*Entrevista 6*)

No que concerne às habilitações literárias os entrevistados apresentam um baixo nível de habilitações literárias, na medida em que apenas, o entrevistado 2 e o entrevistado 4 concluíram o primeiro ciclo. Esta situação deve-se ao facto de terem começado a trabalhar muito cedo nas actividades agrícolas e nunca terem frequentado o ensino que ainda não estava instituído como obrigatório na época.

“Andávamos de horta em horta, de fazenda em fazenda e fomos criados no Alentejo, o meu pai arrendou uma propriedade a pé de uma aldeia e eu andei à escola lá, foi na aldeia de Vale de Vargo Concelho de Serpa fiz lá a quarta classe”(Entrevista 2)

“(...)Tenho três livros editados, tenho a terceira classe, comecei na escola com oito, nove anos(...)” (*Entervista 3*)

“(...)Entrei para a escola com 7 anos, fiz a quarta classe(...)” (*Entrevista 4*)

“(...)Não cheguei a ir à escola no meu tempo não havia escola, nunca cheguei a entrar numa escola, nem o meu nome sei fazer, nenhum foi à escola não havia lá



escola nesse tempo, já há muito ano não havia escola, agora é que são todos obrigados a ir à escola mas no meu tempo não era(...)." (*Entrevista 5*)

"(...)Não fui à escola porque o dinheiro não dava, a gente tínhamos de trabalhar(...)." (*Entrevista 6*)

O sector primário, sempre foi o sector dominante nesta região, como tal os idosos começaram desde muito novos a trabalhar na actividade agrícola à excepção da Entrevista 4 em que a idosa sempre se dedicou às actividades domésticas permanecendo na sua casa, os restantes idosos começaram cedo a dedicar-se às actividades agrícolas, embora no caso das entrevistas 1 e 3 tenham tentado encontrar melhores condições de vida noutras profissões.

"Comecei a trabalhar com nove anos, a guardar cabras que o meu pai tinha cabras e dizia-me vai lá voltar aquela cabra e eu lá ia descalço, tinha a sola dos pés tão dura que nem furavam, mas nem é bom eu falar nisso que é uma vida tão... (*a sua expressão facial evidencia tristeza*) No principio como o meu pai era moleiro eu era também, depois trabalhei na agricultura, quando fui para a França era pedreiro." (*Entrevista 1*)

"Já depois de casado ainda continuei a trabalhar na agricultura" (*Entrevista 2*)

"Eu trabalhei em muitas profissões fui... trabalharam mais foi na agricultura, na agricultura mais fazia os serviços da agricultura, fazia de tudo, tudo, tudo. Trabalhei em tudo, limpei árvores e fui condutor de máquinas muitos anos e enfim a minha profissão foi essa, depois comecei a trabalhar também em pedreiro já depois de uma certa idade e é assim... Comecei a trabalhar no campo com dez anos, era para ajudar a família pois era isso " (*Entrevista 3*)

"Trabalhei sempre em casa, vivi com os meus pais até casar aos 45 anos" (*Entrevista 4*)

"Comecei a trabalhar com 12 anos, a mondar, ceifar, apanhar grãos, apanhar azeitona, estes trabalhos todos." (*Entrevista 5*)

"Eu era parteira, moça de recados. Tinha coragem para tudo, hoje não tenho coragem para nada". (*Entrevista 6*)

Da análise do perfil sociológico, verifica-se a existência de semelhanças entre todos os entrevistados, na medida em que todos os entrevistados nasceram em meios rurais, tiveram uma vida desde a infância dedicada às actividades agrícolas. No entanto as difíceis condições de vida levaram a que os mais jovens abandonassem os meios rurais, onde ficaram apenas os idosos, cada vez mais expostos a situações de isolamento social, que na ausência de suporte familiar apenas lhes resta a institucionalização.

**4.2 – Agregado Familiar**

Seguindo a linha de pensamento de António Barreto (2007:52;53) A família alargada está a desaparecer, enquanto o número de pessoas por família se encontra igualmente em decréscimo, sendo que mais de 40% das famílias portuguesas são compostas por uma ou duas pessoas.

A fecundidade também baixou, por seu lado, a nupcialidade começou por crescer nos anos cinquenta, baixou nos anos setenta e actualmente encontra-se estabilizada, em oposição à taxa de divórcios que atinge valores cada vez mais elevados. Salienta-se ainda o aumento dos casamentos não católicos e das uniões de facto.

A mortalidade infantil baixou significativamente, enquanto a esperança média de vida aumentou.

A instituição família sofreu uma mutação profunda “Prossegue o desaparecimento da família nuclear restrita tradicional (duas gerações) e ainda mais da família nuclear alargada tradicional (três gerações). As causas desta evolução são muitas o emprego da mulher, o trabalho de ambos os pais e por vezes dos pais, a nova compreensão da sexualidade, o uso de contraceptivos, a capacidade financeira dos pais, o “egoísmo”, a preocupação dos pais com as carreiras profissionais” (Barreto;1997:55).

Numa época profundamente marcada pela família tradicional, com elevado número de filhos, e uma estrutura familiar bastante coesa, é nesta tipologia de família relatada por Boaventura de Sousa Santos “A apologia da família pobre mas feliz, unida e trabalhadora, com gostos simples e sem ambições de ascensão social, uma ideologia imbuída de mitologia rural e misticismo religioso (...)” (Santos; 1993:26), que os idosos entrevistados se inserem.

“Éramos treze irmãos, o meu pai era moleiro e o moinho matou uma moça e um moço, mas criou-os todos com pão e carne, com ordenados pequenos mas criou-nos todos, nunca passámos fome (...)” (*Entrevista 1*)

“(...)Éramos cinco irmãos, agora já somos quatro (...)”

“Já depois de casado ainda continuei a trabalhar na agricultura, casei aos 29 anos com uma rapariga de 18 anos e já vai fazer dez anos que ela morreu eu ainda cá estou, tínhamos doze anos de diferença mas calhou-lhe a ela primeiro. Tivemos dois rapazes, tenho duas netas e dois netos e vem uma bisneta a caminho daqui por um mês e meio (...).” (*Entrevista 2*)

“Tive seis filhos, o primeiro nasceu tinha eu vinte e três, vinte e quatro anos(...).”

“Quando eu fiz aí anos a última vez, que festejei aqui os anos eram vinte e quatro pessoas ali á minha mesa, vinte e quatro familiares, eles diziam-me então assim: - Tio Mário isto foi um casamento, isto não foi baptizado foi um casamento, veio gente de todos os lados, parece que se combinaram nesse dia, vieram todos aos meus anos(...).” (*Entrevista 3*)

“(...)Tenho oito irmãos éramos dez, mas morreram os outros três(...).”

“Nunca tive filhos, tenho sobrinhos, tenho irmãos, tenho cunhadas, primos (...).” (*Entrevista 4*)

“(...)Tinha oito irmãos quatro irmãs e quatro irmãos(...).”

“Tenho três filhos(...).”

“Tenho uma boa relação com toda a família, tenho filhos, sobrinhos, tenho dois netos e cinco bisnetos(...).” (*Entrevista 5*)

“(...)O meu pai morreu tinha eu 9 anos, e pouco depois a minha mãe arranjou um homem, eu e a minha irmã não gostámos muito, e da primeira vez que o vi quis-lhe jogar um alicate à cabeça(...).”

“(...)Arranjaram-me cá uma casa para morar, vim com o meu marido e os meus outros dois filhos. A vida era de muita miséria(...).” (*Entrevista 6*).

Assim sendo, quando estabelecemos uma analogia entre o agregado familiar tradicional (onde os idosos estão inseridos) e o agregado familiar moderno, verificamos que na sociedade tradicional as famílias eram bastante mais extensas o que está associado segundo António Barreto à alteração do Papel da mulher no seio da instituição família (Barreto;2007:54).

Devido às difíceis condições de vida os mais jovens abandonáramos meios rurais para se fixarem nas cidades ou emigraram, fazendo com que apenas

permaneçam nos meios rurais os mais idosos que devido à avançada idade e ao afastamento da família apenas lhes resta ingressarem nos lares da Terceira Idades. Por seu lado, as visitas da família são esporádica ou inexistentes o que conduz a uma quebra dos laços familiares e à cada vez maior solidão dos idosos em contexto institucional. “Se se torna difícil para aquele que vive integrado na sua comunidade reorganizar o seu projecto de vida face ao conjunto de novos factores que passam a interferir nas suas vivências, para o idoso institucionalizado o processo torna-se necessariamente mais dramático” (Pimentel, 2005:75).



### **4.3 – Trajectórias de Vida**

A compreensão das trajectórias de vida dos seis idosos assume extrema importância no âmbito deste estudo, na medida em que esta “viagem no tempo”, desde os tempos de infância até à actualidade permite compreender se as perturbações do percurso de vida influenciam os sentimentos de solidão em contexto institucional.

Deste modo, “As trajectórias não são processos mágicos, mas uma construção e uma desconstrução de poderes numa dinâmica relacional em que se entrecruzam de forma interdependente os ciclos longos da história e os ciclos curtos da vida dos indivíduos, os tempos históricos e sociais e os tempos familiares, grupais e individuais” (Faleiros;2003:74).

Para o mesmo autor “As trajectórias não são lineares, mas sim um processo de mudança de relações. Este processo de mudança de relações implica rupturas que se manifestam em desavenças, revoltas, resistência, deslocamentos e continuidades que se manifestam como acomodações, integrações, tradições, repetições” (Faleiros;2003:74).

Assim sendo, as trajectórias de vida da pessoa idosa, tem uma grande importância na análise da solidão em contexto institucional, no existem outros factores que também são propícios à solidão, tal como afirma Adelaide Malainho “Para além das trajectórias de vida, a meu ver existem outros factores que condicionam a solidão em contexto institucional, sem nunca esquecer a personalidade de cada um, no entanto há questões como as perdas de um ente querido, os problemas de saúde, a falta de autonomia e a dependência em relação a terceiros para executar as tarefas do quotidiano”(Excerto da Entrevista Realizada no âmbito da pesquisa).

**4.3.1 – Infância**

Durante as entrevistas os idosos relataram experiências de uma infância nem sempre feliz, marcada pelo trabalho desde muito cedo, como forma de ajudar nos escassos recursos económicos da família. Infância essa onde quase não havia “tempo” para brincar, nem para ir à escola (visto que o ensino primário obrigatório ainda não tinha sido instituído só foi instituído na década de 60 e apenas uma minoria tinha acesso ao ensino).

Tal como afirma Giddens “Nas sociedades tradicionais os mais novos passavam directamente de uma infância prolongada a desempenhar um papel activo dentro da comunidade. (...) As crianças tomavam parte no trabalho e nas actividades lúdicas dos adultos, e não tinham os brinquedos e as brincadeiras que hoje achamos próprias da idade.” (Giddens;2002:58).

Nos homens é perceptível uma infância maioritariamente marcada pelos trabalhos duros do campo, onde predominam sobretudo os trabalhos com os animais. Citando António Barreto “ Em 1960, Portugal ainda era um país rural.(...) A agricultura era significativa e ainda ocupava 40% da população. Mais importante era a sociedade marcada pela ruralidade. Mesmas as pequenas cidades e vilas eram de cariz rural. Poucas instituições asseguravam a cobertura nacional do tecido rural. (...) A sociedade rural é por definição dispersa, com poucas relações entre as suas unidades.” (Barreto;2007:06)

“Comecei a trabalhar com nove anos, a guardar cabras que o meu pai tinha cabras e dizia-me vai lá voltar aquela cabra e eu lá ia descalço, tinha a sola dos pés tão dura que nem furavam, mas nem é bom eu falar nisso que é uma vida tão... *(a sua expressão facial evidencia tristeza)* (Entrevista 1)

“Comecei a trabalhar com cinco anos, ficava ao pé de um burro que andava tirando água com uma varinha tocando no burro para ele não parar, era sempre na parte da tarde que o meu pai me dizia ficas ai com o burro e não o deixes parar senão levas um pontapé *(sorri)*. De tudo isso eu me lembro, há já tanto ano. Trabalhava com o meu pai, regava o meu pai abria o tanque com uma água leve para que não desse muito trabalho e eu ia regando” *(faz uma pausa na narração e baixa a cabeça)*. (Entrevista 2)

“Nasci na aldeia da Trindade em 1921(..) sou poeta, aliás faço as minhas poesias e tenho três livros editados, tenho a terceira classe, comecei na escola com oito, nove anos. Éramos seis irmãos mas já não tenho nenhum vivo, eu sou o único que cá estou, sou o único, infelizmente já lá estão todos coitados.” (*Entrevista 3*)

Nas mulheres apesar de também haverem relatos de uma infância pautada pelos trabalhos agrícolas nomeadamente a ceifa e a monda, actividades desde sempre mais ligadas ao sexo feminino, tinham papel importante nas tarefas domésticas, nas mulheres verifica-se uma baixa escolaridade, visto que as mulheres desde sempre estiverem mais confinadas ao espaço do lar, a cuidar dos filhos e dos irmãos. “Como a garantia de direitos a todos os cidadãos e o estabelecimento de limites ao poder do Estado a sociedade é, hoje, mais justa e não exclui. A integração da mulher na população activa e o acesso ao estatuto de cidadã em termos iguais aos dos homens é um dos mais importantes traços da nova sociedade. No passado as mulheres tinham menos direitos que os homens: salvo raro excepções, não tinham direito de voto. Sem autorização dos maridos não podiam sair do país, não podiam ter conta bancária, assinar contratos comerciais, alugar casa. O adultério masculino era tolerado; o adultério feminino não era.” (Barreto; 2007:08).

“Nasci em Santa Clara do Louredo, vim para Beja tinha um mês, entrei para a escola com 7 anos, fiz a quarta classe (...)” (*Entrevista 4*)

“Nasci na Figueira dos Cavaleiros, criada e nascida, fiz 83 anos no dia 22 de Junho, já fiz cá. Tinha oito irmãos quatro irmãs e quatro irmãos. Não cheguei a ir à escola no meu tempo não havia escola, nunca cheguei a entrar numa escola, nem o meu nome sei fazer, nenhum foi à escola não havia lá escola nesse tempo, já há muito ano não havia escola, agora é que são todos obrigados a ir à escola mas no meu tempo não era.”

“Comecei a trabalhar com 12 anos, a mondar, ceifar, apanhar grãos, apanhar azeitona, estes trabalhos todos.” (*Sorri*) (*Entrevista 5*)

Verifica-se nas mulheres uma maior propensão para a vida religiosa, como o rezar antes das refeições ou o ir à missa ao Domingo, este vertente religiosa foi-lhes incutida na infância e acompanha-as durante toda a sua vida. Podemos verificar diferenças de género na forma como a religiosidade é vivida. Por outro lado, nas mulheres há uma maior dedicação à família, há mais afectos.

“Nasci na freguesia da Salvada há 96 anos, e vivi lá até aos 42 anos”.

“O meu pai faleceu com uma congestão, nessa noite, foram-me chamar ao trabalho para eu vir acompanhar o meu pai. Era eu e outra irmã mais velhinha do que eu, viemos as duas para acompanhar o meu pai” (*Luísa verte algumas lágrimas*)

“Eu era parteira, moça de recados. Tinha coragem para tudo, hoje não tenho coragem para nada”.

“A minha madrinha que morava ali perto mandava-me fazer mandados. Fazia a comida fazendo conta com a gente, mas antes do comer eu e a minha irmã tínhamos de rezar. Como se começávamos a rir ela mandava uma para o jardim e fazia a outra rezar, quando essa acabava vinha a outra, quando a reza acabava é que agente ia comer “(*expressão séria*) (*Entrevista 6*)

Das entrevistas efectuadas podemos verificar que o trabalho era encarado de forma natural para a sociedade da época, apesar de deixarem transparecer no seu discurso alguma tristeza pela forma dura como trabalharam na sua infância.

**4.3.2 – Juventude**

Passada a fase da infância marcada predominantemente pelos trabalhos agrícolas os entrevistados dão a conhecer o oposto na sua juventude, isto é, verifica-se que apesar das difíceis privações por que passavam os idosos tiveram uma juventude relativamente feliz, cujas actividades lúdicas giravam em torno das festas e romarias tradicionais.

Para Giddens “ (...) Os adolescentes nas sociedades tradicionais têm menos a «desaprender» que os seus parceiros das sociedades modernas, na medida em que a velocidade de mudança é bastante mais reduzida. Existe uma altura na vida em que os nossos filhos são obrigados a deixarem de ser crianças: a arrumarem de lado os brinquedos e a abandonar as brincadeiras infantis. Nas culturas tradicionais, onde as crianças já estão a trabalhar ao lado dos adultos por esta altura, este processo de «reaprendizagem» é, regra geral, muito menos violento (...)” (Giddens;2002:60)

Da leitura das entrevistas é possível detectar que durante o período da juventude se verifica nos homens uma grande propensão para frequentar não só os tradicionais bailes, mas também as touradas, sem qualquer tipo de restrições por parte dos progenitores. Havendo mesmo alguns dos entrevistados que relataram evidenciando algum saudosismo algumas situações próprias da juventude da sua época.

“Nunca me esqueço da minha aldeia, fui lá criado, na minha juventude era muito dançarino não parava, onde houvesse um baile deixei estar que eu lá ia dançar eu não escapava em lado nenhum, montava-me numa motorizada e lá ia eu, para isso fui sempre um alarveirão (*sorri de forma saudosista e desvia olhar*). Também gosto muito de touradas, cheguei a vir de Mombeja à Cuba a pé para ver uma tourada, agora as pernas já não me deixam ir. Uma vez tive um acidente numa tourada, estava em cima do estendal de um carro e o boi cá do outro lado, quando começou a ficar vento fui-me embora para trabalhar no moinho, desci-me do carro e ia ando quando o boi se jogou a mim e me mandou para o hospital. Quando havia touradas tinha sempre companhia para ir. Ainda vi tourear a Conchita, e o João Branco Núncio foi o melhor toureiro que cá apareceu, ainda o cheguei a ver tourear aqui, em Alcácer do Sal, onde quer que ele ia “ (*eleva os braços no ar e aumenta o tom de voz.*) (Entrevista 1)

“Ainda me lembro de quando era novo e ia aos bailes e às festas, eu dançava com esta e aquela, fosse lá quem fosse, todas gostavam de dançar comigo eu era muito rápido, parece que as raparigas gostavam da rapidez (*sorri*). Uma vez por estar bêbado num baile e andar a passar das marcas a guarda pegou em mim e levou-me para o calabouço”.

“No regime de Salazar fui dormir ao calabouço da guarda republicana tinha eu 20 anos já fez 70 anos que isso aconteceu, a minha sorte foi um guarda que lá estava que era amigo da minha família e me deu uma manta para eu dormir.” (*Entrevista 2*)

“Quando era novo, não havia festas nenhuma que eu não fosse, era muito amigo de festas, era uma coisa que eu não perdia era qualquer festa, bailes era a mesma coisa, eu não podia perder um baile, era muito evoluído nessas coisas, quando era novo era a coisa que eu mais gostei, que eu mais adorei foi isso e festas não perdia uma festa sequer, lembro-me de dançar muito, até ganhei um prémio na dança, mas isso há tanto ano já que isso foi, ganhei o primeiro prémio a dançar, infelizmente essa que ganhou o prémio comigo já cá não está, infelizmente já morreu eu ainda cá estou, mas festas adorei sempre, sempre foi coisa que adorei sempre, agora é pena eu não estar já capaz dessas coisas.” (*Entrevista 3*)

Tal como no sexo masculino, também no sexo feminino a vida social girava em torno dos bailes e festas de aldeia, sendo que no sexo feminino havia um maior controle por parte dos progenitores, tal como era comum na época, a mulher estava mais confinada ao espaço doméstico, daí ter desde muito cedo um grande controle, que se manifesta ao longo de toda a sua vida.

“Na minha juventude era uma pimpona, gostava de ir aos bailes, dançava desde a noite até ao amanhecer, gostava muito de dançar e ainda hoje gosto só que eu já não posso (*deixa transparecer saudosismo no seu discurso*). Os meus pais deixavam-me ir quase sempre, o meu pai teve uma filha que morreu aos 16 anos, eles não a deixavam ir a lado nenhum depois ela morreu e então fiquei eu, quando eu era já mulher deixavam-me ir a todo o lado. Tive um namorado muitos anos mas esse namorado não deu casamento porque ele arranjou uma rica e casou com ela, mas graças a Deus arranjei um bom casamento, o meu marido era uma boa pessoa (*sorri*).” (*Entrevista 4*)

“Durante a minha juventude ia a festas, a bailes, a festas de Carnaval, a tudo isso ia a isso tudo, eu sabia dançar, eu sabia cantar, ia a um baile era até ao fim,

andávamos na monda cantávamos dias inteiros na monda, com um sacho na mão a mondar e com a ceifa começava a ceifar, começava a cantar. As festas no tempo antigo era bailes, fazíamos mastros, depois bailávamos à roda dos mastros. Os moços queriam agente mas agente às vezes não os queria eu não gostava de bailar com todos, gostava com aqueles que bailavam bem, que eu também bailava bem.

“Os meus pais era mau deixarem-me ir mas eu adorava um baile, ainda hoje gosto de ver um baile.”

“Ia também à missa todos os Domingos, não era obrigatório, ia quem queria, rezava o terço sei rezar o terço.” *(coloca as mãos como se estivesse a rezar)*  
*(Entrevista 5)*

“Eu era muito amiga de cantar e bailar a gente em novos só quer é festa, eu cantava muito bem sempre e então ia para a monda não queria saber de luto, nem disso, nem daquilo” *(gesticula bastante com as mãos e sorri)*.

“Bom comecei a ir aos bailes com a minha irmã. Começámos a cantar, a fazer uma nova vida, até que arranjei um namorado, esse namorado gostava de mim, eu era uma moça nova tinha 17 anos” *(sorri e evidencia um brilho especial no olhar)*.

“Não era como hoje, era só à porta é que a gente falava, não se falava cá diante de pais nem de mães em namorados” *(gesticula bastante com as mãos)*. *(Entrevista 6)*

Através da análise das entrevistas detectamos que na fase da juventude o sexo masculino fazia a vida social sem controle dos progenitores, enquanto no sexo feminino se verifica um forte controle dos progenitores, bem como uma vida mais confinada ao espaço do lar, o sexo feminino aparece ligado às actividades domésticas. Na adolescência os idosos tinham uma vida muito preenchida em grande parte por serem oriundos de famílias muito numerosas, por outro lado as difíceis condições de vida faziam com que houvesse uma maior proximidade entre os familiares e amigos.

**4.3.3- Adulter**

A idade adulta é uma fase crucial na vida dos indivíduos, na medida em que coincide com a fase em que se adquire uma maior maturidade, apesar de haver uma grande discrepância entre a idade adulta das sociedades actuais e a idade adulta nas sociedades tradicionais, "(...) algumas das tensões que hoje sofremos eram no passado, muito menos acentuadas. As pessoas mantinham uma relação mais próxima com os seus pais e restantes familiares do que hoje, com populações mais móveis, e as rotinas laborais que seguiam eram as mesmas do tempo dos seus antepassados (...)" (Giddens; 2002:61).

Para os entrevistados a idade adulta coincide com a fase em que se casaram e constituíram a sua própria família, essa fase coincide com o abandono da sua terra de origem em busca de melhores condições de vida. No caso do entrevistado nº1 passa essencialmente pela emigração."A partir dos anos sessenta, uma mudança radical fez com que os fluxos migratórios quase abandonassem o Brasil e se virassem, maioritariamente, para a Europa. Esta precisava de trabalhadores, Portugal tinha-os em quantidade, sofrendo, ao mesmo tempo, de uma situação de atraso económico e de incipiente industrialização. O período que vai de 1960 a 1975 é o período de maior emigração da história portuguesa" (Barreto;1997:11).

"Fui para França em 1966 e regressei em 1982, até arranjar documentos estive um ano sem cá vir, mas depois passei a vir pelo Natal, e em Agosto, ainda cheguei a estar nove anos sem cá vir, tinha muito medo da fronteira, na França agente passava por qualquer lado agora na Suíça aquilo não era brincadeira os Suíços são muito velhacos". (*evidencia exaltação no tom de voz*)

"A vida estava má como está hoje para ver se ganhava mais algum se não tivesse emigrado não estava aqui porque a reforma não dava para isso, assim sempre ganho mais alguma coisinha.

"Na França não me safei muito bem mas depois na Suíça safei-me melhor. Havia lá um rapaz que trabalhava comigo que quando se deu o 25 de Abril veio para Portugal, e passado um ano disse-me para eu pedir ao patrão para ele voltar para lá, e o patrão disse-me se quisesse vir não tinha abalado não te vou tirar a ti para o pôr a ele. Os meus sobrinhos também têm emigrado todos, lá os Suíços não deixam ninguém trabalhar depois da reforma, senão eu ainda tinha lá ficado. A minha vida foi um romance que nem eu sei contar bem o que se tem passado (*o seu rosto evidencia tristeza*). Fui para a França sem saber falar uma palavra de Francês não percebia



nada do que o patrão dizia, percebo tudo mas falar é sempre com a língua portuguesa.” (Entrevista 1)

Os idosos ao retratarem esta fase da sua vida falam sobretudo da família que constituíram, na qual aparentam ter orgulho e da qual só falam dos aspectos positivos. Por outro lado não deixam de lembrar o cônjuge ou outros familiares já falecidos.

“Já depois de casado ainda continuei a trabalhar na agricultura, casei aos 29 anos com uma rapariga de 18 anos e já vai fazer dez anos que ela morreu eu ainda cá estou, tínhamos doze anos de diferença mas calhou-lhe a ela primeiro. Tivemos dois rapazes, tenho duas netas e dois netos e vem uma bisneta a caminho daqui por um mês e meio (...)” (Entrevista 2)

“Saí de casa dos meus pais já com vinte e tal anos, eu não casei, eu juntei-me com a senhora tem que se dizer as verdades, depois aliás tive seis filhos, o primeiro nasceu tinha eu vinte e três, vinte e quatro anos, felizmente hoje todos têm os seus empregos não é...estudaram até á quarta classe, tenho um que fez o quinto ano, enfim todos apanharam pronto, só tenho uma filha mais velha que hoje já tem sessenta e tal anos é que não conseguiu ir á escola, nesse tempo não podia ir à escola por causa de criar os irmãos, aprendeu a ler, a escrever uma carta, mas foi já do que os irmãos lhe ensinavam e ela aprendeu a escrever uma carta ainda, já tem sessenta e tal anos, sessenta e quatro anos. Fiquei viúvo, a minha mulher morreu nos dias em que ia votar, morreu nos votos, foi em 1975 que ela morreu, estava a votar, morreu nos votos isso ficou-me muito bem de lembrança, há trinta e tal anos, estava a votar e deu-lhe uma coisa súbita e aliás caiu, morreu logo. Foi uma grande perda as nossas mulheres são o nosso amparo também, assim que ela me faltou pronto. Tenho, uma boa relação com os filhos todos.” (Entrevista 3)

“Casei aos 45 anos com um senhor que era viúvo, ele era reformado da GNR, morreu há 7 anos, depois dele morrer tive uma trombose e vim para o lar, já tive aqui três vezes acamada sem andar, sem comer, mas tenho melhorado, já vou andando, estou contente de estar aqui porque é uma instituição que me tem tratado sempre bem. Reformei-me aos 57 anos por invalidez “. (Entrevista 4)

Devido às difíceis condições económicas, era comum não se casarem, apenas viverem em união de facto, tal como podemos verificar através dos testemunhos recolhidos.

“Sai de casa dos meus pais aos 24 anos, juntei-me e depois casei-me ao fim de quatro meses, mesmo depois de casada continuei a trabalhar no campo, era uma vida muito dura, cheguei a passar privações às vezes o patrão não pagava ao Sábado e tínhamos de ir buscar os avios fiados para dar comer aos nossos filhos, foi sempre uma vida de pobre. Tenho três filhos, tenho uma filha que trabalha aqui no lar, tenho um com 43 anos que é solteiro e tenho outro com 54 anos que é casado, fizeram os três a quarta classe, era outro tempo já era uso ir à escola e eles iam.” (*desvia o olhar*) (Entrevista 5).

A Entrevistada 6, apresentada a descrição mais pormenorizada das difíceis condições que se viviam na época em grande parte impostas pelo regime ditatorial que vigorava na época. “Era até aos anos sessenta, um país rural e pobre. Eram baixos os rendimentos dos agricultores e camponeses, como reduzida era a produtividade. Faltavam equipamentos, técnicas e conhecimentos modernos. Nos anos 50 e 60, esta pobreza atingiu limites insuportáveis e a população continuava a aumentar. As famílias foram forçadas a pensar em alternativas à sua vida.” (Barreto;1997:05)

“Bem ele começou a gostar de mim, eu comecei a gostar dele, arranámos o casamento, a mãe dele gostava assim também muito de mim e casámos muito novos, ainda a minha mãe teve de ir dar o sim tinha eu 20 anos”.

“Bom, ao fim de 9 meses tive um menino que foi criado comigo e com os avós” (expressão séria).

“Nesse tempo havia uma guerra muito grande em Espanha. E então os preços que pagavam a gente eram pequenos e as coisas naquele tempo, o que davam aos pobres era 5 pães por semana e 1 litro de azeite, era tudo uma coisa de miséria não se ganhava para nada”.

“Não davam dinheiro, e o governo não dava autorização para darem mais coisas para a gente comprar, pois era só à conta, não podia passar daquela conta”

“Eu trabalhava e andava sendo manajeira, e então andava gente com muito filho trabalhando e a miséria era muita e não podiam comprar porque não davam mais mercearia, nem mais nada era só aquela conta”.

“Mas eu como era encarregada do trabalho dos patrões, dispensavam-me coisas às escondidas”.

“A gente durante a semana íamos trabalhar para o mesmo patrão e ao domingo davam mais 10 ou 5 tostões para a gente ir ganhar, para ver se chegava mais alguma coisa, porque a miséria era muita” .(Entrevista 6)

Em suma, é na fase adulta que os entrevistados nos dão a conhecer de forma mais pormenorizada as suas condições de vida, bem como a difícil situação política e social de Portugal da época. “ No princípio dos anos 60, ainda muitos portugueses tinham fome. Com alguma sorte, muitas famílias comiam carne ou peixe uma vez por semana. Era muito frequente os adultos e as crianças consumirem álcool logo pela manhã porque era uma fonte de calorías para trabalhar. Para os trabalhadores rurais, a principal refeição do dia era um caldo espesso ou rancho e broa. Só muito poucos bebiam leite todos os dias. Por volta dos anos 60, mais de metade das casas não tinham esgoto, electricidade ou sanitários. Só uma em cada 5 casas tinha banho e dois terços não tinha água canalizada. Para os filhos nascidos então não será fácil imaginar o que era a noite com candeeiro a petróleo ou o que era ter de ir buscar água ao poço ou á fonte” (Barreto, 1997:05).

**4.3.4- Aposentação**

Tomando como referência Giddens “Em formas mais antigas de sociedade, às pessoas mais velhas era geralmente devido muito respeito. (...) No seio da família, a autoridade de homens e mulheres aumentava, com muita frequência, com o aumentar da idade. (...) Nas sociedades industrializadas pelo contrário, há a tendência para que os mais velhos percam autoridade, tanto dentro da família como na comunidade social. Após a reforma de uma actividade laboral activa, as pessoas podem ficar mais pobres do que em qualquer altura das suas vidas” (Giddens:2002:61).

A citação transmite de uma forma sintética o modo como estes idosos encaram a aposentadoria, sendo que esta fase da vida, é para os Entrevistados a última fase da sua vida, que é vivida sem grandes expectativas e de forma bastante pessimista, devido ao afastamento dos familiares e aos problemas de saúde que não lhes permite fazer a vida social de outrora.

“A vida estava má como está hoje para ver se ganhava mais algum se não tivesse emigrado não estava aqui porque a reforma não dava para isso, assim sempre ganho mais alguma coisinha.” (*Entrevista 1*)

“Amigos sempre tive poucos ao longo da vida, eu era pessoa que parava pouco num sítio só, onde parei mais tempo foi no Penedo Gordo, tive ali 22 anos, conheço ali muita gente, às vezes passam aqui estão aqui um pouco comigo. Quando eu era mais ligeiro, estou já um pouco cansado, não me dá assim vontade porque não posso sair, estou bem é sossegado. É a vida de noventa anos não tem outra maneira de ser” (*entrelaça os dedos*). (*Entrevista 2*)

“Ainda me lembro do que aprendi, ponho-me a falar às vezes as pessoas até se aborrecem de me ouvir, nunca mais se cala, nunca mais se cala, não compreendem o que agente está a dizer e chateiam-se de ouvir aquilo, é uma coisa muito comprida, muito grande, uma conversa muito comprida, aquilo chega a pontos que aborrece, há pessoas que gostam e há pessoas que não gostam, eu até vou falar aqui um bocadinho de história.” (*Entrevista 3*)

A aposentação é encarada de forma diferente pelos entrevistados, enquanto que as mulheres optam por não se alongar muito sobre esta fase das suas vidas, os

homens transmitem como é o seu dia a dia nesta fase das suas vidas, onde já não há uma actividade remunerada.

“(...) Reformei-me aos 57 anos por invalidez (...)” (Entrevista 4)

“(...) Desde que me reformei que não tenho nada para fazer(...)” (Entrevista 5)

“Um dos meus maiores desgostos foi ter-me morrido um filho com 57 anos há três anos. (...)” (Entrevista 6).

Uma das grandes mudanças ocorridas foi a aposentação, sendo que no caso destes idosos a aposentação é mínima, visto serem aposentações de idosos que sempre trabalharam na agricultura. Por outro lado, estes idosos que sempre estiverem activos com a aposentação e consequente institucionalização sentem um vazio de quem já não tem utilidade nem tem nada para fazer. Face a esta situação é importante reflectir sobre as questões da pobreza e exclusão na medida em que face aos baixos montantes das pensões de reforma e com um Estado Providência que não consegue suportar pesados encargos sociais com lares, pensões e assistência médica, esta faixa etária está cada vez mais vulnerável a situações de pobreza e exclusão social, “Nos países em desenvolvimento, a maioria dos idosos enfrenta uma enorme insegurança de rendimentos, quando não existe um regime oficial de pensões.

Para as pessoas que não têm acesso a pensão – muitas vezes pequenos agricultores, trabalhadores agrícolas e trabalhadores do sector informal – não existe a noção de reforma. Não tendo tido emprego formal, estas pessoas não têm direito a uma pensão e, se não conseguiram acumular reservas suficientes, têm de continuar a trabalhar para viver. A situação dos muito idosos (de 80 anos e mais), que podem não estar tão aptos para trabalhar como os mais jovens, pode ser bastante precária. Em particular, aqueles que já eram pobres na força da vida continuarão a sê-lo na terceira idade. As pessoas que vivem acima do limiar da pobreza, mas não conseguirem fazer poupanças para financiar o seu consumo durante a velhice correm o risco de se tornar pobres, quando envelhecem. Os idosos podem, frequentemente, contar com o apoio da família e da comunidade para sobreviver ou complementar os seus rendimentos. Neste aspecto, o idoso que é solteiros, viúvos ou sem filhos (em especial as mulheres) estão expostos a um risco maior de cair na pobreza. Por outro lado, as redes de apoio familiar podem não proteger plenamente os idosos da pobreza, pois estas redes também dispõem de rendimentos limitados. É muito mais difícil garantir rendimentos

suficientes aos idosos quando a pobreza é geral.” (World Economic and Social Survey, 2007:8

**4.4– Institucionalização**

A institucionalização simboliza para estes idosos a última fase das suas vidas, na medida em que têm noção que aquela será a sua última casa. No entanto nem sempre o quotidiano da vida institucional é o mais propício a esta faixa etária, na medida em que praticamente todos os idosos evidenciaram relatos de uma vida rotineira, sem rumo e com bastante pessimismo, aliada às escassas visitas familiares.

O processo de institucionalização relatado por estas pessoas idosas, vai de encontro às palavras proferidas pela professora Mercês Covas “Vejo muito mal o quotidiano da pessoa idosa em contexto institucional, principalmente porque as nossas instituições que até agora estão a receber pessoas de idade não estão a funcionar da melhor maneira, o idoso se quiser ter qualidade de vida, de se manter activo e desperto para a realidade tem que pagar, sendo que nem sempre esse pagamento corresponde a uma melhoria da qualidade do processo de envelhecimento. Vejo a institucionalização com muitos maus olhos, porque limitam-se a depositar os idosos, e não se lembram de outras actividades que eles podem ter, que é o movimento, a ginástica mental, dar-lhes oportunidade deles se exprimirem até do ponto de vista artístico, portanto isso não tem acontecido e se acontece em alguns casos é depois incorporado no preço não funciona como um direito, mas como um serviço. Falta uma engenharia institucional muito grande que não pertence só à instituição que recebe o idoso mas também às instituições da própria sociedade, trabalhar em parceria com sistema de transporte, com teatros, com ginásios, com uma série de serviços que não têm sido activados porque estamos numa sociedade capitalista onde tudo se vende, tudo se compra, tudo tem um preço, e os idosos ao serem uma maioria não tem sido uma categoria social privilegiada por parte do poder político” (*Excerto de Entrevista Realizada no âmbito da pesquisa*).

**4.4.1 – Motivos da Institucionalização**

Os motivos do recurso à institucionalização são de variada natureza, desde problemas de saúde a problemas de solidão. A institucionalização funciona para estes idosos como alternativa à vida no seio familiar, na medida em que os familiares devido às vidas demasiado ocupadas não podem prestar o apoio que os idosos necessitam. “Assim, vários estudos têm confirmado que os problemas de saúde e a consequente perda de autonomia não surgem como principal factores (...) O motivo mais frequente é o isolamento, ou seja, a inexistência de uma rede de interacções que facilite a integração social e familiar do idoso e que garanta um apoio efectivo em caso de necessidade (...)” (Pimentel; 2001:73).

“Vim para o lar há quatro anos de minha livre vontade, estava lá na aldeia ia lá uma mulher limpar a casa, a minha irmã começou a dizer qualquer dia dá-te um tranquemanco qualquer e quem é que te acode. Como o meu sobrinho é amigo da doutora eu vim aqui para o lar não me sinto aqui mal, mas não é nada como a nossa casa.” (*Entrevista 1*)

“Vim aqui para o lar de minha vontade há sete anos, eu vim para aqui porque tenho uma nora que teve um derrame cerebral, ficou aleijada, não fala, não conhece nada era uma professora distinta. Então a minha mulher morreu e eu vim para casa do meu filho eu comecei a pensar o que é que fazia ali. Estava todo apanhado, a minha nora está naquela desgraça, é mais um peso em cima do meu filho” (*a sua expressão fica séria a denotar tristeza*). (*Entrevista 2*)

“(...) Vim para aqui por minha própria vontade, fiz vários pedidos aí mas depois a minha filha pediu para eu vir para este lar, há aí mais lares para onde ir, mas aqui é que eu gostei mais deste lar e vim para este lar foi para aqui que vim e aqui estou até que Deus me dê a morte e não deve faltar já muito com oitenta e sete anos (...)” (*Entrevista 3*)

“Vim para o lar porque já não podia estar sozinha e vivia sozinha em casa, já não podia fazer nada. Estive muito mal fui para o hospital e do hospital vim para o lar (*gesticula*).” (*Entrevista 4*)

As razões do internamento nos lares são divergentes entre homens e mulheres. Os conflitos intra-familiares aparecem mais associados aos homens,



enquanto a solidão e a necessidade de cuidados de saúde é comum a ambos os sexos.

“Tive sempre na minha casa até vir para aqui, vim para aqui porque o meu filho solteiro vivia comigo e anda com os camiões por esse país todo e eu não podia estar sozinha dentro de quatro paredes. Como fui operada às duas pernas não podia fazer as coisas e a minha filha trouxe-me para aqui, há oito meses que aqui estou.” *(olha fixamente para o chão)* (Entrevista 5)

“Aqui tenho estado sempre, o meu marido morreu quando eu tinha 70 anos, a partir daí vivi alguns anos na casa da minha filha mas há 10 anos vim para o lar de minha vontade”. (Entrevista 6)

Em síntese, os motivos da institucionalização são vários e podemos identificar: problemas de saúde, conflitos familiares e situações de isolamento social. Toda esta conjuntura leva a que a necessidade de abandono do domicílio seja em muitos casos forçada e os sentimentos de solidão em contexto institucional sejam mais intensos.

**4.4.2 – Acompanhamento Familiar**

Tal como afirma Luísa Pimentel, “Se nas sociedades tradicionais existia como que um pacto entre as gerações, segundo o qual os adultos investiam nos seus filhos, na expectativa de que estes os apoiassem quando de tal precisassem, nas sociedades industrializadas esse pacto táctico não desaparece mas passa por um processo de despersonalização” (Pimentel; 2001:65)

A citação caracteriza de uma forma completa a sociedade actual e a forma como a mesma lida com a problemática da terceira idade, nomeadamente no que respeita ao processo de institucionalização, na medida em que as famílias após a institucionalização fazem escassas visitas aos seus idosos, sendo esta falta de retaguarda familiar que degrada cada vez mais o idoso.

“Tenho uma irmã aqui perto que costuma vir aqui ver-me sempre, e quando não pode cá vir o telefone toca logo. Tenho sobrinhos em Lisboa e um pouco por todo o lado, parte deles nem os conheço. Conheço só estes aqui à roda que lidam comigo, muitos sobrinhos nem os conheço e tenho uma irmã que está em Lisboa, essa passa-se anos que nem a vejo. Quando eu estava na terra que tinha lá a horta e aquelas coisas, todos os quinze dias lá iam, agora vim para aqui já não esperam nada que eu já não lhe posso dar nada, ora acabou-se as visitas.” *(faz um sorriso irónico)*  
(Entrevista 1)

“Quando era mais novo às vezes ia a casa dos filhos, mas agora já não, tenho um filho com quem não falo portou-se mal comigo e cortámos relações para não haver mais nada *(fica com lágrimas nos olhos)*. Agora o meu filho mais velho quando pode vem, mas tem uma vida complicada pois a mulher está naquele estado (...)”  
(Entrevista 2)

“Adaptei-me bem á vida no lar, tive e tenho ainda muitas amizades, tenho muitas pessoas que me conhecem que me vêm visitar. Tenho muitas visitas, muitas visitas, como tenho muita gente visitas não faltam, só netos, tenho treze netos, bisnetos são sete ou oito bisnetos e é assim. Quando eu fiz aí anos a última vez, que festejei aqui os anos eram vinte e quatro pessoas ali á minha mesa, vinte e quatro familiares, eles diziam-me então assim: - Tio Mário isto foi um casamento, isto não foi baptizado foi um casamento, veio gente de todos os lados, parece que se combinaram nesse dia, vieram todos aos meus anos.”

“Agora daí para cá andam trabalhando não podem vir, eu gostava que eles viessem também festejo aqui os anos á mesma, mas eles não podem vir têm as suas vidas é assim.” (Entrevista 3)

“Nunca tive filhos, tenho sobrinhos, tenho irmãos, tenho cunhadas, primos, costumam cá vir quando podem, o ano passado ainda fui a casa deles este ano já não fui porque não estava em condições, já não podia andar, ia mais vezes sem ser pelo Natal ou pela Páscoa, mas agora já não posso.” (Entrevista 4)

“Os meus filhos vêm quando podem” (Entrevista 5)

“O meu filho mais velho, hoje vive no Canadá, tem lá uma clínica por conta dele e está bem na vida, têm-me ajudado muito. Sempre que pode vem cá e traz o filho para ver a avó. A minha filha como vive em Beja vem cá sempre que pode” (Chora ao falar da relação com os filhos). (Entrevista 6)

Independente do sexo, todos os idosos “sofrem” com o afastamento da família, no entanto apesar desta situação denota-se um certo conformismo, onde se desculpa com as preenchidas vidas profissionais dos seus familiares. Segundo Kabbabe citado por Mário Souto Maior (2005), é importante que o indivíduo idoso construa um bom projecto de vida baseado na família, para que o mesmo possa contar com alguém, sendo que a maior terapia para combater a solidão é a integração familiar.

Como forma de colmatar a ausência da família, os idosos adoptam a instituição como um espaço familiar, de apoio material e de protecção.

**4.4.3 – Vida em Contexto Institucional**

O retrato da trajectória da entrada dos idosos nos lares, dos seus pensamentos e sentimentos, apresenta-nos uma trajectória um pouco complexa. O ingresso do idoso na instituição inaugura assim, uma caminhada sem retorno, sendo vista na maioria dos casos de forma negativa, embora com algum conformismo.

Num maior contacto com a vida institucional, é perceptível que existe uma certa monotonia no quotidiano das instituições. De manhã os idosos levantam-se por volta das 8:30, para que se iniciem as higienes matinais.

Entretanto é visível a azáfama das auxiliares na preparação dos pequenos-almoços. Terminado o pequeno-almoço, alguns idosos permanecem nas salas a conversar outros regressam aos seus quartos, geralmente são os homens que gostam de dar “os passeis pela cidade”.

A manhã passa e às 12:00h chega a hora do almoço, os que conseguem caminhar vão para a mesa, os que estão acamados a refeição é dada na cama.

Terminado o almoço alguns jogam às cartas, as senhoras algumas fazem croché, há a visita de alguns familiares, por volta das 15:00h é servido o lanche.

A tarde passa, e depressa chega a hora do jantar às 18:00h, depois do jantar os idosos permanecem na instituição na sua maioria a ver televisão até á hora de se irem deitar.

A vida em contexto institucional revela-se monótona, com horário estipulados que os idosos têm que cumprir de forma rotineira. Em algumas situações os entrevistados revelam que tiveram alguma dificuldade de adaptação à vida em contexto institucional, por não conhecerem todos os idosos da instituição e por terem de partilhar o quarto por vezes com quem não conhecem.

“Foi um pouco difícil a adaptação aqui ao lar porque não conhecia aqui ninguém (*olha para o chão de forma triste*). Depois começamos a conhecer todos uns aos outros, só algum que vem e que não sabe é que... é como na tropa comparo isto com a tropa, os recrutas têm que fazer continência às praças velhas. (*faz uma pausa na narrativa*) Quando a gente chega um diz uma coisa, outro desmente, mas quando a gente cá está fazemos o mesmo aos outros. Eu aqui calhei logo com três pessoas

muito boas, mal empregado um que já morreu. Naquele quarto em frente éramos quatro só havia um que era mais chatinho agora os outros era uma maravilha. Depois passei para um quarto perto da lavanderia e também calhei com um companheiro muita bom, muita bom, não me chateou em nada muito meu amigo, tenho já pena é dele ter morrido, agora foi outro para o lugar daquele que não sei se está vivo se está morto, custa-se a perceber a fala.”

“Fiz aí com a Fátinha uma que era da polícia, andámos com as crianças aí nas ruas fazendo de polícia, fomos do patronato ao posto da polícia a pé brincando com as crianças, quando cheguei lá ia morto As questões de saúde,” (Sorri) (Entrevista 1)

“(…) Eu só lhe disse está bem, quando eles souberam já eu estava no lar. Fui-me adaptando aos poucos e conhecendo as pessoas, fiz logo novas amizades”. (levanta a mão e dá ênfase ao discurso).

“E Aqui há uns nove anos tive uma trombose cerebral, que me está a afectar muito, aqui do lado esquerdo estou todo dormente, do lado direito não estou, as duas partes pegadas uma na outra uma está boa e a outra não presta. Agora já saio pouco o lado esquerdo não me deixa andar bem, tenho sempre dores, farto-me de tomar comprimidos que não me fazem bem nem mal.” (Entrevista 2)

A facilidade em “fazer” amigos leva a que os contactos sociais sejam mais intensos, logo existe menos solidão.

“Vim para aqui por minha própria vontade, fiz vários pedidos aí mas depois a minha filha pediu para eu vir para este lar, há aí mais lares para onde ir, mas aqui é que eu gostei mais deste lar e vim para este lar foi para aqui que vim e aqui estou até que Deus me dê a morte e não deve faltar já muito com oitenta e sete anos.

“Adaptei-me bem á vida no lar, tive e tenho ainda muitas amizades, tenho muitas pessoas que me conhecem que me vêm visitar. Tenho muitas visitas, muitas visitas, como tenho muita gente visitas não faltam, só netos, tenho treze netos, bisnetos são sete ou oito bisnetos e é assim. Quando eu fiz aí anos a última vez, que festejei aqui os anos eram vinte e quatro pessoas ali á minha mesa, vinte e quatro familiares, eles diziam-me então assim: - Tio Mário isto foi um casamento, isto não foi baptizado foi um casamento, veio gente de todos os lados, parece que se combinaram nesse dia, vieram todos aos meus anos.”

“Agora daí para cá andam trabalhando não podem vir, eu gostava que eles viessem também festejo aqui os anos á mesma, mas eles não podem vir têm as suas vidas é assim.”

“Saia muito aqui do lar, agora já não posso sair, eu quero sair mas as pernas já não me deixam. Eu gostava tanto de passear, eu gostava tanto de tudo pronto, uma coisa que eu não podia perder eram os convites que eu tinha para todo o lado sempre e agora já não posso pronto, vêm ter comigo para concorrer a concursos ainda ganhei alguns concursos e então hoje é impossível mesmo com a idade que eu tenho já não tenho a ideia que eu tinha, tudo tem o seu tempo, bastante pena tenho de não ser o mesmo que era antigamente eu tocava muito harmónica, punha-me em cima de uma mesa tocando harmónica fazia os bailes, convidavam os tocadores de concertina eles não vinham, quem fazia os bailes era eu, depois pagavam-me era só tocar, tocar. Já depois de estar aqui no lar ainda gostava muito de ir às festas mas já não posso é assim, é assim ainda recebo muitos convites.” (Entrevista 3)

Os idosos sobretudo do sexo feminino, manifestam que além das suas actividades pessoais (higiene ) participam nas actividades de animação e como forma de ocuparem o seu quotidiano.

“No lar levanto-me por volta das oito horas da manhã, depois da higiene já feita tomo o pequeno almoço, sento-me, umas vezes tenho animação outras não é conforme, depois almoço, depois tenho as visitas, quando elas cá vêm, depois tenho o lanche às quatro horas às seis e meia janto e como gosto de me deitar cedo, sempre gostei desde nova, até gostava de me deitar de dia.”

“Fiz novas amizades aqui no lar, baptizou-se aqui uma senhora eu é que fui a madrinha, mas essa senhora já cá não está, fez-se aqui uma grande festa essa minha amiga tinha perto de 80 anos (*deixa transparecer orgulho no seu discurso*).

“Adaptei-me facilmente, porque já estava habituada a vir aqui visitar um familiar e dizia sempre que quando não pudesse gostava de vir aqui para o lar, não vim mais cedo porque a minha sobrinha não deixou, ainda tive três anos em casa com uma sobrinha a olhar por mim, (*o seu discurso deixa transparecer algum conformismo*) depois deu-me aquela coisa a minha sobrinha sozinha não podia tratar de mim e os outros sobrinhos não queriam tive de vir para aqui.” (Entrevista 4)

O contacto com o exterior é escasso, apenas quando a instituição organiza saídas, apesar de admitirem gostarem de estar na instituição, revelam alguma nostalgia por terem deixado a comunidade onde estavam inseridos.

“Gosto muito de estar aqui, gosto muito da Doutora que é da minha terra e as empregadas são todas muito boas, gosto delas todas. Já sai da instituição duas vezes,

fui uma vez à praça da República e fui outra à piscina da Vidigueira, depois começou o Inverno e acabou-se os passeios.”

“O meu dia a dia é vestir-me, lavar-me, comer, estar sentada um bocadinho e dar uma volta pelos corredores, mais nada.

“Gosto de estar aqui, mas a adaptação não foi fácil, não há lugar como a nossa casa, mas eu não posso lá estar tenho de estar aqui.” (*Entrevista 5*)

“Gosto de estar no lar, mas já não vejo nada, tenho de ter ajuda para tudo” (*Entrevista 6*).

O quotidiano dos idosos no lar é, assim bastante complexo, na medida em que a rotinização instaurada no interior dos lares, leva a que os idosos tenham mais dificuldade em se adaptar. Por outro lado, quando afirmam gostar de viver no lar permite-nos compreender a sua tristeza de viver num lar. Gostam porque não tem outra alternativa. Tal como é possível descodificar que os idosos apresentam estratégias de vida divergentes, como forma de ocupação das “longas horas que um dia pode ter”, assim sendo, o sexo masculino é o que mais investe no contacto com o exterior, e na convivialidade, enquanto o sexo feminino adopta uma posição de fechamento sobre si próprias, estando apenas voltadas para a gestão estática da sua vida pessoal distanciando-se o mais possível da comunidade onde estão inseridas, apenas participam ocasionalmente nas actividades de animação. (costura, croché)

Em suma, quando estabelecemos uma analogia da vida em contexto institucional, entre o sexo feminino e o sexo masculino, verificamos que no sexo masculino existe um maior contacto com o exterior da instituição, enquanto o sexo feminino vive uma vida mais confinada ao interior da instituição, participam apenas ocasionalmente nas actividades promovidas pela mesma. Salienta-se ainda o facto da animadora só se deslocar ocasionalmente à instituição e de apenas os idosos mais autónomos participarem nas actividades de animação, o que leva a que a maioria dos idosos institucionalizados estejam mais vulneráveis a sentimentos de solidão, devido ao tempo desocupado e ausência de laços familiares.

**4.4.4– Trajectórias de Vida e Solidão**

As trajectórias de vida e os sentimentos de solidão, encontram-se interligados, na medida em que a forma como a pessoa idosa organizou e viveu a sua trajectória de vida, pode influenciar de forma directa os sentimentos de solidão, de que muitos idosos padecem, tal como afirma Mercês Covas “As trajectórias de vida contam bastante, mas podem não ser só isso porque uma pessoa que intelectualmente tenha tido uma vida muito ocupada, pode estar sozinha e não se sente só, agora uma pessoa que tenha tido uma trajectória de vida em que esteve sempre com amigos, vizinhos, aqueles pessoas que mantêm uma relação primária com os outros, quando perdem esse tipo de relação, esse tipo de laço são as primeiras vítimas da solidão, porque perdem as suas relações e ficam sozinhas, os amigos vão morrendo, afastam-se geograficamente e a pessoa não sabe ocupar-se sozinha, precisa de alguém que lhe ocupe o tempo e a mente. Em contrapartida uma pessoa com uma trajectória diferente, mais intelectual, habituada a ler, a construir a sua própria vida, a preencher o seu tempo, raramente se sente sozinha, pois sabe preencher os vazios do tempo. A solidão é sentida de forma diferente por cada pessoa, é muita relativa e subjectiva às trajectórias de vida. Na sociedade actual quem não domina as novas tecnologias tende a sentir-se mais só e os idosos ainda não estão a trabalhar nesse sentido” (*Excerto de Entrevista cedida no âmbito da investigação*).

“Mas daqui para a frente vejo-me numa cama acamado como os outros que estão lá em cima coitadinhos, é por causa disso que eu estou aqui, é já pensando no dia de amanhã porque eu agora não tinha falta disto, o dia de amanhã é que é, nos anos que aqui estou tenho visto um quase morto lá na enfermaria, se me calha a acontecer aquilo na minha casa ninguém me chega ao pé (*leva as mãos á cabeça e eleva o tom de voz*). Amanhã ou no outro dia pode-me aparecer qualquer coisa e o dinheiro não me cura, assim tenho quem me lave o rabo, sempre trabalhando com a cabeça o dia de amanhã ninguém o viu.” (*Entrevista 1*)

“Durante o dia falo com um, com outro e dou uma voltinha aqui perto às vezes vou a uma mercearia que está aqui perto e compro ali um bolo, para ir passando o tempo melhor. Quando era mais novo às vezes ia a casa dos filhos, mas agora já não, tenho um filho com quem não falo portou-se mal comigo e cortámos relações para não haver mais nada (*fica com lágrimas nos olhos*). Agora o meu filho mais velho quando pode vem, mas tem uma vida complicada pois a mulher está naquele estado.”



“Pensei sempre que ia ter uma vida dificultosa foi por isso que vim para aqui. Imaginava o pior uma casa sem mulher não é nada. Se não viesse para aqui já não era vivo, aqui sempre tenho com quem falar “ *(termina o discurso a falar muito baixinho)*. (Entrevista 2)

“Fiz as primeiras poesias aos dez, doze anos e depois comecei a dedicar-me à poesia e então até que comecei a fazer livros, os doutores disseram-me que puxava muito pela ideia, eu já caía aí na rua dizem os médicos que são vertigens e tonturas, se as pessoas não me jogassem a mão caía onde calhava, já estou proibido de sair daqui do lar por causa disso, eu ia ao hospital ver um doente e ficava eu lá, mesmo a doutora já não me deixa sair aqui do lar por causa disto, nunca mais fui a casa dos familiares, nem a casa dos filhos, tenho convite para ir lá mas não posso, já não estou capaz, as festas e os passeios para mim já se acabaram.” (Entrevista 3)

“Se não tivesse no lar a minha vida seria muito triste, já sem poder grandes coisas, sou uma pessoa muito alegre sempre gostei de andar na rua e fazer visitas e agora já não posso fazer grande coisa, aqui vejo muito mais gente *(expressão triste)*.”

“Daqui para a frente vejo-me cada vez pior, a cabeça está muito doente, sou diabética, tomo medicamentos para a tensão, para o colesterol, ao todo são sete comprimidos por dia *(expressão triste)*.” (Entrevista 4)

“Daqui para a frente imagino a minha vida para pior, a idade vai avançando e vão aparecendo coisas que agente não espera, coisas boas não posso esperar, espero ter menos força, acontecer-me qualquer coisa.”

“Não me sinto propriamente sozinha, tenho aqui a minha comadre, sentamo-nos aqui um bocado a conversar.” *(baixa o tom de voz)* (Entrevista 5)

“Agora com 96 anos, tive uma vida de muito trabalho e sacrifícios que já está a chegar ao fim, só tenho pena de já não poder ir à missa tantas vezes” (Entrevista 6).

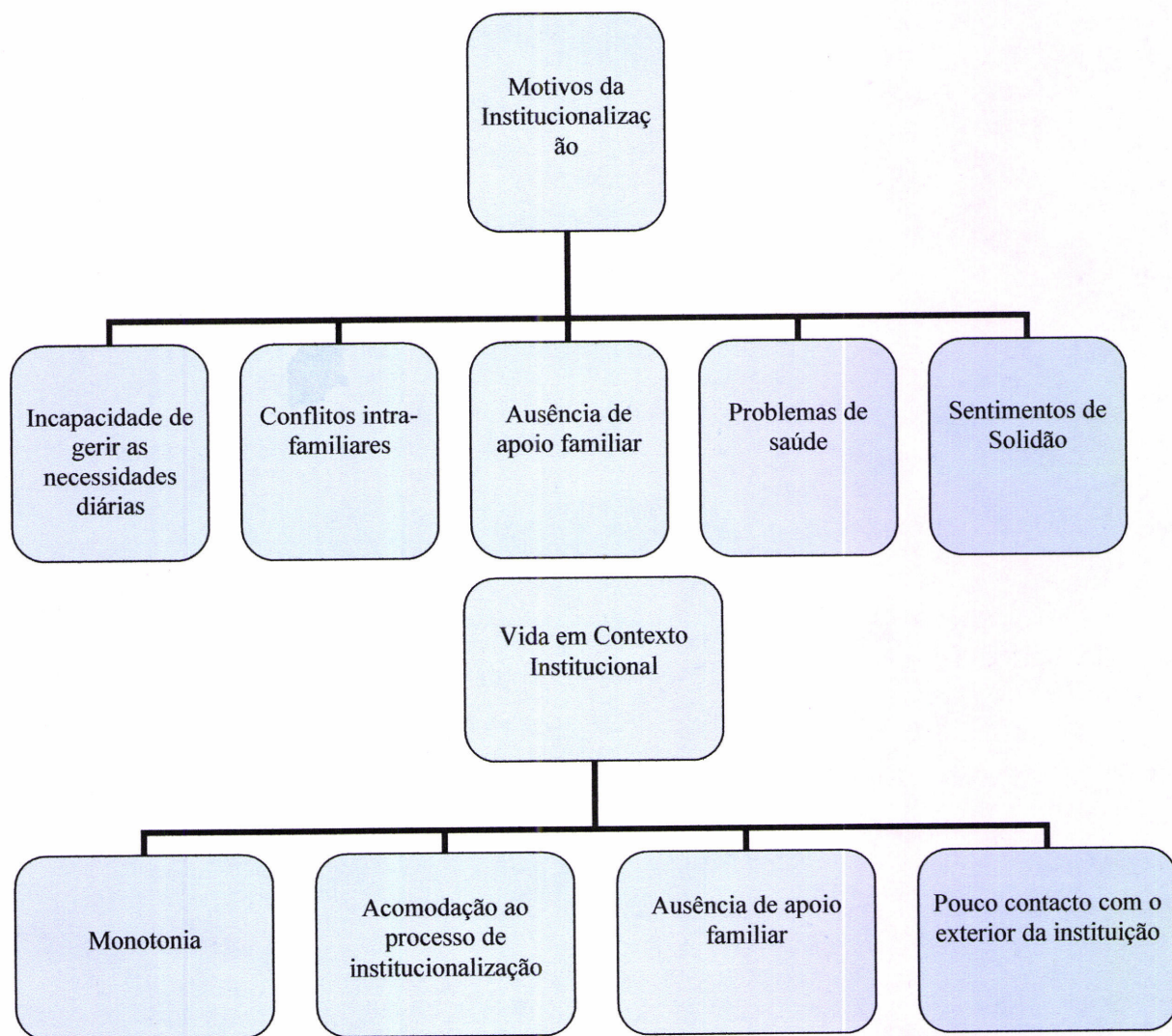
O futuro é visionado de forma pessimista por esta faixa etária, em grande parte devido aos problemas de saúde e ausência apoio familiar.

Como forma de enquadrar a realidade vivenciada por esta faixa etária, no próximo capítulo, vão ser apresentadas as principais conclusões deste estudo.

### **Considerações Finais**

O presente estudo efectuado em duas instituições de apoio à terceira idade da cidade de Beja, a Casa de Repouso Henri Dunant e a Fundação Nobre Freire, visou estudar a forma como as trajectórias de vida influenciam a solidão em contexto institucional.

Como forma de sintetizar o estudo sobre a solidão em contexto institucional, foi elaborado um esquema que visa dar a conhecer os motivos da institucionalização, bem como a forma como é vivida a vida em contexto institucional.



O estudo efectuado em duas instituições de apoio à terceira idade da cidade de Beja, permitiu verificar que são vários os motivos de recurso ao processo de institucionalização, onde se destaca: Incapacidade de gerir as necessidades diárias, conflitos intra-familiares, ausência de apoio familiar, problemas de saúde e os sentimentos de solidão.

Deste modo, enquanto nas sociedades tradicionais havia como que um pacto entre as gerações, em que os mais jovens tomavam conta dos mais idosos, nas sociedades contemporâneas esse pacto parece ter desaparecido quase por completo, sendo um exemplo dessa situação a cada vez maior proliferação de lares da Terceira Idade, onde as famílias colocam os seus idosos.

As causas do recurso à institucionalização são variadas “O progressivo envelhecimento da população, aliado a condições como a alteração na estrutura familiar, a mobilidade geográfica, a degradação das condições de habitação, a desadaptação da casa às necessidades dos idosos, a degradação das condições de saúde destes e o facto dos serviços de proximidade alternativos continuarem a ser insuficientes para garantir a manutenção dos idosos no seu domicílio, têm provocado um aumento da procura dos Lares da Terceira Idade. O número destes, por sua vez, é demasiado reduzido para fazer face a tão elevada procura” (Pimentel, 2005:71).

A situação de recurso ao processo de institucionalização por parte das famílias está bem patente nas palavras do escritor José Saramago “Os lares para a terceira e quarta idades, essas benfazejas instituições criadas em atenção à tranquilidade da famílias que não têm tempo nem paciência para limpar os ranhos, atender aos esfíncteres fatigados e levantar-se de noite para chegar a arrastadeira” (Saramago, 2005: 31).

Há luz do pensamento de Luísa Pimentel (2005:10), nas sociedades tradicionais existia um pacto entre as gerações, ou seja, os pais investiam nos filhos, na expectativa que os mesmos os apoiassem quando necessitassem.

Nas sociedades actuais, este pacto tende a desaparecer, pois apesar de se manterem os laços familiares, o cada vez maior individualismo “não existindo tempo para gestos lentos e conversas” (Paúl, 1996:85), leva a que as famílias tenham que recorrer às respostas sociais, nomeadamente aos chamados lares da terceira idade.

De acordo com Luísa Pimentel (2005:46), a perda de autonomia, o isolamento, a inexistência de redes de interacção que facilite a integração social e familiar da pessoa idosa e que garanta um apoio efectivo em caso de maior necessidade. A falta de recursos económicos e habitacionais, também influencia de certa forma a institucionalização.

Apesar do recursos aos lares de terceira idade, ser cada vez mais uma realidade na sociedade actual, os mesmos são muitas vezes conotados de forma negativa, visto que “A fase da vida em que o idoso entra para uma instituição é representado como a última etapa da sua trajectória de vida, sem qualquer expectativa ou possibilidade de retorno” (Pimentel, 2005:73).

Durante a fase de análise da informação traçou-se o seguinte perfil da vida no interior das instituições em estudo: monotonia, Acomodação ao processo de institucionalização, ausência de apoio familiar, e pouco contacto com o exterior da instituição.

Assim sendo, sejam quais as circunstâncias da institucionalização, estas representam sempre uma mudança no quotidiano da pessoa idosa e muitas vezes uma ruptura com o meio com o qual o idoso se identifica. “Se se torna difícil para aquele que vive integrado na sua comunidade reorganizar o seu projecto de vida face ao conjunto de novos factores que passam a interferir nas suas vivências, para o idoso institucionalizado o processo torna-se necessariamente mais dramático” (Pimentel, 2005:75).

Uma forma de ajudar à adaptação ao processo de institucionalização, passa por manter um contacto quase permanente com a sua rede de relações. “De um modo geral a existência de contactos frequentes com os elementos da sua rede de relações (Visitas, telefonemas, correspondência) é um incentivo muito positivo para que os idosos mantenham uma vida social interna e externa mais activa e uma maior autonomia pessoal. Para aqueles que forem votados ao esquecimento a vida reduz-se a pouco mais que a reprodução física” (Pimentel, 2005:78).

Em suma, como forma de colmatar os sentimentos de solidão em contexto institucional, devia haver por parte das instituições, um maior investimento em actividades de animação diárias vocacionadas para a terceira idade, onde ambos os

sexos participassem, e onde houvesse a preocupação em manter o idoso ocupado nas “longas” horas que o que tem.

Durante o estudo efectuado os resultados obtidos permitem-me afirmar que as trajectórias de vida influenciam os sentimentos de solidão em contexto institucional, na medida em que através da análise das histórias de vida de seis idosos foi possível verificar que consoante o percurso de vida de cada um e a maior ou menor intensidade de contactos sociais e relações sociais, assim são vivenciados os sentimentos de solidão no interior das instituições alvo de estudo.

Por outro lado, os resultados alcançados permitem concluir que perante a ausência de outros mecanismos de solidariedade, e na ausência de apoio familiar, as instituições de apoio à terceira Idade constituem a única alternativa para esta faixa etária. No entanto as instituições apenas se limitam a cumprir os cuidados básicos, não podendo dar o afecto que teriam no seio familiar, o que agrava os sentimentos de solidão.

Perante o estudo efectuado, considero pertinente aprofundar estudos noutras realidades, nomeadamente a relação idosos / jovens na região Alentejo, a fim de contribuir para uma percepção mais global de alguns aspectos abordados no presente trabalho de pesquisa. Por outro lado, este estudo ia permitir valorizar os valores e cultura da geração mais idosa, valores e cultura que os mais jovens desconhecem e que está a desaparecer.

Em suma, cada vez mais em Portugal e no Alentejo em particular se torna necessário dar uma maior credibilidade à terceira idade, privilegiando a sua integração social e tentando evitar o isolamento e os sentimentos de solidão cada vez mais característicos desta faixa etária.

## **Bibliografia**

ALBARELLO, Luc et al (1997), **Práticas e Métodos de Investigação em Ciências Sociais**, Lisboa, edições Gradiva.

ALMEIDA, João F. et al (1992), **Exclusão Social – Factores e tipos de pobreza**, Oeiras: Celta.

BARRETO, António (2007), **Portugal um Retrato Social**, v.1, v.2, v.3, v.4, v.5,v.6, v.7,Lisboa, edições Público – Comunicação S.A.

BARDIN, Laurence (1997), **Análise de conteúdo**, Lisboa, edições 70.

BIZE, P. R. Vallier. C (1985), **Uma Vida Nova: A Terceira Idade**, Lisboa, Verbo.

CARMO, Hermano (2001), **Problemas Sociais Contemporâneos**, Lisboa, Universidade Aberta.

Censos (2001), **Instituto Nacional de Estatística**, Lisboa.

COSTA, Alferedo Bruto da (1992), **Mutações sociais, conceitos e indicadores de pobreza**, **Actas do II Seminário sobre pobreza – mudança / Desenvolvimento**, 26-28 Maio, Lisboa, Comissariado Regional do Sul da Luta Contra a Pobreza.

COSTA, Alferedo Bruto da (1998), **Exclusões Sociais**, Fundação Mário Soares, Lisboa, Gradiva Publicações;

TABU (2006), **Há vida depois dos 65**, nº11, Lisboa.

DIAS, José (1997), **Construindo a velhice consciente – Uma parceria com a Educação**, Santa Maria, Centro de Educação.

Documentação Interna da **Fundação Nobre Freire** (2009), Beja.

Documentação Interna da **Casa de Repouso Henri Dunant** (2009), Beja.

ECO, Umberto (1984), **Como se faz uma Tese em Ciências Humanas**, 3ª edição. Lisboa, Presença.

FALEIROS, Vicente de Paula (2003), **Estratégias em Serviço Social**, 4ª edição, São Paulo, Cortez editora.

FERNANDES, Ana Alexandre (1997), **Velhice e Sociedade**, Oeiras, Celta editora.

FERNANDES, Purificação (2002), **Depressão no Idoso**, 2ª edição, Coimbra, Quarteto editora.

FONTAINE, Roger (2000), **Psicologia do Envelhecimento**, Lisboa, Climepse editores.

GIDDENS, Anthony (2002), **Sociologia**, 3ª edição, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.

GOFFMAN, Erving (1975), **Asiles Études sur la condition sociale des malades mentaux**, Paris, Minuit.

GUERRA, Isabel Maria Pimental (1992), Comentários em torno da intervenção ao nível da exclusão social, **Actas do II Seminário sobre a – Pobreza – Mudança / Desenvolvimento**, Lisboa, 28-29 Maio, Comissariado Regional do Sul da Luta Contra a Pobreza.

LESEMANN, Frédéric, et MARTIN, Claude (1995), **Estado, Comunidade e família face á dependência dos idosos. Ao encontro de um Welfare-Mix**, Sociologia – Problemas e Práticas nº17.

MARTINELLI, Maria Lúcia (1999), **Pesquisa Qualitativa – um instigante Desafio**, São Pulo, Veras editora.

Maior, Mário Souto, (2005), A velhice e solidão. “ [http:// www. Boasaude. Vol.com.br](http://www.Boasaude.Vol.com.br), “13/02/2007.

MOSCOVICI, Serge (1984), **Introdução – El campo de la Psicología Social**, in Psocologia Social I, Barcelona, Ediciones Paidós.

NAZARETH, J.Manuel (1996), **Introdução à Demografia – teoria e prática**, Lisboa, Presença.

ONU (2007), **World Economic and Social Survey**.

PAÚL, Maria Constança (1996), **Psicologia dos Idosos – Envelhecimento em Meios urbanos**, Braga, SHO (Serviços Humanos Organizacionais).

PIMENTEL, Luísa Maria Gaspar (2005), **O Lugar do Idoso na Família**, Coimbra, Quarteto editora.

PNAI (2008/2010), **Plano Nacional de Acção para a Inclusão**, Lisboa.

PIRES, Pena Rui (1994), **Os Retornados Um estudo sociológico**, Lisboa, cadernos IED.

PITAUD, Philippe (2004), **«Acerca dos laços sociais – Reflexão sobre o Isolamento e solidão entre idosos»**, Revista Futurando, Lisboa, nº 11,12,13.

POIRIER, Jean et al (1995), **Histórias de Vida – Teoria e Prática**, Oeiras, Celta editora.

SANTOS, Boaventura de Sousa (1993), **Portugal um retrato singular**, Porto, edições Afrontamento.

SANTOS, Luísa (2005), **Caracterização Sócio Económica do Concelho de Beja**, Beja, Divisão de Estudos e Planeamento.

SARAMAGO, José (2005), **As Intermittências da Morte**, Lisboa, Caminho.

SEGURANÇA SOCIAL (2009), web site: [www.segurançasocial.pt](http://www.segurançasocial.pt), 14/11/2009

SILVA, Augusto Santos, et al (1987), **Metodologia das Ciências Sociais**, Porto, Afrontamento edições.



SILVA, Luísa Ferreira (2001), **Acção Social na Área da Família**, Lisboa, Universidade Aberta.

QUARESMA, Maria de Lurdes et al. (2004), **O Sentido das Idades da Vida**, Lisboa, CESDET edições.

QUIVY, Raymond; Luc Van Campenhoudt (1995), **Manual de Investigação em Ciências Sociais**, Lisboa, Gradiva editora.

RAMOS, Francisco M. et al (1997), **Relatório do projecto Antropologia das Alcunhas Alentejanas**, Évora: Universidade de Évora.

VALA, J (1986), **Para uma Epistemologia do Senso Comum**, Porto, edições Afrontamento.

XIBERRAS, Martine (1993), **As Teorias da Exclusão**, Lisboa, Instituto Piaget.

# ANEXOS

**Índice de Anexos**

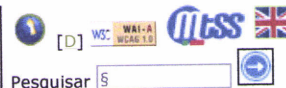
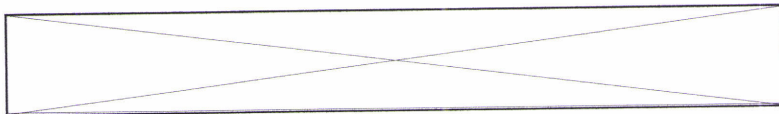
1- Políticas Sociais.

2- Entrevista com a Assistente Social da Casa de Repouso Henri Dunant.

3- Entrevistas com profissionais ligadas à Terceira Idade.

4 – Histórias de vida dos idosos

## **ANEXO 1 – Políticas Sociais**



## Serviços

## Direitos e Deveres

## Protecção Social

## A Segurança Social

## Destaques



### Direitos e Deveres

- Entidade Empregadora
  - Inscrição
  - Contribuições
  - Sanções
- Trabalhador
  - Trabalhador por Conta de Outrem
  - Trabalhador Independente
  - Trabalhador Migrante
  - Destacamento de Trabalhadores
  - Regimes não Obrigatórios
  - Fundo de Garantia Salarial
- Família, Crianças e Jovens
  - Famílias
  - Crianças e Jovens
  - Estudantes
- Pessoas com deficiência
  - Prestações por encargos familiares
  - Acção Social
- Pessoas Idosas
  - Pensão por velhice
  - Flexibilização da idade para requerer a pensão
  - Pensão Social por Velhice
  - Complemento por dependência
  - Acção Social
  - Programas de Inserção Social
  - Complemento Solidário para Idosos
- Situações de carência socio-económica
  - Regime não contributivo
  - Rendimento Social de Inserção
  - Acção Social
  - Complemento Solidário para Idosos
  - Subsídios Sociais de Maternidade

[Acção Social / Pessoas Idosas / Pessoas idosas - Respostas sociais](#)

### Consulte

[Pessoas idosas - Respostas sociais](#) [Programas de inserção social](#)

### Pessoas idosas - Pessoas idosas - Respostas sociais

*Informação produzida e actualizada, conjuntamente, por:*  
 Direcção-Geral da Segurança Social e  
 Instituto da Segurança Social, I.P.

As respostas sociais e programas disponíveis para este grupo de pessoas têm por objectivo, tanto quanto possível, a promoção de condições de autonomia e bem estar, favorecendo a sua permanência no domicílio e no seu meio familiar e social e privilegiando a sua inserção social e comunitária.

#### Quais as respostas sociais?

##### Pessoas idosas autónomas que podem viver

- sós
- isoladas geograficamente
- em família
- no lar de idosos

*Apoio Domiciliário, Centro de Convívio, Centro de Dia, Centro de Noite, Centro de Férias e Lazer, Lar e Residência*

[Programa de Apoio Integrado a Idosos \(PAII\)](#) e Serviço de Telealarme (STA)

##### Pessoas Idosas em situação de dependência que podem viver

- sós
- isoladas geograficamente
- em família
- no lar de idosos

*Acolhimento familiar, Apoio Domiciliário e Lar*

[Programa de Apoio Integrado a Idosos \(PAII\)](#)

- Serviço de Telealarme STA
- Serviço de Apoio Domiciliário SAD
- Centro de Apoio a Dependentes/Centro Pluridisciplinar de Recursos CAD

#### SERVIÇO DE APOIO DOMICILIÁRIO

Resposta social, desenvolvida a partir de um equipamento, que consiste na prestação de cuidados individualizados e personalizados, no domicílio, a indivíduos e famílias quando, por motivo de doença, deficiência ou outro impedimento, não possam assegurar temporária ou permanentemente, a satisfação das necessidades básicas e/ou as actividades da vida diária.

##### Objectivos

- Contribuir para a melhoria da qualidade de vida dos indivíduos e famílias;
- Garantir a prestação de cuidados de ordem física e apoio psicossocial a indivíduos e famílias, de modo a contribuir para seu equilíbrio e bem-estar;
- Apoiar os indivíduos e famílias na satisfação das necessidades básicas e actividades da vida diária;
- Criar condições que permitam preservar e incentivar as relações inter-familiares;
- Colaborar e/ou assegurar o acesso à prestação de cuidados de saúde;
- Contribuir para retardar ou evitar a institucionalização;
- Prevenir situações de dependência, promovendo a autonomia.

##### Destinatários

- Indivíduos e famílias, prioritariamente, pessoas idosas, pessoas com deficiência, pessoas em situação de dependência.

#### CENTRO DE CONVÍVIO

Resposta social, desenvolvida em equipamento, de apoio a actividades sócio-recreativas e culturais, organizadas e dinamizadas com participação activa das pessoas idosas de uma comunidade.

##### Objectivos

- Prevenir a solidão e o isolamento;
- Incentivar a participação e potenciar a inclusão social;
- Fomentar as relações interpessoais e intergeracionais;
- Contribuir para retardar ou evitar a institucionalização.

##### Destinatários

- Pessoas residentes numa determinada comunidade, prioritariamente com 65 e mais anos.

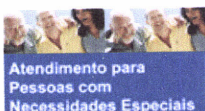
### Protecção Social

- Prestações Garantidas
- Acção Social

Coordenação Internacional de  
Legislações  
Protecção Complementar  
Equipamentos Sociais

## A Segurança Social

História  
Organismos do sector  
IPSS  
Prémios  
Linha Nacional de Emergência  
Social (LNES)



### CENTRO DE DIA

Resposta social, desenvolvida em equipamento, que presta um conjunto de serviços que contribuem para a manutenção das pessoas idosas no seu meio sócio-familiar.

#### Objectivos

- Proporcionar serviços adequados à satisfação das necessidades dos utentes;
- Contribuir para a estabilização ou retardamento das consequências nefastas do envelhecimento;
- Prestar apoio psicossocial;
- Fomentar relações interpessoais e intergeracionais;
- Favorecer a permanência da pessoa idosa no seu meio habitual de vida;
- Contribuir para retardar ou evitar a institucionalização;
- Contribuir para a prevenção de situações de dependência, promovendo a autonomia.

#### Destinatários

- Pessoas que necessitem dos serviços prestados pelo Centro de Dia, prioritariamente pessoas com 65 e mais anos.

### CENTRO DE NOITE

Resposta social, desenvolvida em equipamento, que tem por finalidade o acolhimento nocturno, prioritariamente para pessoas idosas com autonomia que, por vivenciarem situações de solidão, isolamento ou insegurança necessitam de suporte de acompanhamento durante a noite.

#### Objectivos

- Acolher, durante a noite, pessoas idosas com autonomia;
- Assegurar bem-estar e segurança;
- Favorecer a permanência no seu meio habitual de vida;
- Evitar ou retardar a institucionalização.

#### Destinatários

- Prioritariamente pessoas de 65 e mais anos com autonomia ou, em condições excepcionais, com idade inferior, a considerar caso a caso.

### ACOLHIMENTO FAMILIAR PARA PESSOAS IDOSAS

Resposta social que consiste em integrar, temporária ou permanentemente, em famílias consideradas idóneas, pessoas idosas quando, por ausência ou falta de condições de familiares e/ou inexistência ou insuficiência de respostas sociais, não possam permanecer no seu domicílio. Resposta comum à prevista para a população adulta com deficiência.

#### Objectivos

- Acolher pessoas idosas (no máximo de três), que se encontrem em situação de dependência ou de perda de autonomia, vivam isoladas e sem apoio de natureza sócio-familiar e/ou em situação de insegurança;
- Garantir à pessoa acolhida um ambiente sócio-familiar e afectivo propício à satisfação das suas necessidades e ao respeito pela sua identidade, personalidade e privacidade;
- Evitar ou retardar o recurso à institucionalização.

#### Destinatários

- Pessoas com 65 e mais anos.

### RESIDÊNCIA

Resposta social, desenvolvida em equipamento, constituída por um conjunto de apartamentos com espaços e/ou serviços de utilização comum, para pessoas idosas, ou outras, com autonomia total ou parcial.

#### Objectivos

- Proporcionar alojamento (temporário ou permanente);
- Garantir à pessoa idosa uma vida confortável e um ambiente calmo e humanizado;
- Proporcionar serviços adequados à problemática biopsicossocial das pessoas idosas;
- Contribuir para a estabilização ou retardamento das consequências nefastas do envelhecimento;
- Criar condições que permitam preservar e incentivar a relação inter-familiar.

#### Destinatários

- Pessoas de 65 e mais anos ou de idade inferior em condições excepcionais, a considerar caso a caso.

### LAR DE IDOSOS

Resposta social, desenvolvida em equipamento, destinada a alojamento colectivo, de utilização temporária ou permanente, para pessoas idosas ou outras em situação de maior risco de perda de independência e/ou de autonomia.

#### Objectivos

- Acolher pessoas idosas, ou outras, cuja situação social, familiar, económica e /ou de saúde, não lhes permite permanecer no seu meio habitual de vida;
- Assegurar a prestação dos cuidados adequados à satisfação das necessidades, tendo em vista a manutenção da autonomia e independência;
- Proporcionar alojamento temporário, como forma de apoio à família;
- Criar condições que permitam preservar e incentivar a relação inter-familiar;
- Encaminhar e acompanhar as pessoas idosas para soluções adequadas à sua situação.

#### Destinatários

- Pessoas de 65 e mais anos ou de idade inferior em condições excepcionais, a considerar caso a caso.

### CENTRO DE FÉRIAS E LAZER

Resposta social, desenvolvida em equipamento, destinada à satisfação de necessidades de lazer e de quebra da rotina, essencial ao equilíbrio físico, psicológico e social dos seus utilizadores.

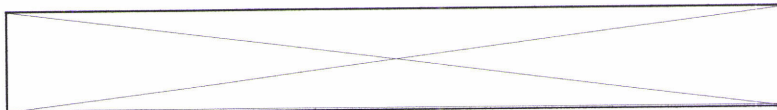
#### Objectivos

- Proporcionar aos utentes:
- Estadias fora do quadro habitual de vida;
- Contactos com comunidades e espaços diferentes;
- Vivências em grupo, como formas de integração social;
- Promoção do desenvolvimento do espírito de inter-ajuda;





SEGURANÇA SOCIAL

**Serviços****Direitos e Deveres****Protecção Social****A Segurança Social****Destaques****Direitos e Deveres**

Entidade Empregadora

Inscrição

Contribuições

Sanções

Trabalhador

Trabalhador por Conta de Outrem

Trabalhador Independente

Trabalhador Migrante

Destacamento de Trabalhadores

Regimes não Obrigatórios

Fundo de Garantia Salarial

Família, Crianças e Jovens

Famílias

Crianças e Jovens

Estudantes

Pessoas com deficiência

Prestações por encargos familiares

Acção Social

Pessoas Idosas

Pensão por velhice

Flexibilização da idade para requerer a pensão

Pensão Social por Velhice

Complemento por dependência

Acção Social

Programas de Inserção Social

Complemento Solidário para Idosos

Situações de carência socio-económica

Regime não contributivo

Rendimento Social de Inserção

Acção Social

Complemento Solidário para Idosos

Subsídios Sociais de Maternidade

**Pensões / Complemento por dependência****Consulte**

Pensão por invalidez   Pensão por velhice   Pensão de sobrevivência   Pensão social invalidez e velhice   Pensão de viuvez

Pensão de orfandade   Protecção especial na invalidez   Complemento por dependência   Subsídio por morte

Protecção especial (Açores)

**Pensões - Complemento por dependência***Informação produzida e actualizada, conjuntamente, por:*  
Direcção-Geral da Segurança Social e  
Instituto da Segurança Social, I.P. - Centro Nacional de PensõesAtribuído a **pensionistas dos regimes de segurança social** que se encontrem em situação de dependência.

Consideram-se em situação de dependência os pensionistas que não possam praticar com autonomia os actos indispensáveis à satisfação das necessidades básicas da vida quotidiana, nomeadamente os relativos à realização dos serviços domésticos, à locomoção e cuidados de higiene, precisando da assistência de outrem.

Para atribuição do complemento e determinação do respectivo montante consideram-se os seguintes graus de dependência:

**1.º grau** – pessoas que não possam praticar, com autonomia, os actos indispensáveis à satisfação de necessidades básicas da vida quotidiana: actos relativos à alimentação ou locomoção ou cuidados de higiene pessoal.**2.º grau** – pessoas que acumulem as situações de dependência que caracterizam o 1.º grau e se encontrem acamados ou apresentem quadros de demência grave.

Os montantes do Complemento por Dependência correspondem a uma percentagem do valor da Pensão Social e variam escalonados de acordo com o grau de dependência, do seguinte modo:

**Pensionistas do Regime Geral:**

- 50% - situação de dependência do 1.º grau
- 90% - situação de dependência do 2.º grau

**Pensionistas do Regime Especial das Actividades Agrícolas, do Regime Não Contributivo e Regimes Equiparados:**

- 45% - situação de dependência do 1.º grau
- 85% - situação de dependência do 2.º grau

**Montantes das Pensões****REQUERIMENTO**

O Complemento por Dependência deverá ser requerido:

- Nos serviços da segurança social da área da residência;
- Em impresso de modelo próprio acompanhado dos documentos de prova nele indicados.

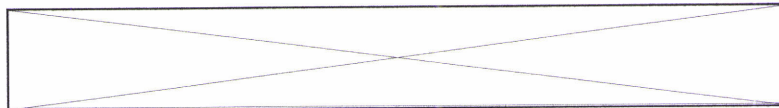
**Formulários**Requerimento de Complemento por Dependência  
MOD. 600 589 (111.4k)

Formulários/Pensões

**Legislação**Decreto-Lei n.º 265/99, de 14 de Julho  
Decreto-Lei n.º 309-A/2000, de 30 de Novembro**Protecção Social**

Prestações Garantidas

Acção Social



Pesquisar

**Serviços**

**Direitos e Deveres**

**Protecção Social**

**A Segurança Social**

**Destaques**



[Acção Social](#) / [Programas de inserção social](#) / [Programa de Apoio Integrado a Idosos \(PAII\)](#)

## Consulte

[Legislação](#) [Projectos Promovidos](#) [Candidaturas](#)

## Programas de inserção social - Programa de Apoio Integrado a Idosos (PAII)



*É caracterizado por desenvolver acções inovadoras, que são concretizadas através de projectos de desenvolvimento central e a nível local.*

### Atenção!

Por **Despacho** assinado a 29 de Agosto de 2006 por Suas Excelências os Ministros da Saúde e do Trabalho e da Solidariedade Social, determina-se:

**1- As candidaturas ao PAII, a que se refere o artigo 7º do Regulamento dos Projectos Serviço de Apoio Domiciliário, Centro de Apoio a Dependentes e Formação de Recursos Humanos, ficam suspensas até à publicação de despacho que determine a reabertura do processo de candidatura.**

**2-O presente despacho produz efeitos a partir da data da sua assinatura.**

### O que é?

O Programa de Apoio Integrado a Idosos (PAII) foi criado por Despacho Conjunto, de 1 de Julho de 1994, dos Ministros da Saúde e do Emprego e da Segurança Social.

É caracterizado por um conjunto de medidas inovadoras que visam contribuir para a melhoria da qualidade de vida das pessoas idosas, prioritariamente no domicílio e no seu meio habitual de vida, desenvolvendo-se através de projectos de desenvolvimento central e a nível local.

O PAII é financiado, segundo o **Decreto-Lei n.º 56/2006**, de 15 de Março, por 1,7% dos resultados líquidos dos jogos sociais explorados pela Santa Casa da Misericórdia de Lisboa. O limite máximo de financiamento (artigo 10.º Regulamento PAII), por entidade promotora, a conceder pelo PAII é de 80% das despesas elegíveis, nunca podendo ultrapassar os € 199.518,80 (40.000.000\$00).

### Objectivos do Programa:

- Promover a autonomia das pessoas idosas e/ou pessoas com dependência, prioritariamente no seu meio habitual de vida;
- Estabelecer medidas que visem melhorar a mobilidade e acessibilidade a serviços;
- Implementar respostas de apoio às famílias que prestam cuidados a pessoas com dependência, especialmente idosos;
- Promover e apoiar a formação de prestadores de cuidados informais e formais, de profissionais, familiares, voluntários e outras pessoas da comunidade;
- Desenvolver medidas preventivas do isolamento e da exclusão;
- Contribuir para:
  - a solidariedade entre as gerações
  - uma sociedade para todas as idades
  - o desenvolvimento de respostas inovadoras e integradas (saúde/ acção social)
  - a promoção de parcerias
  - a criação de postos de trabalho.

### Destinatários

Pessoas com 65 e mais anos, famílias, vizinhos, voluntários, profissionais e comunidade em geral.

### Quem gere?

O PAII é gerido por uma Comissão de Gestão composta por dois representantes do Instituto da Segurança Social, I.P. (um dos quais coordena) e por dois representantes da Direcção-Geral da Saúde.

## Direitos e Deveres

### Entidade Empregadora

- Inscrição
- Contribuições
- Sanções

### Trabalhador

- Trabalhador por Conta de Outrem
- Trabalhador Independente
- Trabalhador Migrante
- Destacamento de Trabalhadores
- Regimes não Obrigatórios
- Fundo de Garantia Salarial

### Família, Crianças e Jovens

- Famílias
- Crianças e Jovens
- Estudantes

### Pessoas com deficiência

- Prestações por encargos familiares
- Acção Social

### Pessoas Idosas

- Pensão por velhice
- Flexibilização da idade para requerer a pensão
- Pensão Social por Velhice
- Complemento por dependência
- Acção Social
- Programas de Inserção Social
- Complemento Solidário para Idosos

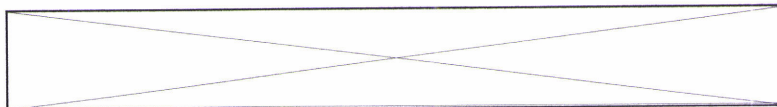
### Situações de carência socio-económica

- Regime não contributivo
- Rendimento Social de Inserção
- Acção Social
- Complemento Solidário para Idosos
- Subsídios Sociais de Maternidade

## Protecção Social

- Prestações Garantidas
- Acção Social





## Serviços

## Direitos e Deveres

## Protecção Social

## A Segurança Social

## Destaques



### Direitos e Deveres

#### Entidade Empregadora

- Inscrição
- Contribuições
- Sanções

#### Trabalhador

- Trabalhador por Conta de Outrem
- Trabalhador Independente
- Trabalhador Migrante
- Destacamento de Trabalhadores
- Regimes não Obrigatórios
- Fundo de Garantia Salarial

#### Família, Crianças e Jovens

- Famílias
- Crianças e Jovens
- Estudantes

#### Pessoas com deficiência

- Prestações por encargos familiares
- Acção Social

#### Pessoas Idosas

- Pensão por velhice
- Flexibilização da idade para requerer a pensão
- Pensão Social por Velhice
- Complemento por dependência
- Acção Social
- Programas de Inserção Social
- Complemento Solidário para Idosos

#### Situações de carência socio-económica

- Regime não contributivo
- Rendimento Social de Inserção
- Acção Social
- Complemento Solidário para Idosos
- Subsídios Sociais de Maternidade

### Protecção Social

- Prestações Garantidas
- Acção Social

[Pensões / Pensão de sobrevivência](#)

### Consulte

- Pensão por invalidez
- Pensão por velhice
- Pensão de sobrevivência
- Pensão social invalidez e velhice
- Pensão de viuvez
- Pensão de orfandade
- Protecção especial na invalidez
- Complemento por dependência
- Subsídio por morte
- Protecção especial (Açores)

### Pensões - Pensão de sobrevivência

*Informação produzida e actualizada, conjuntamente, por:*  
Direcção-Geral da Segurança Social e  
Instituto da Segurança Social, I.P. - Centro Nacional de Pensões

A **PENSAO DE SOBREVIVENCIA** é atribuída, se o beneficiário falecido tiver preenchido o prazo de garantia de **36 meses com registo de remunerações**, aos seguintes familiares:

#### - Cônjuge

*Se não houver filhos do casamento, ainda que nascituros, o cônjuge sobrevivente só tem direito à pensão se tiver casado com o beneficiário pelo menos 1 ano antes da data do seu falecimento, excepto nos casos em que a morte resulte de acidente ou de doença contraída ou manifestada depois do casamento.*

#### - Ex-cônjuges

*O cônjuge separado de pessoas e bens e o divorciado só têm direito à pensão se, à data da morte do beneficiário, dele recebessem pensão de alimentos, decretada ou homologada pelo tribunal, ou se esta não lhes tivesse sido atribuída por falta de capacidade económica do falecido judicialmente reconhecida.*

- **Pessoa que vivia, há mais de 2 anos, em situação idêntica à dos cônjuges**, com o beneficiário, não casado ou separado judicialmente e a quem tenha sido reconhecido por sentença judicial, o direito a alimentos da herança do falecido;

- **Descendentes**, incluindo nascituros e os adoptados plenamente:

. Até aos 18 anos;

. Dos 18 aos 27 anos, desde que não exerçam actividade determinante de enquadramento em qualquer regime de protecção social de inscrição obrigatória, e satisfaçam as seguintes condições:

» Dos 18 aos 25 anos, se matriculados em qualquer curso de nível secundário, complementar ou médio, e superior, ou a frequentar cursos de formação profissional, que não determinem enquadramento nos regimes de protecção social;

» Até aos 27 anos, se estiverem a frequentar cursos de mestrado ou curso de pós-graduação, a preparar tese de licenciatura ou de doutoramento, ou a realizar estágio de fim de curso, desde que não auferam remuneração superior a dois terços do valor do Indexante dos Apoios Sociais (IAS)\*;

\* A Lei nº 53-B/2006, de 29 de Dezembro, institui o **Indexante dos apoios sociais (IAS)**, pelo que as pensões, prestações sociais e contribuições anteriormente indexadas à Retribuição Mínima Mensal Garantida (RMM), passam a ser calculadas por referência a este Indexante, cujo valor para 2007 é de € 397,86 (Portaria nº 106/2007, de 23 de Janeiro).

. Sem limite de idade, tratando-se de deficientes, desde que, nessa qualidade, sejam destinatários de prestações por encargos familiares.

*Consideram-se descendentes os enteados em relação aos quais o beneficiário falecido estivesse obrigado a prestar alimentos.*

- **Ascendentes**, que estejam a cargo do beneficiário falecido, se não existirem cônjuge, ex-cônjuge e descendentes com direito à mesma pensão.

#### MONTANTE

Percentagem da pensão do beneficiário ou daquela a que teria direito à data do falecimento:

#### Cônjuge e ex-cônjuges

- 60%, se for um
- 70%, se for mais do que um

#### Descendentes

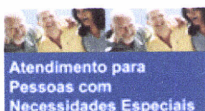
- 20%, um descendente
- 30%, dois descendentes
- 40%, três ou mais descendentes

Estas percentagens passam para o dobro, caso não haja cônjuge ou ex-cônjuge com direito à pensão

Coordenação Internacional de Legislações  
Protecção Complementar  
Equipamentos Sociais

## A Segurança Social

História  
Organismos do sector  
IPSS  
Prémios  
Linha Nacional de Emergência Social (LNES)



**Carta Social**

**PARES**  
Programa de Alargamento da Rede de Equipamentos Sociais

### Ascendentes

- 30%, um ascendente
- 50%, dois ascendentes
- 80%, três ou mais ascendentes

Quando houver mais do que um familiar, o montante é repartido em partes iguais.

### PERÍODO DE CONCESSÃO

#### Início

A Pensão de Sobrevivência é devida a partir do mês seguinte ao do:

- Falecimento, se for requerida no prazo de 6 meses a contar da morte do beneficiário;
- Requerimento, se não for requerida neste prazo.

#### Duração

#### Cônjuges e ex-cônjuges

- 5 anos, se tiverem menos de 35 anos à data da morte do beneficiário;
- Sem limite de tempo se tiverem 35 anos, ou atingirem esta idade enquanto tiverem direito à pensão ou estiverem em situação de incapacidade total e permanente para qualquer trabalho à data da morte do beneficiário.

### Descendentes

- Até aos 18 anos de idade;
- Conforme as regras de atribuição para os descendentes maiores de 18 anos de idade;
- Sem limite de idade, caso se trate de descendente deficiente

A concessão da pensão mantém-se pelo período

- de férias subsequentes ao ano lectivo, se a pensão depender de matrícula em estabelecimento de ensino;
- do ano lectivo e férias subsequentes, caso não tenham podido matricular-se por força da aplicação da regra do *numerus clausus*.

### SUSPENSÃO

A Pensão de Sobrevivência dos descendentes maiores de 18 anos, estudantes, é suspensa se não for feita a prova de escolaridade, dentro do prazo indicado pelo Centro Nacional de Pensões.

### CESSAÇÃO

A Pensão de Sobrevivência cessa por:

- Morte;
- Casamento (cônjuge ou ex-cônjuge);
- Limite de idade (descendentes);
- Alteração do grau de incapacidade ou por esta deixar de se verificar;
- Ter decorrido o período de concessão da pensão ao cônjuge com menos de 35 anos;
- Declaração de incapacidade sucessória (indignidade ou deserdação).

### REQUERIMENTO

A Pensão de Sobrevivência deverá ser requerida:

- Nos serviços de segurança social da área da residência;
- No prazo de 5 anos a contar da data da morte ou do desaparecimento, no caso de presunção de morte;
- Em impresso de modelo próprio acompanhado dos documentos nele indicados.

### PENSÃO PROVISÓRIA

*Pode ser atribuída uma pensão provisória se, à data do requerimento, o interessado reunir as condições gerais de atribuição e:*

- Não for pensionista de qualquer regime de protecção social;
- Não exercer actividade remunerada;
- Não lhe estiver a ser paga qualquer quantia de pré-reforma ou equivalente.



COMPLEMENTO POR DEPENDÊNCIA  
SUBSÍDIO POR MORTE



### Formulários

Requerimento de Prestações por Morte

MOD.CNP-600.020 (75.3k)

Questionário/Pedido de Pensão de Sobrevivência a Organismo Estrangeiro

MOD.CNP-501.460 (234k) e Anexo MOD.501.460-A (26.9k)

Declaração/Pedido de Pagamento de Pensão por Conta Bancária

MOD.CNP-020.426 (29.6k)

Pedido de Alteração de Morada

MOD.CNP-020.423 (94k)

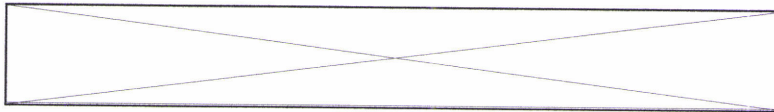
Requerimento de Reembolso de Despesas de Funeral

MOD.CNP-600.619 (258.1k)



FORMULÁRIOS/PENSÕES  
Subsídio por Morte





## Serviços

## Direitos e Deveres

## Protecção Social

## A Segurança Social

## Destaques



### Direitos e Deveres

#### Entidade Empregadora

- Inscrição
- Contribuições
- Sanções

#### Trabalhador

- Trabalhador por Conta de Outrem
- Trabalhador Independente
- Trabalhador Migrante
- Destacamento de Trabalhadores
- Regimes não Obrigatórios
- Fundo de Garantia Salarial

#### Família, Crianças e Jovens

- Famílias
- Crianças e Jovens
- Estudantes

#### Pessoas com deficiência

- Prestações por encargos familiares
- Ação Social

#### Pessoas Idosas

- Pensão por velhice
- Flexibilização da idade para requerer a pensão
- Pensão Social por Velhice
- Complemento por dependência
- Ação Social
- Programas de Inserção Social
- Complemento Solidário para Idosos

#### Situações de carência socio-económica

- Regime não contributivo
- Rendimento Social de Inserção
- Ação Social
- Complemento Solidário para Idosos
- Subsídios Sociais de Maternidade

### Protecção Social

- Prestações Garantidas
- Ação Social

[Pensões / Pensão social invalidez e velhice](#)

#### Consulte

- [Pensão por invalidez](#)
- [Pensão por velhice](#)
- [Pensão de sobrevivência](#)
- [Pensão social invalidez e velhice](#)
- [Pensão de viuvez](#)
- [Pensão de orfandade](#)
- [Protecção especial na invalidez](#)
- [Complemento por dependência](#)
- [Subsídio por morte](#)
- [Protecção especial \(Açores\)](#)

### Pensões - Pensão social invalidez e velhice

*Informação produzida e actualizada por:*  
Direcção-Geral da Segurança Social

O **REGIME NÃO CONTRIBUTIVO** garante a protecção social na invalidez e velhice, através da concessão das seguintes **Prestações**:

- **PENSÃO SOCIAL DE INVALIDEZ**
- **PENSÃO SOCIAL DE VELHICE**
- **COMPLEMENTO POR DEPENDÊNCIA**
- **COMPLEMENTO EXTRAORDINÁRIO DE SOLIDARIEDADE**

#### Condições de atribuição

##### PENSÃO SOCIAL DE INVALIDEZ

- Idade igual ou superior a 18 anos
- Incapacidade permanente para toda e qualquer profissão, confirmada pelo Sistema de Verificação das Incapacidades (SVI)
- Rendimentos mensais ilíquidos não superiores a 30% do valor do Indexante dos Apoios Sociais (IAS)\*, ou 50% deste valor, tratando-se de casal (condição de recursos)

##### PENSÃO SOCIAL DE VELHICE

- Idade igual ou superior a 65 anos
- Rendimentos mensais ilíquidos não superiores a 30% do valor do Indexante dos Apoios Sociais (IAS)\*, ou 50% deste valor, tratando-se de casal (condição de recursos)

\* A Lei n.º 53-B/2006, de 29 de Dezembro, instituiu o **Indexante dos apoios sociais (IAS)**, que substitui a **Retribuição Mínima Mensal Garantida (RMMG)** enquanto **referencial para fixação, cálculo e actualização das prestações sociais**, pelo que as referências anteriormente feitas à RMMG passam a ser feitas àquele Indexante, cujo valor para 2008 é de € 407,41 (Portaria n.º 9/2008, de 3 de Janeiro).

**Montante** (Pensão Social de Invalidez ou de Velhice)

É actualizado periodicamente.

Nos meses de JULHO e DEZEMBRO de cada ano, os pensionistas recebem, além da pensão, um montante adicional de igual valor.

#### COMPLEMENTO POR DEPENDÊNCIA

Atribuído a pensionistas que:

- sejam titulares da Pensão Social
- que se encontrem em situação de dependência.



#### COMPLEMENTO POR DEPENDÊNCIA

#### COMPLEMENTO EXTRAORDINÁRIO DE SOLIDARIEDADE (CES)

Prestação de natureza pecuniária, mensal, concedida por acréscimo ao montante das pensões sociais de invalidez e de velhice (regime não contributivo e equiparados).

O CES é atribuído a partir da data em que for devida a pensão a que acresce.

Nas situações de alteração do montante por motivo de idade, o novo valor é devido a partir do mês seguinte àquele em que o titular tiver completado 70 anos.



#### MONTANTES DAS PENSÕES

#### REQUERIMENTO

As prestações são requeridas:

- nos serviços de segurança social da área da residência;
- em impresso de modelo próprio, com os documentos de prova nele indicados.

**ATENÇÃO:** O Complemento Extraordinário de Solidariedade não é requerido.

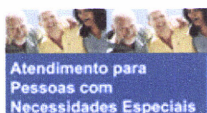




Coordenação Internacional de Legislações  
Protecção Complementar  
Equipamentos Sociais

## A Segurança Social

História  
Organismos do sector  
IPSS  
Prémios  
Linha Nacional de Emergência Social (LNES)



Situação do beneficiário		Taxas de bonificação mensal (%)
Idade	Carreira contributiva (anos)	
Superior a 65	De 15 a 24	0,33
	De 25 a 34	0,5
	De 35 a 39	0,65
	Superior a 40	1

### Acesso à pensão antes de completar 65 anos de idade

Se o beneficiário tiver condições para requerer pensão de velhice antecipada sem aplicação do factor de redução e não o fizer, a pensão é bonificada por uma taxa mensal aplicável ao número de meses com registo de remunerações por trabalho efectivo, compreendidos entre o mês em que se verificaram essas condições e os 65 anos ou a data de início da pensão, se esta ocorrer em idade inferior.

Em ambas as situações, o montante da pensão bonificada não pode ser superior a 92% da melhor das remunerações de referência que serviu de base ao cálculo da pensão.

### OUTROS REGIMES DE ANTECIPAÇÃO DA PENSÃO

A idade de acesso à pensão pode ser ainda antecipada, nas seguintes situações, previstas em legislação própria:

- Actividades profissionais de natureza penosa ou desgastante;
- Medidas de protecção específica a actividades ou empresas por razões conjunturais e
- Desemprego involuntário de longa duração.

### MONTANTE E CÁLCULO DA PENSÃO

A pensão é calculada com base na carreira contributiva do beneficiário.



MONTANTE DAS PENSÕES - Regras de cálculo (102.8k)

### ACUMULAÇÃO DA PENSÃO DE VELHICE

#### • Com rendimentos de trabalho

A acumulação da pensão de velhice com rendimentos de trabalho é **permitida**, excepto no caso de pensão de velhice resultante da conversão de pensão de invalidez absoluta.

No caso de **pensão antecipada**, atribuída no âmbito da flexibilização, **a acumulação não é permitida nos três anos seguintes** a contar da data de acesso à pensão, se os rendimentos forem provenientes de exercício de trabalho ou actividade, a qualquer título, na mesma empresa ou grupo empresarial em que o beneficiário exercia actividade. (\*)

A entidade empregadora ou a entidade a quem seja prestado o serviço é solidariamente responsável pela devolução das prestações recebidas indevidamente, desde que a situação seja do seu conhecimento.

(\*) O não cumprimento destas normas determina a perda do direito à pensão durante o período em que se verifique a infracção, ficando o pensionista obrigado a restituir as prestações indevidamente pagas e ao pagamento da colma respectiva.

#### • Com outras pensões

É permitida a acumulação das pensões de invalidez e de velhice do regime geral com pensões dos seguintes regimes de protecção social de enquadramento obrigatório:

- Regimes especiais do sistema de segurança social;
- Regimes da função pública;
- Regime dos antigos funcionários ultramarinos;
- Regime dos advogados e solicitadores;
- Regime dos trabalhadores da Companhia Portuguesa Rádio Marconi;
- Regime de protecção social estabelecido na regulamentação colectiva de trabalho dos empregados bancários;
- Regimes de protecção nos riscos de acidente de trabalho e doença profissional;
- Regimes dos sistemas de segurança social estrangeiros.

As pensões de invalidez e de velhice do regime geral são livremente acumuláveis com pensões atribuídas por **regimes facultativos** de protecção social.

Os períodos de registo de remunerações sucessivos para o regime geral e para o regime do seguro social voluntário determinam a atribuição de uma única pensão, não se verificando, neste caso, uma situação de acumulação de pensões.

### REQUERIMENTO

O requerimento da pensão de velhice pode ser apresentado:

- Através do serviço em linha [Segurança Social Directa](#), disponível **neste site** ou
- Nos serviços de atendimento do Centro Distrital de Segurança Social da área de residência do beneficiário ou do Centro Nacional de Pensões

Se o beneficiário **residir no estrangeiro**, pode apresentar o requerimento através do serviço em linha [Segurança Social Directa](#), nas instituições previstas para o efeito nos instrumentos internacionais aplicáveis ou no Centro Nacional de Pensões.

O requerimento em suporte de papel deve apresentado depois de preenchido, assinado e acompanhado dos documentos de prova nele indicados e pode ser obtido:

- [Aqui mesmo](#) por impressão ou download ou
- Nos serviços das instituições de segurança social.

Os interessados podem apresentar o requerimento **com a antecedência máxima de três meses**, relativamente

## **ANEXO 2 – Entrevista com a Assistente Social da Casa de Repouso Henri Dunant**

1- Há quanto tempo exerce funções de Assistente Social na Instituição  
A.L. – Desde 1999, faz nove anos.

2- Quais são as valências da Instituição

A.L. – Apoio Domiciliário, Dois lares de Terceira Idade, Fisioterapia, Unidade de Socorros.

3- Quantos utentes estão neste momento em regime de internamento.

A.L. – Na Casa de Repouso Henri Dunant, estão 32 utentes em regime de internamento.

4- Qual a imagem que tem da pessoa que está em processo de envelhecimento

A.L. – Tendo em conta as características da nossa população utente, que são utentes do meio rural são pessoas já extremamente depressivas, estão numa fase em que nós tentamos combater essa situação, mas muitas vezes não conseguimos a pessoa parece que está mesmo à espera que chegue o último momento e acaba por não estar motivada nem estimulada para exercer qualquer actividade nem para o contacto com o exterior daí haver dificuldade em trabalhar com a população com estas características, porque as pessoas tornam-se apáticas, por muito que sejam estimuladas é muito difícil que consigamos que elas participem e colaborem nas actividades e que continuem a fazer a sua vida volta para o exterior e não só para o interior da instituição. Eu penso que isto podia ser melhorado com um maior contacto com o exterior, ou seja, as pessoas estavam em internamento mas com frequência voltavam às casas nem que fosse para visita, umas férias portanto algo diferente, um fim de semana, um dia, nem que fosse só ir almoçar a casa, mas matar saudades daquilo que deixaram lá e 95% das vezes não acontece isto, a pessoa vai para a instituição e só sai quando vai ao café com uma funcionária, ou fazer algum passeio que é programado pela instituição.

5- O que pensa da questão relacionada com o afastamento da família

A.L. – A pessoa idosa degrada-se cada vez mais, daí nós vemos que as pessoas que estão institucionalizadas muitas vezes tem problemas psicológicos muito graves após esta fase, porque houve um corte com a família e há um afastamento se mantivesse um contacto permanente com a família, não quer dizer que fosse todos os dias, e o regresso por vezes a casa para uma simples visita podia acabar com este tipo de situação. Afasta-se a família e corta com o exterior, com o seu

meio, com os seus amigos e aí o seu estado psicológico tende a agravar-se cada vez mais.

6- O que a leva a pensar que os utentes em contexto institucional não admitem a existência de solidão.

A.L. – Eu acho que tem muito haver com a família, porque por muito isolados que eles estejam, a maior parte das vezes não admitem que a família não está a agir bem, que não se preocupa com eles e arranjam sempre uma desculpa para essa situação, daí eles não admitirem, acham que não estão em solidão porque convivem com outras pessoas, mas nós sabemos que eles estão no meio de outras pessoas, mas sofrem deste problema da solidão.

7- A Trajectória de vida da pessoa idosa que está em contexto institucional pode influenciar os sentimentos de solidão

A.L. – Sim tem muito haver, é assim as pessoas do meio rural vivem o seu dia a dia para os filhos, para os netos, sempre em função da família, quando chega a fase em que vai para o internamento já se tem perdido a maior parte das vezes um dos entes queridos, ou um dos membros do casal, o que vai agravar muito mais ainda a situação, e depois também o facto de se separarem da família tudo acaba e depois as pessoas ficam com problemas psicológicos muito graves e o discurso não é coerente nota-se isso muito. As mulheres viveram sempre em função da família e sobretudo do marido. A sua trajectória de vida era casa, trabalho, os filhos, o marido e nada mais do que isto, as pessoas não tem outras trajectórias de vida e depois quando saem do seu meio ambiente e vão para uma instituição a situação agrava-se muito mais.

8- O que pensa das instituições de Apoio à Terceira Idade existentes na cidade de Beja, tem capacidade para responder à situação actual da população idosa.

A.L. – Em termos de número temos listas de espera bastante grandes, nós temos 300 ou 400 pessoas em lista de espera e as outras instituições deve ser a mesma coisa. Em termos de condições vamos agora entrar numa fase de construção do novo lar, visto que um dos problemas actuais são as barreiras arquitectónicas porque as características das casas onde as instituições estão instaladas são antigas casas senhoriais muito bonitas, mas não para aquele tipo de população, daí que por muito boa que seja a relação humana existem as limitações relacionadas com as barreiras arquitectónicas, são edifícios onde não podemos instalar elevadores porque é zona histórica. Estas barreiras arquitectónicas



acabam por limitar o contacto da pessoa idosa com o exterior, mas eu acho que tem mais haver com o abandono familiar, é a quebra dos laços familiares, muitos deles é a festa de Natal e ninguém lá vai, embora alguns tenham familiares exemplares, mas isto são casos isolados, alguns até levam um miminho se nós tivermos um bolo e até for melhor que o que o familiar leva, o que é levado pelo familiar tem muito mais sabor que o nosso.

8 – O que tem sido feito pela instituição para quebrar a monotonia em contexto institucional.

A.L. – Os nossos projectos vão sempre no sentido de diminuir a solidão, temos uma animadora e tentamos sobretudo trabalhar a identidade do idoso, a criação de laços empáticos diminui muito a solidão, não só porque a animadora e as estagiárias de Serviço Social entram nestes projectos de diminuir a solidão, o idoso originário do meio rural tem hábitos diferentes do idoso originários do meio urbano o facto de saírem irem ao café, irem ao cabeleireiro aquelas actividades de rotina mínimas que nós fazemos, temos tendo que eles não se isolem e não se sintam tão só.

## **ANEXO 3 – Entrevista com profissionais ligados à Terceira Idade**

**Guião de Entrevista**

- 1- Qual a imagem que tem da pessoa idosa em processo de envelhecimento.
- 2- Quais são as principais causas que levam as famílias a recorrerem ao processo de Institucionalização.
- 3- Enquanto investigadora, considera que as instituições de apoio à terceira idade têm capacidade para responder à situação actual da pessoa idosa.
- 4- O que pensa da quebra dos laços sociais após o processo de institucionalização e qual a sua influência nos sentimentos de solidão.
- 5- As trajectórias de vida das pessoas idosas podem influenciar a sua adaptação à instituição, assim como os sentimentos de solidão.
- 6- Qual a sua perspectiva sobre as políticas sociais em Portugal direccionadas para a terceira idade.
- 7- Como perspectiva o quotidiano das pessoas idosas que se encontram institucionalizadas, o que pode ser alterado nesse quotidiano.
- 8- Existem diferenças na forma como homens e mulheres vivem o processo de institucionalização.
- 9- Qual a representação social do processo de institucionalização.

**Entrevista com a Dr.<sup>a</sup> Adelaide**

1- A pessoa em processo de envelhecimento é uma pessoa que em princípio conta mais idade do que as outras. Convencionou-se de que os 65 anos para alguns autores era de facto o início da entrada na terceira idade, agora o envelhecimento não se processa da mesma forma em todas as pessoas, não podemos dizer que o envelhecimento é homogéneo, de acordo com a trajectória de vida da própria pessoa assim a pessoa também entende o seu próprio processo de envelhecimento e se adapta a ele ao longo da vida.

2- Eu não diria que o perspectiva na actualidade desde sempre se pensou em responder cabalmente às pessoas que se encontravam no processo de institucionalização, no entanto as medidas de política social actuais caminham mais no sentido de apoiar os idosos no domicílio, tendo aí inerente uma visão mais economicista do que uma visão que vise o bem estar da pessoa idosa. Para isto em muito contribuiu as alterações no seio familiar, onde a família alargada deu lugar à família monoparental e nuclear, onde o elemento idoso não tem lugar, as famílias não tem tempo nem condições para apoiar o seu elemento idoso, visto que o estado exige demais às famílias. Os lares muitas vezes fazem falta a essas pessoas que estão a ser apoiadas no domicílio mas essas pessoas não tem oportunidade de ingressar nos lares. As instituições apenas se preocupam com a comida e a higiene da pessoa idosa, deixando de lado todo o resto incluindo a saúde mental do idoso.

6- Neste momento não há uma ausência de medidas de política social, o que se verifica é que as medidas de política social não estão a ser operacionalizadas como devem a meu ver. No que diz respeito aos idosos com Alzheimer e outro tipo de demências é que ainda não existe uma resposta cabal. Não me parece que neste momento se verifique uma ausência de políticas sociais, o que me parece é que se as que existem fossem bem implementadas, bem avaliadas e os profissionais que estão no terreno propusessem as devidas alterações que eles consideram que devem ser realizadas.

4- A pessoa idosa tem sempre mais dificuldade em se adaptar a novas situações, hoje não se pode falar numa diferenciação muito grande entre o meio rural e o meio urbano, durante muito tempo o meio rural estava isolado de tudo, actualmente os meios de comunicação social já chegam a todo o lado. Neste momento o meio rural já possui melhores condições em termos ecológicos e começa a ser procurado por um

número cada vez maior de pessoas. Penso que numa cidade como Beja o dualismo rural / urbano não se coloca.

7- Eu não falaria nem em constrangimentos, nem em limitações dependendo do tipo de estudo que eu pretendo realizar, nós temos que adaptar a metodologia de todo e qualquer trabalho ao tipo de estudo que estamos a fazer. A meu ver as histórias de vida devem-se realizar em contexto familiar e onde a pessoa se encontra, onde a pessoa possa falar livremente sem imposição do investigador.

8- Eu penso que ainda há muito a fazer, os aspectos mais constrangedores prendem-se com as questões económicas da maior parte dos nossos idosos, que são muito parcas que não lhes permitem ter uma vida desafogada, nem muitas vezes ter acesso à própria vida social. A maior parte dos nossos idosos não vivem vegetam e isso afecta de certa forma o investigador.

9- A representação social que se tem do que quer que seja é algo de uma grande complexidade, eu penso que na actualidade a pessoa idosa já está presente em todos os discursos, em palavras parece que toda a sociedade está preocupada em acolher essa franja populacional, no entanto a realidade é muito diferente, eu por exemplo tinha sempre dificuldades em encontrar pessoas que quisessem trabalhar com essa franja populacional. Para minimizar esta situação deve-se tratar a pessoa idosa como uma pessoa acima de tudo.

10- Penso que devemos sobretudo questionar se a pessoa idosa prefere estar com a família ou prefere estar na instituição, a pessoa idosa se ainda estiver em condições pode escolher o rumo que quer dar à sua vida, visto que na sociedade actual a institucionalização é muitas vezes a única alternativa, mesmo para a própria família. A existência de solidão ou não deve em contexto institucional depende em muitos casos do funcionamento da própria instituição. Se a instituição fizer o utente participar activamente na vida institucional, o utente sente menos o peso da institucionalização.

3- Para além das trajectórias de vida, a meu ver existem outros factores que condicionam a solidão em contexto institucional, sem nunca esquecer a personalidade de cada um, no entanto há questões como as perdas de um ente querido, os problemas de saúde, a falta de autonomia e a dependência em relação a terceiros para executar as tarefas do quotidiano.

11- A única coisa que eu acho importante reforçar é que as pessoas são pessoas independentemente da idade das mesmas.

### **Entrevista com a Dr. Mercês Covas**

1-Uma pessoa que está em processo de envelhecimento, é talvez aquela pessoa que pode já ter idade mas se mantém activa, todos nós a partir do momento em que nascemos estamos em processo de envelhecimento. Não quer dizer que a pessoa apesar da idade se sinta velha, podemos ter uma idade avançada e não nos sentirmos velhos, sentimo-nos com mais sabedoria, com vontade para trabalhar e com objectivos de vida muito concretos dos quais não abdicamos independentemente da idade. Não gosto da distinção que alguns autores fazem entre velhice e envelhecimento, visto que há pessoas que estão velhas, mas nunca estão velhas verdadeiramente porque nunca desistem de viver.

2-Vejo muito mal o quotidiano da pessoa idosa em contexto institucional, principalmente porque as nossas instituições que até agora estão a receber pessoas de idade não estão a funcionar da melhor maneira, o idoso se quiser ter qualidade de vida, de se manter activo e desperto para a realidade tem que pagar, sendo que nem sempre esse pagamento corresponde a uma melhoria da qualidade do processo de envelhecimento. Vejo a institucionalização com muitos maus olhos, porque limitam-se a depositar os idosos, e não se lembram de outras actividades que eles podem ter, que é o movimento, a ginástica mental, dar-lhes oportunidade deles se exprimirem até do ponto de vista artístico, portanto isso não tem acontecido e se acontece em alguns casos é depois incorporado no preço não funciona como um direito, mas como um serviço. Falta uma engenharia institucional muito grande que não pertence só à instituição que recebe o idoso mas também às instituições da própria sociedade, trabalhar em parceria com sistema de transporte, com teatros, com ginásios, com uma série de serviços que não têm sido activados porque estamos numa sociedade capitalista onde tudo se vende, tudo se compra, tudo tem um preço, e os idosos ao serem uma maioria não tem sido uma categoria social privilegiada por parte do poder político.

3-As trajectórias de vida contam bastante, mas podem não ser só isso porque uma pessoa que intelectualmente tenha tido uma vida muito ocupada, pode estar sozinha e não se sente só, agora uma pessoa que tenha tido uma trajectória de vida em que esteve sempre com amigos, vizinhos, aqueles pessoas que mantém uma relação

primária com os outros, quando perdem esse tipo de relação, esse tipo de laço são as primeiras vítimas da solidão, porque perdem as suas relações e ficam sozinhas, os amigos vão morrendo, afastam-se geograficamente e a pessoa não sabe ocupar-se sozinha, precisa de alguém que lhe ocupe o tempo e a mente. Em contrapartida uma pessoa com uma trajectória diferente, mais intelectual, habituada a ler, a construir a sua própria vida, a preencher o seu tempo, raramente se sente sozinha, pois sabe preencher os vazios do tempo. A solidão é sentida de forma diferente por cada pessoa, é muita relativa e subjectiva às trajectórias de vida. Na sociedade actual quem não domina as novas tecnologias tende a sentir-se mais só e os idosos ainda não estão a trabalhar nesse sentido

4-É diferente nascer numa freguesia rural do que numa freguesia urbana, embora no Alentejo seja difícil fazer essa distinção porque as cidades do Alentejo são cidades rurais, não são grandes cidades e a maneira de pensar embora tenha evoluído alguma coisa, mas ainda são muito rurais. As pessoas do meio rural não sei se se adaptam bem, adaptam melhor desde que se os seus amigos e familiares continuem muito presentes, visto que apesar do cada vez maior individualismo e egoísmo as relações primárias nos meios rurais ainda são muito intensas.

5-A maioria das instituições, ainda não estão preparadas, é só guardar as pessoas, levantá-las, dar-lhes de comer, eu penso que isso cada vez mais vai ser posto em causa, porque isto é o mínimo são os serviços mínimos, não respondem às necessidades humanas, porque à medida que a nossa sociedade vai evoluindo vamos tendo outras formas de acesso à informação e outras necessidades de consumo, portanto as instituições têm também de acompanhar essas mudanças.

6-Os idosos não tem sido um alvo muito privilegiado em termos de políticas sociais, porque continuamos ainda a esperar que as famílias façam quase tudo e então as próprias políticas direccionadas para a família não dão muita atenção nem às crianças, nem aos idosos e se dão alguma atenção é do ponto de vista das crianças porque os idosos continuam a ser discriminados, não tem havido muito investimento em termos de políticas públicas. Isto funciona um pouco como as companhias de seguros, a partir dos 60 ou 70 anos já não querem aquela pessoa, as políticas tem feito o mesmo, os governos está a sair de cena em todas as frentes. Não sei se a breve prazo o Estado está interessado em investir nos idosos, visto que não se vislumbra nada, é uma população que se tem dinheiro governa-se se não tem é para esquecer porque dá despesa.

7-É uma boa técnica, mas depende da maneira como questionamos a pessoa, se a deixamos falar, se conduzimos bem a conversa para perceber que tipo de envolvimento é que a pessoa fez ao longo da sua vida, quais as suas experiências mais positivas, também as mais traumáticas, como foi construída a rede de relações, toda a sua carreira de vida se foi tudo bem programado ou se as coisas aconteceram por acaso. Uma história de vida pode ser um método muito bom, desde que o investigador saiba tirar daí as informações que pretende trabalhar. No entanto é preciso tomar algumas cautelas, pois é um método que pode levar a gastos de tempo demasiados e por vezes desnecessários.

8-Tenho feito algumas investigações esporádicas às vezes com os meus alunos, ao nível dos aspectos facilitadores devemos ter sempre uma postura de muita humildade, utilizar uma linguagem parecida com a do idoso, ter comportamentos semelhantes, temos como exemplo o toque, conseguir uma aproximação à realidade da pessoa idosa. Eu não posso dizer que tenha tido más experiências porque preparo muito bem o que vou fazer, por norma já sei como me hei-de comportar, o investigador deve ser o mais empático possível, o idoso deve esquecer que nós somos investigadores.

9-As pessoas hoje tem vergonha e evitam demonstrar a sua idade, um exemplo disso é a publicidade onde há marcas que já investem nos produtos pró age, sendo que esta situação é vivida de forma diferente por cada pessoa, visto que uma pessoa ao demonstrar menos idade em determinados meios tem muito a ganhar, na sociedade portuguesa começa a haver uma afirmação da pessoa de meia idade, começa a haver já uma certa respeitabilidade em relação ao processo de envelhecimento, se continuamos a esconder a nossa idade estamos a dar razão à política social.

10-A pessoa quando vai para uma instituição sabe que já não está livre como se estivesse na sua casa, porque a vivência do tempo é completamente fora do seu controlo, há horas para almoçar, para jantar, para deitar, está tudo regulado em função do horário das funcionárias, as instituições não estão preparadas para quebrar essa monotonia o que acaba por isolar muito as pessoas, a não ser que a pessoa seja autónoma e ainda tenha alguma facilidade em se movimentar, mesmo nesses casos é complicado quebrar a rigidez institucional.

11-A nível da ocupação do tempo livre é uma aposta que as instituições deveriam fazer, ter um animador, ter pessoas para contar histórias, haver um ginásio, uma



biblioteca, para não serem só receptivos, seria uma revolução completa a nível institucional.

## **Anexo 4 – Histórias de Vida dos Idosos**

**Entrevista 1**

O meu pai era da Cuba e a minha mãe era de Montes Velhos, o meu pai era moleiro, chegou a ter nove moinhos, cada filho tinha um moinho por conta do pai e ele era só para controlar, tenho tios em Montes Velhos, tenho primos na Cuba e agora há uma que trabalha aqui que diz que é minha prima, não sei.

Nasci em Ferreira do Alentejo e tenho 80 anos, dali vim para Mombeja, onde estive até aos 39 anos. Éramos treze irmãos, o meu pai era moleiro e o moinho matou uma moça e um moço, mas criou-os todos com pão e carne, com ordenados pequenos mas criou-nos todos, nunca passámos fome (*fala de forma calma e saudosista*). Aos 39 anos emigrei para a França, da França passei para a Suíça, estive 27 anos por fora depois voltei vim para Mombeja já reformado e de Mombeja vim aqui para o lar, onde estou há quatro anos.

Comecei a trabalhar com nove anos, a guardar cabras que o meu pai tinha cabras e dizia-me vai lá voltar aquela cabra e eu lá ia descalço, tinha a sola dos pés tão dura que nem furavam, mas nem é bom eu falar nisso que é uma vida tão... (*a sua expressão facial evidencia tristeza*) No principio como o meu pai era moleiro eu era também, depois trabalhei na agricultura, quando fui para a França era pedreiro.

Fui para França em 1966 e regressei em 1982, até arranjar documentos estive um ano sem cá vir, mas depois passei a vir pelo Natal, e em Agosto, ainda cheguei a estar nove anos sem cá vir, tinha muito medo da fronteira, na França agente passava por qualquer lado agora na Suíça aquilo não era brincadeira os Suíços são muito velhacos (*evidencia exaltação no tom de voz*)

A vida estava má como está hoje para ver se ganhava mais algum se não tivesse emigrado não estava aqui porque a reforma não dava para isso, assim sempre ganho mais alguma coisinha.

Na França não me safei muito bem mas depois na Suíça safei-me melhor. Havia lá um rapaz que trabalhava comigo que quando se deu o 25 de Abril veio para Portugal, e passado um ano disse-me para eu pedir ao patrão para ele voltar para lá, e o patrão disse-me se quisesse vir não tinha abalado não te vou tirar a ti para o pôr a ele. Os meus sobrinhos também têm emigrado todos, lá os Suíços não deixam ninguém trabalhar depois da reforma, senão eu ainda tinha lá ficado. A minha vida foi um romance que nem eu sei contar bem o que se tem passado (*o seu rosto evidencia*

tristeza). Fui para a França sem saber falar uma palavra de Francês não percebia nada do que o patrão dizia, percebo tudo mas falar é sempre com a língua portuguesa.

Para ir para a França paguei seis contos a um Espanhol que me levou e nunca tive medo de nada, graças a uma moça que encontrei em França é que tomei contacto com os outros Portugueses. Essa moça tinha dois primos na Suíça que me arranjam lá trabalho e eu viver para a Suíça. Ela depois casou-se com um Italiano veio para Portugal e não sei o que foi feito dela, eu depois passei da Suíça Alemã para a Suíça Francesa nunca mais soube dela (*gesticula e faz um sorriso tímido*)

Nunca cheguei a casar por causa de Deus Nosso Senhor, namorei uma rapariga nove anos, depois fui para a tropa para Mafra depois quando vim cá de férias tivemos a pouca sorte eu e ela ficou grávida de um caszinho, nesse tempo não havia socorro, isto foi já em 1947, morreu ela e morreram as crianças, nunca mais quis mulheres, foi por causa disso que eu não casei. (*verte uma lágrima*)

Nunca me esqueço da minha aldeia, fui lá criado, na minha juventude era muito dançarino não parava, onde houvesse um baile deixei estar que eu lá ia dançar eu não escapava em lado nenhum, montava-me numa motorizada e lá ia eu, para isso fui sempre um alarveirão (*sorri de forma saudosista e desvia olhar*). Também gosto muito de touradas, cheguei a vir de Mombeja à Cuba a pé para ver uma tourada, agora as pernas já não me deixam ir. Uma vez tive um acidente numa tourada, estava em cima do estendal de um carro e o boi cá do outro lado, quando começou a ficar vento fui-me embora para trabalhar no moinho, desci-me do carro e ia ando quando o boi se jogou a mim e me mandou para o hospital. Quando havia touradas tinha sempre companhia para ir. Ainda vi tourear a Conchita, o Simão da Veiga e o João Branco Nuncio foi o melhor toureiro que cá apareceu, ainda o cheguei a ver tourear aqui, em Alcácer do Sal, onde quer que ele ia (*eleva os braços no ar e aumenta o tom de voz.*)

Vim para o lar há quatro anos de minha livre vontade, estava lá na aldeia ia lá uma mulher limpar a casa, a minha irmã começou a dizer qualquer dia dá-te um tranguemanco qualquer e quem é que te acode. Como o meu sobrinho é amigo da doutora eu vim aqui para o lar não me sinto aqui mal, mas não é nada como a nossa casa.

Foi um pouco difícil a adaptação aqui ao lar porque não conhecia aqui ninguém (*olha para o chão de forma triste*). Depois começamos a conhecer todos uns aos

outros, só algum que vem e que não sabe é que... é como na tropa comparo isto com a tropa, os recrutas têm que fazer continência às praças velhas. *(faz uma pausa na narrativa)* Quando a gente chega um diz uma coisa, outro desmente, mas quando a gente cá está fazemos o mesmo aos outros. Eu aqui calhei logo com três pessoas muito boas, mal empregado um que já morreu. Naquele quarto em frente éramos quatro só havia um que era mais chatinho agora os outros era uma maravilha. Depois passei para um quarto perto da lavandaria e também calhei com um companheiro muita bom, muita bom, não me chateou em nada muito meu amigo, tenho já pena é dele ter morrido, agora foi outro para o lugar daquele que não sei se está vivo se está morto, custa-se a perceber a fala.

Depois de estar aqui ainda corria aí tudo bons petiscos e boas coisas. Ainda vou até ali ao centro sento-me além vejo pessoas amigas, conhecidas da minha terra que vêm ali, vejo hoje um, amanhã vejo outro, vou até à da minha irmã vou até á do meu sobrinho e ando por ali. Só não saio quando está frio ou de chuva, fico no covil e jogo ás cartas, já não vou é para casa dos meus familiares eles querem ir aqui, querem ir além eu não posso andar, a idade também já não promete fazer mais nada.

Fiz aí com a Fátinha uma que era da polícia, andámos com as crianças aí nas ruas fazendo de polícia, fomos do patronato ao posto da polícia a pé brincando com as crianças, quando cheguei lá ia morto. *(Sorrir)*

Se não tivesse no lar já tinha morrido, aqui sempre tenho socorro, já fui uma vez ao hospital de noite, tiveram de me ir levar que eu estava com falta de ar, aqui anda tudo controlado.

Tenho uma irmã aqui perto que costuma vir aqui ver-me sempre, e quando não pode cá vir o telefone toca logo. Tenho sobrinhos em Lisboa e um pouco por todo o lado, parte deles nem os conheço. Conheço só estes aqui à roda que lidam comigo, muitos sobrinhos nem os conheço e tenho uma irmã que está em Lisboa, essa passa-se anos que nem a vejo. Quando eu estava na terra que tinha lá a horta e aquelas coisas, todos os quinze dias lá iam, agora vim para aqui já não esperam nada que eu já não lhe posso dar nada, ora acabou-se as visitas. *(faz um sorriso irónico)*

Mas daqui para a frente vejo-me numa cama acamado como os outros que estão lá em cima coitadinhos, é por causa disso que eu estou aqui, é já pensando no dia de amanhã porque eu agora não tinha falta disto, o dia de amanhã é que é, nos

anos que aqui estou tenho visto um quase morto lá na enfermaria, se me calha a acontecer aquilo na minha casa ninguém me chega ao pé (*leva as mãos á cabeça e eleva o tom de voz*). Amanhã ou no outro dia pode-me aparecer qualquer coisa e o dinheiro não me cura, assim tenho quem me lave o rabo, sempre trabalhando com a cabeça o dia de amanhã ninguém o viu.



## **Entrevista 2**

Nasci no Algarve em 1917, tenho 90 anos já feitos. Éramos cinco irmãos, agora já somos quatro, um faleceu num desastre em Faro e depois os meus pais vieram para o Alentejo tinha eu onze meses, o meu pai era rendeiro de fazendas, hortas e coisas assim *(fala baixo e pausadamente)*.

Andávamos de horta em horta, de fazenda em fazenda e fomos criados no Alentejo, o meu pai arrendou uma propriedade a pé de uma aldeia e eu andei à escola lá, foi na aldeia de Vale de Vargo Concelho de Serpa fiz lá a quarta classe.

Comecei a trabalhar com cinco anos, ficava ao pé de um burro que andava tirando água com uma varinha tocando no burro para ele não parar, era sempre na parte da tarde que o meu pai me dizia ficas aí com o burro e não o deixes parar senão levas um pontapé *(sorrir)*. De tudo isso eu me lembro, há já tanto ano. Trabalhava com o meu pai, regava o meu pai abria o tanque com uma água leve para que não desse muito trabalho e eu ia regando *(faz uma pausa na narração e baixa a cabeça)*.

Já depois de casado ainda continuei a trabalhar na agricultura, casei aos 29 anos com uma rapariga de 18 anos e já vai fazer dez anos que ela morreu eu ainda cá estou, tínhamos doze anos de diferença mas calhou-lhe a ela primeiro. Tivemos dois rapazes, tenho duas netas e dois netos e vem uma bisneta a caminho daqui por um mês e meio é filha do meu João que é tenente na força aérea *(gesticula e sorri quando fala da família)*.

Vêm aqui quando podem a vida deles é em Lisboa, o meu filho é que vem aqui quase sempre.

Amigos sempre tive poucos ao longo da vida, eu era pessoa que parava pouco num sítio só, onde parei mais tempo foi no Penedo Gordo, tive ali 22 anos, conheço ali muita gente, às vezes passam aqui estão aqui um pouco comigo. Quando eu era mais ligeiro, estou já um pouco cansado, não me dá assim vontade porque não posso sair, estou bem é sossegado. É a vida de noventa anos não tem outra maneira de ser *(entrelaça os dedos)*.

Ainda me lembro de quando era novo e ia aos bailes e às festas, eu dançava com esta e aquela não havia rapariga nenhuma que me desse cabaço, fosse lá quem fosse, todas gostavam de dançar comigo eu era muito rápido, parece que as raparigas

gostavam da rapidez (*sorri*). Uma vez por estar bêbado num baile e andar a passar das marcas a guarda pegou em mim e levou-me para o calabço. No regime de Salazar fui dormir ao calabço da guarda republicana tinha eu 20 anos já fez 70 anos que isso aconteceu, a minha sorte foi um guarda que lá estava que era amigo da minha família e me deu uma manta para eu dormir.

A vida nessa altura era muito difícil, mas nós graças a Deus não passámos grandes dificuldades, o meu pai era homem que não gostava de patrões e arrendava as propriedades por conta dele.

Vim aqui para o lar de minha vontade há sete anos, eu vim para aqui porque tenho uma nora que teve um derrame cerebral, ficou aleijada, não fala, não conhece nada era uma professora distinta. Então a minha mulher morreu e eu vim para casa do meu filho eu comecei a pensar o que é que fazia ali. Estava todo apanhado, a minha nora está naquela desgraça, é mais um peso em cima do meu filho (*a sua expressão fica séria a denotar tristeza*).

Comecei a andar aqui rondando isto, ver como era como não era o ambiente aqui da casa, houve um amigo que me disse,

- Venha para aqui que isto é bom. Então eu alistei-me, quando fui chamado é que contei aos meus filhos e aos meus netos que ia para o lar, eles disseram-me

-você não vai para lá nada, você está aqui bem faz companhia à minha mulher e assim ela está aqui sozinha.

Eu só lhe disse está bem, quando eles souberam já eu estava no lar. Fui-me adaptando aos poucos e conhecendo as pessoas, fiz logo novas amizades (*levanta a mão e dá ênfase ao discurso*).

Aqui há uns nove anos tive uma trombose cerebral, que me está a afectar muito, aqui do lado esquerdo estou todo dormente, do lado direito não estou, as duas partes pegadas uma na outra uma está boa e a outra não presta. Agora já saio pouco o lado esquerdo não me deixa andar bem, tenho sempre dores, farto-me de tomar comprimidos que não me fazem bem nem mal.

Durante o dia falo com um, com outro e dou uma voltinha aqui perto às vezes vou a uma mercearia que está aqui perto e compro ali um bolo, para ir passando o tempo melhor. Quando era mais novo às vezes ia a casa dos filhos, mas agora já não, tenho um filho com quem não falo portou-se mal comigo e cortámos relações para não

haver mais nada (*fica com lágrimas nos olhos*). Agora o meu filho mais velho quando pode vem, mas tem uma vida complicada pois a mulher está naquele estado.

Pensei sempre que ia ter uma vida dificultosa foi por isso que vim para aqui. Imaginava o pior uma casa sem mulher não é nada. Se não viesse para aqui já não era vivo, aqui sempre tenho com quem falar (*termina o discurso a falar muito baixinho*).

### **Entrevista 3**

Nasci na aldeia da Trindade em 1921, sou poeta, aliás faço as minhas poesias e tenho três livros editados, tenho a terceira classe, comecei na escola com oito, nove anos. Éramos seis irmãos mas já não tenho nenhum vivo, eu sou o único que cá estou, sou o único, infelizmente já lá estão todos coitados. *(Sorri)*

Eu trabalhei em muitas profissões fui... trabalharam mais foi na agricultura, na agricultura mais fazia os serviços da agricultura, fazia de tudo, tudo, tudo. Trabalhei em tudo, limpei árvores e fui condutor de máquinas muitos anos e enfim a minha profissão foi essa, depois comecei a trabalhar também em pedreiro já depois de uma certa idade e é assim... Comecei a trabalhar no campo com dez anos, era para ajudar a família pois era isso

Quando era novo, não havia festas nenhuma que eu não fosse, era muito amigo de festas, era uma coisa que eu não perdia era qualquer festa, bailes era a mesma coisa, eu não podia perder um baile, era muito evoluído nessas coisas, quando era novo era a coisa que eu mais gostei, que eu mais adorei foi isso e festas não perdia uma festa sequer, lembro-me de dançar muito, até ganhei um prémio na dança, mas isso há tanto ano já que isso foi, ganhei o primeiro prémio a dançar, infelizmente essa que ganhou o prémio comigo já cá não está, infelizmente já morreu eu ainda cá estou, mas festas adorei sempre, sempre foi coisa que adorei sempre, agora é pena eu não estar já capaz dessas coisas. *(Sorri de forma saudosista)*

Fiz agora dia nove de Janeiro oitenta e sete anos, é um bocadinho já avançado, é uma idade muito avançada, muito avançada, com a idade que eu tenho ainda eu tenho uma ideia muita boa, porque aquilo que eu aprendi na escola claro, ainda sei muita coisa que eu aprendi na escola, que nem todos tiveram a paciência de decorar o que eu decorei, não têm paciência para isso, muita gente se admira como é que eu tive paciência para decorar tanta coisa, até tive paciência para isso, agora já não o faria está bem mas... ainda hoje, ainda digo muito, ainda digo um bocadinho de história, de gramática, ainda digo um bocadinho de tudo um pouco, ainda digo muito que aliás muita gente já está esquecida mas eu ainda tenho tudo de ideia. *(deixa transparecer orgulho no seu discurso)*

Saí de casa dos meus pais já com vinte e tal anos, eu não casei, eu juntei-me com a senhora tem que se dizer as verdades, depois aliás tive seis filhos, o primeiro

nasceu tinha eu vinte e três, vinte e quatro anos, felizmente hoje todos têm os seus empregos não é...estudaram até á quarta classe, tenho um que fez o quinto ano, enfim todos apanharam pronto, só tenho uma filha mais velha que hoje já tem sessenta e tal anos é que não conseguiu ir á escola, nesse tempo não podia ir à escola por causa de criar os irmãos, aprendeu a ler, a escrever uma carta, mas foi já do que os irmãos lhe ensinavam e ela aprendeu a escrever uma carta ainda, já tem sessenta e tal anos, sessenta e quatro anos. Fiquei viúvo, a minha mulher morreu nos dias em que ia votar, morreu nos votos, foi em 1975 que ela morreu, estava a votar, morreu nos votos isso ficou-me muito bem de lembrança, há trinta e tal anos, estava a votar e deu-lhe uma coisa súbita e aliás caiu, morreu logo. Foi uma grande perda as nossas mulheres são o nosso amparo também, assim que ela me faltou pronto.Tenho, tenho uma boa relação com os filhos todos. (*denota tristeza na forma como fala da esposa*)

Tive sempre muitos amigos, tive sempre muitos amigos, sempre, sempre, sempre...tive muitos amigos vivi sempre na minha terra na Trindade, depois é que me reformei e vim para aqui para Beja para o lar, há aí uns sete ou oito anos mais ou menos que eu estou aqui. Tive sempre na minha casa, depois fui para casa de uma filha, fui para Lisboa onde ainda trabalhei numa empresa, depois a empresa fechou e eu fui – me embora

Vim para aqui por minha própria vontade, fiz vários pedidos aí mas depois a minha filha pediu para eu vir para este lar, há aí mais lares para onde ir, mas aqui é que eu gostei mais deste lar e vim para este lar foi para aqui que vim e aqui estou até que Deus me dê a morte e não deve faltar já muito com oitenta e sete anos.

Adaptei-me bem á vida no lar, tive e tenho ainda muitas amizades, tenho muitas pessoas que me conhecem que me vêm visitar. Tenho muitas visitas, muitas visitas, como tenho muita gente visitas não faltam, só netos tenho treze netos, bisnetos são sete ou oito bisnetos e é assim. Quando eu fiz aí anos a última vez, que festejei aqui os anos eram vinte e quatro pessoas ali á minha mesa, vinte e quatro familiares, eles diziam-me então assim: - Tio Mário isto foi um casamento, isto não foi baptizado foi um casamento, veio gente de todos os lados, parece que se combinaram nesse dia, vieram todos aos meus anos. (*fixa o olhar numa flor do jardim*)

Agora daí para cá andam trabalhando não podem vir, eu gostava que eles viessem também festejo aqui os anos á mesma, mas eles não podem vir têm as suas vidas é assim. (*fica com lágrimas nos olhos*)

Saia muito aqui do lar, agora já não posso sair, eu quero sair mas as pernas já não me deixam. Eu gostava tanto de passear, eu gostava tanto de tudo pronto, uma coisa que eu não podia perder eram os convites que eu tinha para todo o lado sempre e agora já não posso pronto, vêm ter comigo para concorrer a concursos ainda ganhei alguns concursos e então hoje é impossível mesmo com a idade que eu tenho já não tenho a ideia que eu tinha, tudo tem o seu tempo, bastante pena tenho de não ser o mesmo que era antigamente eu tocava muito harmónica, punha-me em cima de uma mesa tocando harmónica fazia os bailes, convidavam os tocadores de concertina eles não vinham, quem fazia os bailes era eu, depois pagavam-me era só tocar, tocar. Já depois de estar aqui no lar ainda gostava muito de ir às festas mas já não posso é assim, é assim ainda recebo muitos convites.

Ainda me lembro do que aprendi, ponho-me a falar às vezes as pessoas até se aborrecem de me ouvir, nunca mais se cala, nunca mais se cala, não compreendem o que agente está a dizer e chateiam-se de ouvir aquilo, é uma coisa muito comprida, muito grande, uma conversa muito comprida, aquilo chega a pontos que aborrece, há pessoas que gostam e há pessoas que não gostam, eu até vou falar aqui um bocadinho de história. *(estica um dos dedos enquanto recita a história de Portugal)*

A minha história de Portugal, principiava assim

Portugal constitui com a Espanha uma Península, a Península Hispânica Ibérica que compreendia o território das duas nações. Houve um tempo em que a maior parte que hoje forma o nosso país não tinha o nome de Portugal, essa maior parte actual constituía antigamente a Lusitânia. A Lusitânia não compreendia o Minho nem Trás – os – Montes e nem o Algarve e nem a maior parte do Alentejo, mas estendia-se muito mais para o Leste do que o nosso Portugal ocupado uma das grandes partes actuais da Estremadura Espanhola. Lusitanos eram bárbaros, Lusitanos eram bravos, robustos e audazes, mas viviam como bárbaros estavam divididos em muitas tribos deixavam a maior parte dos seus campos incultos infestados pelos ursos ou por javalis, não possuíam estradas. Lusitanos civilizaram-se um dia os Romanos que eram muito poderosos e civilizados vieram à Península e depois de muitas lutas conquistaram a Lusitana durante o seu domínio civilizáramos Lusitanos, fizeram leis sábias, abriram estradas construíram aquedutos fundaram escolas. No princípio do século IV quando o império Romano estava em plena decadência os Visigodos vieram estabelecer-se na Península fundando nela o império Cristão. Duzentos anos mais tarde os Árabes e os Mouros cuja religião era o maior motivo atravessaram o estreito de Gibraltar e derrotaram os Visigodos na Batalha de



Guadaleite e conquistaram quase toda a Ibéria (...) Pelo ano de 1080 Afonso VI rei de Leão recebeu na sua corte o Conde D. Henrique de Borgonha descendente do rei de França vinha combater os Mouros. O Conde D. Henrique viria a ser mais tarde pai de D. Afonso Henriques primeiro rei de Portugal (...)

Tenho muitos amigos e muita gente a perguntar-me aquilo que eu aprendi, isto é uma história que não tem fim. Eu às vezes ia fazer programas às escolas primárias e chamavam-me José Hermano Saraiva. Admiram-se de eu ter esta ideia ainda há dias veio-me cá um senhor entrevistar e ficou tudo gravado em CD.

Sinto-me aqui bem, agora o que é é a idade que já é muita pronto já não tenho a influência que eu tinha, perdi a influência toda, já não posso passear foi uma coisa que me deixou muita pena, já não posso por exemplo fazer poesia, mesmo o médico já me proibiu de fazer poesia eu canso-me muito, puxa muito pela ideia, já só faço poesia muito raramente, estraga muito a memória, às vezes tenho de ter um dicionário ali ao pé para não ficarem lá erros, para as coisas ficarem impecáveis. Agente chega a pontos que agente quer mas não pode, agora também já tenho muita falta de ouvido e de vista, já não sou nada do que era. *(fala com orgulho)*

Fiz as primeiras poesias aos dez, doze anos e depois comecei a dedicar-me à poesia e então até que comecei a fazer livros, os doutores disseram-me que puxava muito pela ideia, eu já caía aí na rua dizem os médicos que são vertigens e tonturas, se as pessoas não me jogassem a mão caía onde calhava, já estou proibido de sair daqui do lar por causa disso, eu ia ao hospital ver um doente e ficava eu lá, mesmo a doutora já não me deixa sair aqui do lar por causa disto, nunca mais fui a casa dos familiares, nem a casa dos filhos, tenho convite para ir lá mas não posso, já não estou capaz, as festas e os passeios para mim já se acabaram. *(baixa o tom de voz e olha para o céu)*

**Entrevista 4**

Nasci na freguesia da Salvada há 96 anos, e vivi lá até aos 42 anos”.

O meu pai faleceu com uma congestão, nessa noite, foram-me chamar ao trabalho para eu vir acompanhar o meu pai. Era eu e outra irmã mais velhinha do que eu, viemos as duas para acompanhar o meu pai( Luísa verte algumas lágrimas)

O meu pai morreu tinha eu 9 anos, e pouco depois a minha mãe arranjou um homem, eu e a minha irmã não gostámos muito, e da primeira vez que o vi quis-lhe jogar um alicate à cabeça (levanta o tom de voz).

Eu era parteira, moça de recados. Tinha coragem para tudo, hoje não tenho coragem para nada.

A minha madrinha que morava ali perto mandava-me fazer mandados. Fazia a comida fazendo conta com a gente, mas antes do comer eu e a minha irmã tínhamos de rezar. Como se começávamos a rir ela mandava uma para o jardim e fazia a outra rezar, quando essa acabava vinha a outra, quando a reza acabava é que agente ia comer (expressão séria).

Não fui à escola porque o dinheiro não dava, a gente tínhamos de trabalhar.

Eu era muito amiga de cantar e bailar a gente em novos só quer é festa, eu cantava muito bem sempre e então ia para a monda não queria saber de luto, nem disso, nem daquilo (gesticula bastante com as mãos e sorri).

Bom comecei a ir aos bailes com a minha irmã. Começámos a cantar, a fazer uma nova vida, até que arranjei um namorado, esse namorado gostava de mim, eu era uma moça nova tinha 17 anos (sorri e evidencia um brilho especial no olhar).

Não era como hoje, era só à porta é que a gente falava, não se falava cá diante de pais nem de mães em namorados (gesticula bastante com as mãos).

Bem comecei a namorar e eu ia aos bailes com a minha irmã, ele também era muito amigo de se divertir e tudo mais, e havia conversas sérias, até que ele me disse assim:

- Olha! A gente vai casar.

Bem ele começou a gostar de mim, eu comecei a gostar dele, arranjámos o casamento, a mãe dele gostava assim também muito de mim e casámos muito novos, ainda a minha mãe teve de ir dar o sim tinha eu 20 anos.

Bom, ao fim de 9 meses tive um menino que foi criado comigo e com os avós.

Nesse tempo havia uma guerra muito grande em Espanha. E então os preços que pagavam a gente eram pequenos e as coisas naquele tempo, o que davam aos pobres era 5 pães por semana e 1 litro de azeite, era tudo uma coisa de miséria não se ganhava para nada.

Não davam dinheiro, e o governo não dava autorização para darem mais coisas para a gente comprar, pois era só à conta, não podia passar daquela conta.

Eu trabalhava e andava sendo manjeira, e então andava gente com muito filho trabalhando e a miséria era muita e não podiam comprar porque não davam mais mercearia, nem mais nada era só aquela conta.

Mas eu como era encarregada do trabalho dos patrões, dispensavam-me coisas às escondidas.

A gente durante a semana íamos trabalhar para o mesmo patrão e ao domingo davam mais 10 ou 5 tostões para a gente ir ganhar, para ver se chegava mais alguma coisa, porque a miséria era muita

E então sabe o que eu fazia, falava a 10 ou 15 mulheres para irem mondar, ceifar ou qualquer coisa eu fazia assim, pessoas de mais idade faltando 15 minutos para abalar vão aí pela estrada, não façam vereda cada uma vai para seu sítio para o patrão não se zangar. Porque a gente depois vamos ter com vocês à estrada para ir tudo junto que eu não roubo patrões nem criados, o que faço é trabalhar mais.

Eu não mandava as mais velhotas irem buscar água, iam as mais novas buscar água aos poços que tinham boa perna.

Não havia para luxos, não havia para comer com jeito, mas éramos todos amigos uns dos outros, a gente auxiliava-se, não havia hospitais para ter filhos. Havia hospital mas era lá para quem era (gesticula e sorri).

Eu tenho ido sempre à missa, nos dias santos íamos mondar até ao meio dia e de tarde já não se tocava na terra era só rezar. As pessoas que andam metidas nessas coisas, dizem Deus Jeová, mas eu nunca aprendi essas coisas.

**Entrevista 5**

Nasci em Santa Clara do Louredo, vim para Beja tinha um mês, entrei para a escola com 7 anos, fiz a quarta classe. Tenho oito irmãos éramos dez, mas morreram os outros três. Tenho 82 anos, faço 83 para o mês que vem (*expressão séria*).

Casei aos 45 anos com um senhor que era viúvo, ele era reformado da GNR, morreu há 7 anos, depois dele morrer tive uma trombose e vim para o lar, já tive aqui três vezes acamada sem andar, sem comer, mas tenho melhorado, já vou andando, estou contente de estar aqui porque é uma instituição que me tem tratado sempre bem. Reformei-me aos 57 anos por invalidez

Faz três anos para Fevereiro que estou aqui. Trabalhei sempre em casa, vivi com os meus pais até casar aos 45 anos. Na minha juventude era uma pimpona, gostava de ir aos bailes, dançava desde a noite até ao amanhecer, gostava muito de dançar e ainda hoje gosto só que eu já não posso (*deixa transparecer saudosismo no seu discurso*). Os meus pais deixavam-me ir quase sempre, o meu pai teve uma filha que morreu aos 16 anos, eles não a deixavam ir a lado nenhum depois ela morreu e então fiquei eu, quando eu era já mulher deixavam-me ir a todo o lado. Tive um namorado muitos anos mas esse namorado não deu casamento porque ele arranjou uma rica e casou com ela, mas graças a Deus arranjei um bom casamento, o meu marido era uma boa pessoa (*sorri*).

A morte do meu marido foi uma grande perda porque ele era uma boa pessoa (*chora compulsivamente*). Nunca tive filhos, tenho sobrinhos, tenho irmãos, tenho cunhadas, primos, costumam cá vir quando podem, o ano passado ainda fui a casa deles este ano já não fui porque não estava em condições, já não podia andar, ia mais vezes sem ser pelo Natal ou pela Páscoa, mas agora já não posso.

Desde que estou na instituição praticamente não saio a lado nenhum, só fui a Fátima passear e à praia, com dificuldade mas fui.

Sou muito crente, já há muitos anos sou católica praticante.

Vim para o lar porque já não podia estar sozinha e vivia sozinha em casa, já não podia fazer nada. Estive muito mal fui para o hospital e do hospital vim para o lar (*gesticula*).

No lar levanto-me por volta das oito horas da manhã, depois da higiene já feita tomo o pequeno almoço, sento-me, umas vezes tenho animação outras não é conforme, depois almoço, depois tenho as visitas, quando elas cá vêm, depois tenho o lanche às quatro horas às seis e meia janto e como gosto de me deitar cedo, sempre gostei desde nova, até gostava de me deitar de dia.

Fiz novas amizades aqui no lar, baptizou-se aqui uma senhora eu é que fui a madrinha, mas essa senhora já cá não está, fez-se aqui uma grande festa essa minha amiga tinha perto de 80 anos (*deixa transparecer orgulho no seu discurso*).

Adaptei-me facilmente, porque já estava habituada a vir aqui visitar um familiar e dizia sempre que quando não pudesse gostava de vir aqui para o lar, não vim mais cedo porque a minha sobrinha não deixou, ainda tive três anos em casa com uma sobrinha a olhar por mim, (*o seu discurso deixa transparecer algum conformismo*) depois deu-me aquela coisa a minha sobrinha sozinha não podia tratar de mim e os outros sobrinhos não queriam tive de vir para aqui.

Se não tivesse no lar a minha vida seria muito triste, já sem poder grandes coisas, sou uma pessoa muito alegre sempre gostei de andar na rua e fazer visitas e agora já não posso fazer grande coisa, aqui vejo muito mais gente (*expressão triste*).

Daqui para a frente vejo-me cada vez pior, a cabeça está muito doente, sou diabética, tomo medicamentos para a tensão, para o colesterol, ao todo são sete comprimidos por dia (*expressão triste*).



**Entrevista 6**

Nasci na Figueira dos Cavaleiros, criada e nascida, fiz 83 anos no dia 22 de Junho, já fiz cá. Tinha oito irmãos quatro irmãs e quatro irmãos. Não cheguei a ir à escola no meu tempo não havia escola, nunca cheguei a entrar numa escola, nem o meu nome sei fazer, nenhum foi à escola não havia lá escola nesse tempo, já há muito ano não havia escola, agora é que são todos obrigados a ir à escola mas no meu tempo não era.

Comecei a trabalhar com 12 anos, a mondar, ceifar, apanhar grãos, apanhar azeitona, estes trabalhos todos.” (Sorriso)

Durante a minha juventude ia a festas, a bailes, a festas de Carnaval, a tudo isso ia a isso tudo, eu sabia dançar, eu sabia cantar, ia a um baile era até ao fim, andávamos na monda cantávamos dias inteiros na monda, com um sacho na mão a mondar e com a ceifa começava a ceifar, começava a cantar. As festas no tempo antigo era bailes, fazíamos mastros, depois bailávamos à roda dos mastros. Os moços queriam agente mas agente às vezes não os queria eu não gostava de bailar com todos, gostava com aqueles que bailavam bem, que eu também bailava bem.

Os meus pais era mau deixarem-me ir mas eu adorava um baile, ainda hoje gosto de ver um baile.

Ia também à missa todos os Domingos, não era obrigatório, ia quem queria, rezava o terço sei rezar o terço.” (coloca as mãos como se estivesse a rezar)

Sai de casa dos meus pais aos 24 anos, juntei-me e depois casei-me ao fim de quatro meses, mesmo depois de casada continuei a trabalhar no campo, era uma vida muito dura, cheguei a passar privações às vezes o patrão não pagava ao Sábado e tínhamos de ir buscar os avios fiados para dar comer aos nossos filhos, foi sempre uma vida de pobre. Tenho três filhos, tenho uma filha que trabalha aqui no lar, tenho um com 43 anos que é solteiro e tenho outro com 54 anos que é casado, fizeram os três a quarta classe, era outro tempo já era uso ir à escola e eles iam. (desvia o olhar)

Ainda ontem aqui estive o meu filho o casado, às vezes o solteiro também vem, não vem todos os dias, vem de oito em oito dias, eles moram em Figueira de Cavaleiros, eu estou aqui, não podem vir todos os dias, olhe agora o mais novo está na Espanha. Vem quando tem vagar, quando não tem não vêm.

Tenho uma boa relação com toda a família, tenho filhos, sobrinhos, tenho dois netos e cinco bisnetos.

Meu marido morreu há 16 anos, morreu no dia 10 de Agosto, ele tinha uma angina de peito não podia trabalhar quem tinha de trabalhar era eu para sustentar a casa. *(Chora)*

Tive sempre na minha casa até vir para aqui, vim para aqui porque o meu filho solteiro vivia comigo e anda com os camiões por esse país todo e eu não podia estar sozinha dentro de quatro paredes. Como fui operada às duas pernas não podia fazer as coisas e a minha filha trouxe-me para aqui, há oito meses que aqui estou.” *(olha fixamente para o chão)*

Gosto muito de estar aqui, gosto muito da Doutora que é da minha terra e as empregadas são todas muito boas, gosto delas todas.

Já sai da instituição duas vezes, fui uma vez à praça da República e fui outra à piscina da Vidigueira, depois começou o Inverno e acabou-se os passeios.

O meu dia a dia é vestir-me, lavar-me, comer, estar sentada um bocadinho e dar uma volta pelos corredores, mais nada.

Gosto de estar aqui, mas a adaptação não foi fácil, não há lugar como a nossa casa, mas eu não posso lá estar tenho de estar aqui.

Se não tivesse no lar estava lá a penar sem ter ninguém que tratasse de mim, as pernas não me deixam andar e não consigo obrar sem beber um chá é um castigo.*(verte algumas lágrimas)*

Daqui para a frente imagino a minha vida para pior, a idade vai avançando e vão aparecendo coisas que agente não espera, coisas boas não posso esperar, espero ter menos força, acontecer-me qualquer coisa.

Não me sinto propriamente sozinha, tenho aqui a minha comadre, sentamo-nos aqui um bocado a conversar. *(baixa o tom de voz)*